



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Centro de Estudo e Pós-Graduação em Américas
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas

Planejamento familiar na Igreja Católica, entre o discurso e a prática.

Luciana Fonseca de Aguiar

Maio
2014

Planejamento familiar na Igreja Católica, entre o discurso e a prática.

Luciana Fonseca de Aguiar

Orientadora: Professora Doutora Lia Zanotta Machado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília no dia 30 de maio de 2014, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Banca examinadora:

Professora Doutora Lia Zanotta Machado (DAN/UNB) (Presidente)

Professora Doutora Rebecca Lemos Igreja (CEPPAC/UNB)

Professor Doutor Camilo Negri (CEPPAC/UNB)

Professora Doutora Fernanda Antônia da Fonseca Sobral (SOL/UNB)

Professor Doutor Arno Vogel (UENF)

Suplente:

Professor Doutor Benício Viero Schmidt (CEPPAC/UNB)

À Deus e Nossa Senhora.

Agradecimentos

Com grande dificuldade escrevo estes agradecimentos. Em uma jornada de seis anos, muitas pessoas colaboraram e fizeram parte do trabalho que aqui se apresenta. Não tenho pretensões de conseguir exaurir a lista de todos aqueles que contribuíram, mas usarei as instituições e os lugares por onde passei que possibilitaram os encontros e as trocas necessárias para a construção da presente tese.

Sou grata à Universidade de Brasília, onde há quase quatorze anos desenvolvo minha formação, que me abriu diversas portas e me possibilitou um real amadurecimento. Ao Centro de Estudo e Pós-Graduação em Américas, que me acolheu nos últimos anos para o doutoramento. Aos colegas Fernanda Teixeira, Cynthia Mara, Luís Carlos, Ticiane, Marcela, Gabriela, dentre inúmeros outros que passaram neste longo tempo de Universidade.

Aos professores Henrique Castro, Fernanda Sobral e Cristhian Teófilo, pelo apoio durante os anos de doutorado. Aos professores Roberto Cardoso de Oliveira, Barbara Freitag e Carlos Benedito Martins, que fizeram parte de minha trajetória acadêmica e tanto acrescentaram em minha capacidade intelectual.

À professora Sabah Mahmood pela acolhida na Universidade Berkeley.

À professora Lia Zanotta, minha orientadora, que comprou a ideia desta tese e colaborou de maneiras mais diversas, com sinceridade, docilidade e perseverança.

Para a realização do trabalho de campo nos EUA, agradeço à Julie Marie, quem me apresentou pessoas e lugares interessantes para circular e colher informações para a pesquisa. Ao Ed Hofney, pela tranquilidade e as longas conversas e por todas as informações e contatos que me ofereceu. Aos casais Andrea e Ron, Francisco e Fabyola e ao casal Schlientz de Livermore. À família Piazza pela acolhida e convivência, em especial à Angela, que me auxiliou nos cuidados com Ana Lúcia, no aprendizado do inglês, nas aventuras

da pesquisa de campo e pela troca sincera de informações acerca do cotidiano familiar.

No Brasil inúmeras pessoas colaboraram durante o doutorado. Agradeço à Equipe dos Métodos de Brasília, pela amizade, por abrirem as portas de suas casas e famílias, pelos estudos proporcionados. Suzi e Marco, Junior e Cláudia, Sérgio e Talita, Walter e Tatiane, meu muito obrigada. À Comissão de Bioética da Arquidiocese de Brasília, em especial aos padres Eduardo Peters e Paulo de Matos e à dra. Lenise Garcia. Aos Promotores da Vida, particularmente, Patrícia e Ana Beatriz. Aos amigos virtuais, que são inúmeros.

À minha família de origem, inspiração primeira e mais importante para tantos anos de estudo. Meus pais, João e Lucia, que acreditaram e se sacrificaram para oferecer uma educação de qualidade e, mais que isso, possibilidade de uma vida repleta e feliz. Aos meus irmãos, Oséias, Carolina, Daniel e Gabriela, companheirismo e amizade definem tudo o que vivemos juntos.

À família que estou construindo. Wander pelo imenso amor, cuidado, amizade, apoio. Por sonhar junto e não se esquivar nas batalhas e nos momentos de dificuldade. Não só na elaboração da tese, mas na edificação de uma vida. Ana Lúcia e Joana minhas companheiras, deveriam receber o título de doutoras junto comigo. E aos que estão a caminho, seja na barriga, no coração ou no pensamento.

Durante três anos do período de duração do doutorado fui beneficiária de bolsa de estudo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CnPQ), inclusive durante os meses que estive em Berkeley (julho a dezembro de 2010), quando recebi bolsa e custeio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (CnPQ).

Resumo

O presente estudo analisa a construção das relações familiares dos católicos que optaram pelo uso de métodos naturais para o planejamento familiar. O trabalho de campo para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado na Bay Area de San Francisco, Califórnia e Brasília. Foram levados em conta os aspectos históricos da atuação da Igreja Católica e dos agentes de planejamento familiar nos dois países. A pesquisa fundamenta-se, metodologicamente, em observação participante, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos da Igreja, do discurso dos diferentes grupos que ensinam métodos naturais de planejamento familiar e dos homens e mulheres católicos que optam por usar tais métodos. Assim, a tese aborda questões como religiosidade, casamento, sexualidade, contracepção, gravidez, maternidade, paternidade e gênero. O pertencimento religioso é vivenciado como escolha individual assim como o é a escolha dos métodos de planejamento familiar pelos parceiros. Entre o valor da escolha religiosa e a força de ordenamento do princípio do planejamento familiar pelos métodos naturais sobre as práticas da vida dos casais, da família e dos indivíduos, instaura-se um campo de acordos, tensões e disputas que, assim, introduzem entre o discurso e a prática, flexibilizações. Por meio da pesquisa constatou-se a presença de diferentes arranjos familiares, seguindo dois tipos básicos, aqueles que optam pelo método em si e os que optam por uma coerência doutrinária. Ambas as opções são justificadas por argumentos religiosos, e apresentam tentativa de articular as diversas esferas da vida individual e familiar.

Abstract

The present study analyzes the construction of family relationships among catholic people who have chosen to use natural family planning methods (henceforth NFP). The fieldwork for the development of this research has been conducted in San Francisco's Bay Area (USA), California (USA) and Brasilia

(Brazil). Historical aspects of the action of the Catholic Church were taken into account, as well as the characteristics of family planning agents on both countries. The research is methodologically based upon participant observation, semi-structured interviews, analysis of Church documents and of the discourse of the different groups that teach NFP and catholic men and women who have chosen to adopt such methods. Consequently, the thesis approaches issues such as religiosity, marriage, sexuality, contraception, pregnancy, parenting and gender. Religious belonging is experienced as an individual choice, as it is the option for NFP by the partners. Caught in between the value of the religious choice and the ordering strength of the principle of NFP on the practices of the couples, on the family and the individuals' lives, a field of agreements, tensions and disputes is established, introducing, thus, flexibility between discourse and practice. The research verified the presence of different family arrangements, following two basic types: those who choose the method itself and those who make an option for doctrinal coherence. Religious arguments are used to justify both options, trying to articulate the several spheres of individual and family life.

Lista de Siglas

C&C – Couple to Couple League. CEB – Comunidades Eclesiais de Base.
CENPLAFAM - Confederação Nacional de Planejamento Natural da Família.
CEPPAC – Centro de Estudo e Pós-Graduação em Américas.
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
DF – Distrito Federal.
DHEW – Departamento of Health Educacion and Walfare.
DIU – Dispositivo Intrauterino.
DIU-LNG – Dispositivo Intrauterino com Levonorgestrel.
DST – Doença Sexualmente Transmissível.
EMB – Equipe do Método de Brasília.
EOA – Economic Opportunity Act.
EUA – Estados Unidos da América.
FMI – Fundo Monetário Internacional.
HIV/AIDS – Síndrome da imunodeficiência adquirida.
LAM – Amenorreia Lactacional.
MN – Métodos Naturais de Planejamento Familiar.
MOB – Método de Ovulação Billings.
NCCB – National Conference of Catholic Bishops.
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas.
PAISM – Programa de Atenção Integral a Mulher.
PBI – Padrão Básico de Infertilidade.
PF – Planejamento Familiar.
PFN – Planejamento Familiar Natural.
RCC – Renovação Carismática Católica.
TCB – Temperatura Corporal Basal.
TL – Teologia da Libertação.
TOB – Teologia do Corpo.
WOOMB – Women Observing Ovulation by Method Billings.

Sumário

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1 - O PLANEJAMENTO FAMILIAR	22
ASPECTOS HISTÓRICOS RELACIONADOS ÀS PRÁTICAS DE PLANEJAMENTO FAMILIAR.....	24
O MOVIMENTO FEMINISTA E A DEFINIÇÃO DOS DIREITOS	27
A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA	32
CAPÍTULO 2 - OS MÉTODOS DE PLANEJAMENTO FAMILIAR	46
HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE PLANEJAMENTO FAMILIAR.....	48
OS MÉTODOS NATURAIS DE PLANEJAMENTO FAMILIAR.....	52
O ENSINO DOS MÉTODOS NATURAIS NA IGREJA CATÓLICA	62
CAPÍTULO 3 - CORPORALIDADE E SEXUALIDADE	67
OS DISCURSOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS ACERCA DA SEXUALIDADE E DA CORPORALIDADE.....	67
A SEXUALIDADE PARA A IGREJA CATÓLICA	76
A SEXUALIDADE PARA OS CASAIS CATÓLICOS	82
CASTIDADE E GÊNERO PARA A IGREJA CATÓLICA	88
CASTIDADE E ABSTINÊNCIA DA SEXUALIDADE SEGUNDO OS CATÓLICOS	92
CAPÍTULO 4 - FAMÍLIA E GÊNERO	96
SER HOMEM, SER MULHER	96
SER PAI, SER MÃE	107
SER FAMÍLIA.....	115
CAPÍTULO 5 - OS TIPOS DE PROJETO DE FAMÍLIA: A OPÇÃO PELO MÉTODO E A OPÇÃO PELA COERÊNCIA DOCTRINÁRIA.....	125
OPÇÃO PELO MÉTODO EM SI, USO DO MÉTODO COMO PLANEJAMENTO FAMILIAR	130
OPÇÃO PELA COERÊNCIA DOCTRINÁRIA, O USO DO MÉTODO COMO FORMA DE ESPAÇAMENTO	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
BIBLIOGRAFIA	152

Introdução

Esta tese tem como tema o Planejamento Familiar na Igreja Católica e é um estudo comparado entre o Brasil e os Estados Unidos. Minha decisão de realizar este estudo foi motivada pela convivência com diversas famílias católicas que se encontravam em meio ao debate e à decisão acerca do planejamento familiar. Na convivência, ao mesmo tempo em que aprofundava a formação religiosa, despertava minha curiosidade como cientista social, especialmente ao observar que a opção por um determinado tipo de planejamento familiar, poderia influir de maneiras diversas nos arranjos familiares, na vida de homens, mulheres e na de seus filhos.

A possibilidade oferecida por esta proximidade do público alvo da pesquisa e o conhecimento sobre os aspectos religiosos que fundamentavam suas opções, ao mesmo tempo em que foi um facilitador, dificultou o desenvolvimento da pesquisa. A facilidade se apresentou na pesquisa de campo, pois as portas dos diferentes ambientes e espaços encontravam-se abertas, e pude usufruir da possibilidade de circular, observar e acompanhar as atividades dos grupos religiosos e também das famílias em seus espaços íntimos e atividades cotidianas. Tive também fácil acesso às pessoas para a realização das entrevistas, tanto no Brasil quanto nos EUA, bem como para conseguir informações por meio de conversas informais. No entanto, a minha proximidade epistemológica e moral com o objeto de pesquisa se apresentou como um empecilho, principalmente no momento da análise e da escrita da tese, obrigando que saísse de um discurso familiar e utilizasse as ferramentas das ciências sociais para questionar e analisar os aspectos observados com um novo olhar.

Com isso, o desenvolvimento da tese se tornou um grande desafio enquanto cientista social, embora, durante toda minha formação enquanto socióloga tenha sido um treino para tal. O desafio foi múltiplo, no trabalho de campo para apurar o olhar e conseguir enxergar nas ações e discursos familiares, aspectos relevantes para o estudo. Durante a análise na tentativa de

desnaturalizar toda cosmologia encontrada e ao longo da escrita da tese, ao tentar não incorporar o discurso religioso na explicação. Aproveitei-me da interdisciplinaridade proposta pelo Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas, CEPPAC/UnB para me aproximar da antropologia e sua vocação de estudar e compreender os modos de pensar e agir. Além de apresentar, por meio de uma etnografia, a cosmologia e o cotidiano de um grupo tão diferente dos cientistas sociais e dos demais grupos estudados por eles.

Do mesmo modo, o estudo é comparado conforme os ditames do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do CEPPAC/UnB, sendo a opção de comparar Brasil e Estados Unidos justificada por suas significativas diferenças nos aspectos religiosos do catolicismo brasileiro e americano e também na história de suas práticas relacionadas ao Planejamento Familiar. A escolha deveu-se ainda à maior facilidade em compreender a língua inglesa do que a espanhola, que até o momento nunca havia estudado. A comparação foi fundamental neste processo de afastamento do objeto de pesquisa, pois, a observação da realidade americana, me permitiu o estranhamento e ao realizar a pesquisa de campo no Brasil, já tinha o olhar direcionamento.

Todavia, embora tenha havido grande esforço para solucionar as dificuldades apresentadas, a elaboração da tese foi marcada por tensões, inseguranças e receios. Ademais, o processo de escrita da tese foi marcado por constantes interrupções, dentre elas, por questões de saúde, sendo prolongada por um tempo maior que o convencional, tornando o texto final um produto de inúmeras revisões e alterações. Por fim, a tese se torna o encerramento de um longo período de estudos e pesquisas na UnB, possibilitado pela graduação e mestrado, culminando todo o esforço de formação e aprendizado.

Sobre o Planejamento Familiar, podemos dizer que os últimos 30 anos as opções e motivações envolvendo este assunto modificaram-se significativamente. As inovações tecnológicas sofridas pelos métodos de contracepção e sua conseqüente popularização após a década de 1960, a liberação da mulher e sua inserção no mercado de trabalho, as mudanças na configuração da família, as conquistas relacionadas à liberdade sexual e do

uso do corpo e a diminuição da influência religiosa no comportamento da população em geral foram aspectos que influenciaram o PF.

Os fatos citados não ocorreram de forma pacífica e isentos de conflito, a cada passo dado para uma maior democratização e liberdade individual, longas batalhas ideológicas, culturais e jurídicas foram travadas. Movimentos sociais, denominações religiosas e governos buscaram de diferentes maneiras imporem suas ideias e propor práticas para a população em geral. Neste sentido, aos poucos, as opções relacionadas ao PF foram se ampliando para homens e mulheres, seja pela garantia de um direito ou pelo maior acesso às tecnologias e conhecimentos.

Em contrapartida, no Brasil houve uma crescente qualificação doutrinária dos fiéis católicos, desenvolvendo nestes uma maior preocupação em ser um “bom católico”, que é aquele que segue todos os princípios da Igreja. Enquanto diminuía o quantitativo de pessoas que se declaravam católicas, a formação e o conhecimento daqueles que o são se tornou maior, fazendo com que estes estejam mais conscientes de suas opções e moldando suas trajetórias conforme as orientações da Igreja.

Foi neste contexto que pude observar como jovens casais estavam mediando as escolhas que envolvem o PF, em especial casais católicos, que ao casarem se viam diante da necessidade de pensar quando e quantos filhos teriam, quem seria responsável pela criação e os cuidados dos filhos, e o responsável pelo sustento da família, como espaçar, evitar ou conseguir a gravidez, que tipo de pai/mãe, esposo/esposa seriam. Além de observar o processo de construção destas famílias, percebi que estes assuntos se tornavam caros para a Igreja Católica, que passou a disponibilizar para seus fiéis um grande arcabouço de materiais, eventos e estudos sobre como constituir a família. Observei ainda o aumento da divulgação dentro da Igreja Católica dos Métodos Naturais de Planejamento Familiar (MN) com a Comunidade Canção Nova e o CENPLAFAM.

Pensar PF trouxe à tona diversas questões como religiosidade, sexualidade, relações de gênero, paternidade, maternidade, noção de família, e

apresentou informações relacionadas à intimidade da família e de seus membros. O Planejamento Familiar é ainda um tema heterogêneo, que se relaciona aos diversos aspectos da vida individual e familiar de nossa época, fazendo com que as trajetórias sejam diversas e passíveis de inúmeras influências. Deste modo, ao limitar os estudos em casais católicos, oficialmente casados, encontramos o fator religioso como centralizador, embora encontremos dentro do grupo católico uma variedade de discursos e práticas, principalmente no Brasil por conta da maior liberdade de interpretação doutrinária. Mas, não podemos deixar de levar em consideração que há pessoas com diferentes trajetórias e experiências individuais.

Sendo assim, a presente tese tem como objetivo compreender como estes casais estruturam suas vidas e suas famílias tendo em vista os aspectos religiosos e as necessidades e interesses relacionados às outras esferas da vida, como o profissional, econômico, o lazer e o consumo. A tese visa ainda debater a vivência dos papéis de pai e mãe, esposo e esposa, bem como o de homem e mulher dentro destes arranjos familiares. A explanação que segue visa situar teórica e metodologicamente a pesquisa desenvolvida sem ter como objetivo exaurir todo o debate acerca dos conceitos e teorias utilizadas.

Começando pelo trabalho de campo que foi realizado em três fases, a pesquisa exploratória no Brasil, entre março de 2009 e junho de 2010; a pesquisa de campo nos EUA de julho a dezembro de 2010 na região da Bay Area de San Francisco, Califórnia. Ao retornar dos Estados Unidos complementei a pesquisa de campo no Brasil, entre janeiro e maio de 2011, em Brasília. A pesquisa exploratória se iniciou antes da definição do projeto final de pesquisa, apresentado na qualificação do doutorado, em Brasília e em Cachoeira Paulista. Inicialmente, a ideia era desenvolver um estudo mais abrangente sobre catolicismo no Brasil e EUA. Com a necessidade de maior definição do objeto de estudo, vi no planejamento familiar um bom aspecto para ser estudado na atualidade.

Deste modo, após definir o planejamento familiar como tema da tese, iniciei a primeira fase da pesquisa de campo com pesquisas bibliográficas e fiz um levantamento de grupos e pastorais da Igreja que trabalham com as

temáticas relacionadas com casamento, família, namoro, sexualidade. Neste período passei a acompanhar as reuniões da Equipe dos Métodos Naturais de Brasília que acontecem todo terceiro domingo do mês. Na época estes encontros aconteciam no Seminário Maior de Brasília, no Lago Sul e contava com palestras de formação sobre temas relacionados à família, sexualidade e educação dos filhos, além de missa e testemunhos de casais usuários de métodos naturais.

Ainda na pesquisa exploratória, participei de um curso de formação para instrutores de métodos naturais oferecido pelo CENPLAFAM e pela Comunidade Católica Canção Nova, na sede desta em Cachoeira Paulista, São Paulo. O curso, de um final de semana, foi ministrado por duas enfermeiras australianas, participantes da equipe do casal Billings (criadores do Método Billings) e do *Woomb (Women Observing Ovulation by Method Billings)*. Os participantes eram oriundos de diversas regiões do país e, embora em sua grande maioria tivessem o interesse de se tornarem instrutores de Billings, alguns estavam lá apenas para aprenderem, colocarem em práticas ou se sentirem mais seguros, ou seja, por interesses pessoais ou familiares. Os instrutores participaram por orientação do CENPLAFAM para formação e padronização do atendimento e também para a certificação de sua equipe.

A formação de instrutores se apresentou muito técnica, ensinando detalhadamente os aspectos relacionados à fisiologia do corpo feminino, aos sinais de fertilidade e às regras do Método Billings. Em todas as palestras foram apresentados casos para estudo, exemplos de padrões considerados normais e atípicos, analisando gráficos e imagens. O discurso médico muito presente, com termos técnicos e científicos, aos ouvintes cabia um conhecimento prévio de fisiologia e noções do método Billings. Nos intervalos, observei que as pessoas conversavam sobre a sua própria vivência como usuário do método e como instrutor, relatando casos, dificuldades e soluções que conseguiram em cada situação. Este foi o primeiro momento que me saltou aos olhos a questão de que o planejamento familiar e o uso do corpo feminino não é um assunto apenas das mulheres, mas também dos homens ao ver que,

em muitos momentos, os homens falavam de suas esposas e de outras mulheres instruídas por eles com desenvoltura e segurança.

Durante este fim de semana conversei com muitas pessoas, que foram me apresentando aspectos interessantes de suas práticas com os relatos de vidas, de como começaram a utilizar os métodos e a serem instrutores. Os diálogos foram importantes para o desenvolvimento do roteiro de entrevista e para a pesquisa de campo como um todo. Neste evento pude perceber a centralidade do CENPLAFAM no trabalho desenvolvido em outras regiões do país. Em Brasília o trabalho deste centro não tem tanta capilaridade e há inclusive, disputa com a Equipe. Esta possui mais força na cidade por estar ligada diretamente com a Arquidiocese e com a sua Comissão de Bioética e Defesa da Vida. Além da importância do centro, ficou destacada a necessidade levantada pela Comunidade Canção Nova de popularizar o acesso à informação sobre os métodos naturais aos casais católicos.

Ao retornar de Cachoeira Paulista, antes de me dedicar a finalizar o projeto de tese, realizei um teste da entrevista com o intuito de finalizar a pesquisa exploratória. Do mesmo modo, com as informações acumuladas até o momento, finalizei e qualifiquei o projeto de tese e logo iniciei o processo para a viagem da pesquisa de campo, realizada por meio do doutorado sanduiche, financiado pela CNPq.

A segunda fase da pesquisa de campo se apresentou como a grande aventura deste doutorado. Um dos passos dados na organização para a viagem para os Estados Unidos, foi procurar por contatos que possibilitassem tanto que eu me acomodasse, levando em consideração minha situação familiar¹, quanto ter acesso às pessoas e espaços necessários para a realização da pesquisa de campo. Por meio de um grupo virtual de mães católicas brasileiras consegui resolver as duas questões. Ana, moradora de Santa Mônica na Califórnia, me apresentou a família de Livermore, cidade da

¹ Tive como companhia de viagem durante 4 meses Ana Lúcia, minha filha, que na época estava completando 2 anos de idade. Nos demais 2 meses, Wander, meu esposo nos acompanhou.

Bay Area, que me alugou uma quitinete e auxiliou nos cuidados de Ana Lúcia. Julie, brasileira que morou durante um período na Califórnia, me indicou Ed Hopfner, coordenador da Pastoral Familiar da Diocese de Oakland, que me abriu as portas da diocese e se tornou um importante informante.

Deste modo, no início de julho de 2010, parti para a Califórnia, junto com Ana Lúcia para realizar o doutorado sanduíche. Fui acolhida pela Universidade da Califórnia em Berkeley, sob a orientação da professora Sabah Mahmood, como pesquisadora visitante. Morei em Livermore, cidade situada a 60km de Berkeley e 70km de São Francisco, localizada mais ao interior do Estado da Califórnia e é uma cidade dormitório, boa parte de sua população de aproximadamente 80 mil moradores, tendo como principal atividade a vinicultura. A casa em que residi por este período ficava a 20 minutos de caminhada do centro da cidade e de lá tinha acesso fácil a toda cidade e às cidades vizinhas. Portanto, circulei por toda *Bay Area*, incluindo Oakland, Dublin, Fremont, Berkeley, Concord e El Cerrito, além das cidades de São José e São Francisco.

O trabalho de campo nos Estado Unidos foi organizado em três partes, (1) a observação da família Rizzo², que convivi intensamente, observando a rotina e conversando muito com o casal. Logo, teremos ao longo da tese exemplos de como esta família se organiza e vivencia o fato de ser católica, optar por um planejamento familiar natural, por ter muitos filhos (8 até o momento da pesquisa), praticar *homeschooling* e por apenas o esposo trabalhar fora. Inicialmente é importante destacar que o casal Rizzo é de ascendência italiana, ambos nasceram nos EUA, de famílias classe média, branca, vieram de outros estados, se conheceram em São Francisco e se casaram. Ele, de família católica, técnico da área de informática, trabalhava em uma empresa situada no sul da cidade de São Francisco. Ela se converteu ao catolicismo pouco antes de conhecê-lo, formada na área de letras, trabalhou por alguns anos até ter o segundo ou terceiro filho.

² Os nomes das famílias citadas ao longo da tese foram trocados para que não houvesse a identificação das mesmas.

(2) As entrevistas foram de dois tipos: com sacerdotes e leigos responsáveis pelas atividades relacionadas à família, planejamento familiar, cursos de noivos e orientação para o casamento e com casais ou mulheres usuárias de planejamento familiar natural. Neste sentido, entrevistei catequistas das duas paróquias de Livermore, o sacerdote da Paróquia St. Charles Borromeo, palestrantes de cursos de noivos, sendo um da Paróquia St. Michael e outro da Diocese de Oakland e o Ed Hopfner, coordenador da Pastoral Familiar da mesma Diocese. As catequistas colaboraram oferecendo informação sobre o funcionamento das paróquias, da forma como os temas relacionados à família, sexualidade, namoro e casamento são tratados nas diferentes pastorais e relatando suas experiências de vida. O sacerdote informou sobre o funcionamento da paróquia, como é o atendimento dos noivos e os procedimentos para a realização do casamento. Os palestrantes dos cursos de noivos relataram sobre como se desenvolvem os cursos, o perfil dos cursistas e também sobre suas experiências dentro da Igreja Católica.

Ed Hopner foi um personagem central no desenvolvimento da segunda fase da pesquisa de campo ao ser um precioso informante sobre a Igreja Católica nos Estados Unidos e em especial da região da *Bay Area*. Ed tem por volta de 35 anos, solteiro, profundo conhecedor de teologia e doutrina da Igreja. Há mais de 05 anos era coordenador da Pastoral Familiar, responsável pelos cursos de noivos e pelas demais atividades relacionadas à família. Por meio dele consegui os contatos com diversos casais instrutores de métodos naturais e ainda a possibilidade de assistir a cursos de noivos da diocese.

Por fim, especificamente sobre a vivência dos métodos naturais, entrevistei 07 casais, 01 homem e 02 mulheres. Sendo 03 casais orientadores do *Couple to Couple League (C&C)*, dois deles eram mais velhos, por volta de 60 anos, com os filhos crescidos. Devido à participação no C&C, as esposas não trabalhavam fora de casa, e optaram pelo *homeschooling*, ambos tinham 5 filhos, orientavam e ofereciam cursos sobre métodos naturais. Eram famílias brancas, de classe média, um professor universitário e o outro médico. O terceiro casal da C&C nasceu no México, ela veio ainda criança para a Califórnia e ele veio adolescente. Ela estava grávida do quarto filho e era uma

família mais simples, moravam em um bairro pobre de Oakland e dependiam da ajuda da família e da paróquia. Outros dois casais eram orientadores de métodos naturais pela Diocese. Um deles mais velho, também 60 anos e seguiam o mesmo padrão dos dois casais da C&C. O casal mais novo, assim como o sétimo casal que era apenas usuário de métodos naturais, apresentavam outro padrão, tanto homem quanto mulher trabalhavam fora de casa, não tinham filhos e não pretendiam ter a família muito grande. São de classe média, ainda estruturando a vida familiar. As entrevistas individuais contaram com um homem e uma mulher, ambos antigos orientadores dos métodos na região, e tinham o mesmo perfil dos casais do C&C. Finalmente, a última mulher entrevistada, orientadora pela diocese tinha uma experiência parecida com o casal mexicano.

(3) As observações dos cursos, sendo os de noivos e os sobre métodos naturais, é a última parte da pesquisa de campo nos Estados Unidos. Assisti a dois cursos de noivos, um da Paróquia St. Michael, que foi realizado na casa dos palestrantes durante 05 semanas, sendo um encontro semanal de aproximadamente 03 horas tendo apenas um casal como cursista. E outro da diocese, que foi realizado em uma paróquia da cidade de Concord, ao longo de um fim de semana, com aproximadamente 30 casais cursistas e 04 casais palestrantes. De curso sobre métodos naturais, acompanhei apenas o da *Couple to Couple League* também com duração de 05 semanas na casa de uma família representante do referido grupo. Além deste curso assisti a uma palestra de divulgação do planejamento familiar natural e a uma palestra de um curso de noivos na Diocese de São José.

A terceira fase da pesquisa de campo realizada no Brasil foi feita com o objetivo de comparação com os EUA. No entanto, apenas pude realizar, da mesma maneira, duas das três partes desenvolvidas nos Estados Unidos: as entrevistas e as observações de cursos. A observação de uma família, como aconteceu com os Rizzo, não foi realizada nos mesmo moldes, mas convivi com diversas famílias com o perfil parecido e pude, mesmo que informalmente e de forma não contínua, observar alguns aspectos nas famílias brasileiras. Ainda de modo informal acompanhei alguns debates e relatos de mulheres e

mães católicas, via redes sociais e grupos de e-mails que me deram material para desenvolver a pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com instrutores de métodos naturais e com casais usuários de métodos naturais de planejamento familiar. Dentre os instrutores foram entrevistados: o casal Silva, moradores de uma cidade satélite de Brasília, casados há mais de dez anos, três filhos entre doze e cinco anos. Ambos têm por volta de 40 anos, ele é servidor público e ela trabalha na iniciativa privada e estudante de direito. Casaram-se com mais de trinta anos de idade e se converteram ao catolicismo ao longo do noivado e nos primeiros anos de casamento. Descobriram os métodos naturais por meio de estudos e auxiliaram a fundar a Equipe do Método de Brasília. Os Alves também fazem parte da Equipe do Método, ele é médico e ela dona de casa, tem três filhos e moram em outra cidade satélite de Brasília. Desenvolvem há muito tempo trabalho de orientação e acompanhamento de casais. O terceiro casal participante da Equipe são os Souza, casados há quase dez anos, eles se conheceram antes da conversão, chegaram a morar juntos, mas depois se separaram. Voltaram sob a condição de se casarem e regularizarem a situação na Igreja. Têm quatro filhos, ele trabalha na iniciativa privada e ela é dona de casa.

Tive oportunidade ainda de conversar com duas outras instrutoras, a sra. Machado, instrutora do CENPLAFAM em Brasília, que me ofereceu informações sobre a formação de instrutores e a atuação do mesmo na cidade e em todo o Brasil. A sra. Magalhães é casada e dona de casa, formada na área de saúde, fez o curso do Cenplafam e começou a atuar como tal. Logo se especializou em Billings e desenvolve serviços paralelos nesta área e em orientação de casais e familiar. Tem quatro filhos e mora em São Paulo, é adepta do *homeschooling*.

Dentre os usuários de métodos naturais, dois casais foram entrevistados. Os Ferreiras foram entrevistados em dois momentos, primeiro como teste do formato da entrevista, apenas com a esposa. Na ocasião, eles tinham acabado de ganhar o terceiro filho, ele ainda estudava e ela era quem sustentava a família. A segunda entrevista, com a presença de ambos, eles já tinham o

quarto filho, ele formado, trabalhando, com a vida familiar mais estável, no entanto, com dificuldade na continuidade do uso dos métodos naturais. A outra família, os Reis, foi entrevistada durante a gravidez do primeiro bebê, eram recém-casados. Ela é dona de casa e ele trabalhava na iniciativa privada. Duas famílias foram acompanhadas e observadas ao longo do período da realização da tese. A família Fontes teve 3 filhos durante este período, num total de 7 filhos, ambos servidores públicos, moradores de uma cidade satélite de Brasília e participantes de uma comunidade da Igreja Católica. A família Fonseca tiveram dois filhos neste período, ela professora da rede privada e ele servidor público.

As observações se concentraram na Paróquia Santa Teresinha, Cruzeiro Novo e São Pio, Sudoeste. O curso de noivos da Santa Teresinha foi observado em dois períodos, tendo sido reformulado neste meio tempo. As secretárias das duas paróquias ofereceram informações importantes sobre o funcionamento do processo para a realização dos casamentos nas respectivas paróquias bem como sobre o funcionamento do curso de noivos. Foi visitada ainda a Paróquia Nossa Senhora das Dores, Cruzeiro Novo, onde não realizam cursos de noivos e por isso foi descartada da pesquisa. As atividades da Equipe do Método de Brasília contaram com uma longa observação, bem como algumas atividades desenvolvidas pela Comunidade Católica Shalom, na sede de Brasília e dos Jovens Promotores da Vida, grupo que faz parte da Comissão Arquidiocesana de Bioética e Defesa da Vida.

Com o material conseguido durante a pesquisa de campo, pude desenvolver um estudo com três níveis de análise: (1) o discurso doutrinário da Igreja, (2) a prática pastoral desenvolvida nas duas localidades e (3) as práticas individuais. Os dois primeiros níveis foram estudado via pesquisa bibliográfica, tanto de material e documentos da Igreja, quanto por estudos das Ciências Sociais. O discurso da Igreja estudado é aquele disponibilizado em diversas publicações, tanto brasileiras e americanas, quanto do próprio Vaticano. Dentre este material encontramos desde livros em que apresentam o embasamento teológico e doutrinal, manuais e livros técnicos sobre matrimônio, PF e MN, até panfletos e livretos com linguagem mais acessíveis, voltados para o público em

geral. A prática pastoral, além de ser acessada por meio escrito em manuais e propostas de atuação elaboradas pela Igreja, nos materiais que os grupos e equipes produzem. São ainda de fácil acesso por meio das reuniões, palestras e formações abertas ao público ou de acesso liberado a quem possui interesse em relação aos temas.

Como o estudo das práticas individuais não era limitado àquilo que os agentes pensavam ou falavam sobre o planejamento individual e familiar e o uso dos métodos naturais, mas também como este discurso se transformava em prática, como essa prática muitas vezes flexibilizava os discursos, e como é vivenciado na vida cotidiana. Sendo assim, além das entrevistas formais que foram realizadas para a pesquisa de campo, esta também contou com as observações realizadas ao longo da convivência com o público alvo, incluindo conversas informais e atividades cotidianas das referidas famílias. Em alguns casos, houve trocas de mensagens via redes sociais e conversas particulares. Destaca-se que o acesso às informações foi diferenciado no Brasil e nos EUA, tanto por características da população de cada país, quanto pelo tempo disponível para a realização da pesquisa de campo.

Estados Unidos e Brasil apresentam características das sociedades modernas industriais, já passaram pelo processo de industrialização, apresentam diferenças significativas em suas colonizações, mas semelhanças nas suas diversidades culturais internas, causadas pelas grandes extensões territoriais, forte presença de emigrantes e pela variedade de atividades econômicas. Constituem desta forma, sociedades divididas em classes sociais, em que as diferenças não só remetem as diferentes situações de classe, mas da variação e heterogeneidade de estilos culturais de vida.

Deste modo, a noção de modernidade tardia ou modernidade reflexiva de Giddens e Lash (1997) e suas interpretações sobre a modernidade tardia, foram inspiradoras e fundamentais para a construção e análise do objeto de pesquisa desenhado para esta tese, assim como as questões postas por Velho (1994) sobre a heterogeneidade dos conjuntos simbólicos nas sociedades complexas.

O público estudado está inserido em uma sociedade culturalmente heterogênea com a forte presença da característica reflexiva da modernidade, que envolve o processo de individualização e de destradicionalização. Segundo Lash, a modernização plena acontece quando os indivíduos se libertaram inclusive das estruturas modernas e não apenas das tradicionais.

“Assim, só se atinge a modernidade reflexiva com a crise da família nuclear e a concomitante auto-organização das narrativas de vida; com o declínio da influência das estruturas de classe sobre os agentes - na escolha do comportamento, nos padrões de consumo e na participação nos sindicatos; com o deslocamento da produção limitada por regras pela flexibilidade no trabalho com a nova desconfiança ecológica e crítica à ciência institucionalizada.” (Lash, pg. 141, 1997)

Lash vincula esta individuação com a noção de comunidade, sendo esta comunidade afetiva, cultural, uma comunidade de significação, onde se compartilham principalmente valores. Estas comunidades formam o que ele chama de “nós” cultural e constituem coletividades de práticas estabelecidas, significações, atividades de rotina, todas compartilhadas e envolvidas na obtenção do significado. Outra característica importante na modernidade reflexiva apontada por Lash é que o pertencimento ou a opção pela adesão a uma comunidade ou no estabelecimento de trajetórias individuais acontece diante das possibilidades oferecidas pela sociedade. O leque de possibilidade não é mais ofertado por uma situação de classe, como na modernidade simples, mas pelo acesso à informação e comunicação.

Podemos relacionar esta escolha diante das opções ofertadas pela sociedade com a elaboração de Gilberto Velho (1994) em sua análise da classe média carioca, onde a construção de categorias sociais distinguíveis e a heterogeneidade cultural configuraram seu objeto de estudo como uma sociedade complexa. Assim como no Rio de Janeiro, em Brasília e na Bay Area também se encontram diante desta realidade onde, nas palavras de Velho “o problema, mais uma vez, é verificar o peso relativo dessa experiência em

confronto com outras como a identidade étnica, a origem regional, a crença religiosa e a ideologia política” (Velho, pg. 16, 1994).

Minha questão centrou-se assim em como se articulam, nas experiências dos indivíduos, casais e famílias que praticam formas disciplinadas de métodos de planejamento familiar, a adesão a valores de grupos católicos que erigem tais métodos como sinais identitários das crenças religiosas católicas e que, ao mesmo tempo, implicam a adesão aos valores individualistas de sujeitos que escolhem, tais como propostos e encontrados por Giddens e Lasch na modernidade tardia.

Neste sentido, ao pensarmos o planejamento familiar em um grupo heterogêneo ao qual fomos defrontados ao longo do trabalho de campo, devemos situar experiências quem sejam suficientemente significativas, delimitando as fronteiras simbólicas.

“O fato importante é que estamos lidando com conjuntos de símbolos que vão ser utilizados pelas pessoas nas suas interações e opções cotidianas, num processo criativo ininterrupto havendo alguns mais eficazes e duradouros do que outros. A relação entre o desempenho de papéis e esses conjuntos de símbolos constitui uma questão estratégica para a antropologia social” (Velho, pg. 17, 1994).

Velho, assim como Bourdieu (1998), aponta que embora exista a divisão social em classes, o contato com outras classes, a influência da comunicação de massa, da constante socialização, da interação com amplas redes de relações, influenciam nas trajetórias individuais. Podemos dizer que não há um “fixismo classista”, pois ao longo de sua história de vida, cada pessoa possui diversas oportunidades de interação, sendo maior ainda devido o advento das novas tecnologias de comunicação, onde contato com diferentes culturas está facilitado. Dentro da Igreja Católica, a oportunidade de interação com pessoas de outras classes sociais é ainda mais plausível, pois em um mesmo grupo convivem indivíduos oriundos de diversas classes sociais, com formação, atividade profissional, região de origem e locais de residência variados.

Quando observamos a Equipe do Método de Brasília podemos presenciar a interação entre médico, professor, técnicos de diferentes áreas, militares, empregados domésticos, motoristas de ônibus e donas de casa. Os membros do grupo são oriundos de diferentes locais do Brasil, o que reproduz uma característica de Brasília e possuem residência nas diferentes cidades do DF. Deste modo, a participação nas atividades da Igreja, bem como o itinerário das atividades religiosas que participaram, são aspectos relevantes nestas trajetórias individuais, que auxiliam a compor a heterogeneidade de experiência, comum nas sociedades complexas.

Outro fator importante é a diversidade e a fragmentação de papéis que os indivíduos vivenciam ao longo de suas trajetórias, onde ao mesmo tempo que se é mãe, dona de casa, esposa, religiosa, é profissional e cidadã. Essa fragmentação de papéis e a possibilidade de exercê-lo de maneira diversa coloca aos agentes a necessidade de se situar em cada contexto social, escolhendo dentre os padrões disponíveis pela sociedade.

Estas características apontadas até o momento se relacionam com o individualismo presente na sociedade moderna. Dumont (1985) e Mauss (2003) desenvolveram esta noção de individualismo concluindo que em toda sociedade encontramos a ambiguidade entre fragmentação e totalização social, em graus variados as sociedades oferecem a possibilidade de elaborações individuais de trajetórias. No entanto, a sociedade moderna oferece um leque maior de possibilidades assim como a liberdade ao agente de realizar suas escolhas. A noção de escolha por parte do indivíduo é de fundamental importância por ser a base para o conceito de projeto, que iremos utilizar em nossa análise.

Um projeto existe quando há ações com objetivos anteriormente predeterminados, quando os agentes possuem condutas organizadas para atingir fins específicos. A elaboração de um projeto individual não é algo puramente individual, interno e subjetivo, ele é formulado dentro de um campo de possibilidades oferecido pela realidade social a qual o agente faz parte, delimitado cultural e historicamente. Encontramos dentro da cultura um leque

de temas e preocupações que são centrais e dominantes, dentre estas opções oferecidas culturalmente, os agentes podem formular seus projetos individuais.

O projeto individual e sua conduta estão sempre relacionados com outros projetos e condutas, dependendo da abertura da rede social a qual o agente faz parte. *“Por mais esotérico e particular que seja, um projeto tem de se basear em um nível de racionalidade cotidiana em que expectativas mínimas sejam cumpridas”* (Velho, pg. 28, 1994). Deste modo, a biografia individual aparece como fator importante para a compreensão do projeto elaborado, pois ao longo de sua história de vida o agente tem contato com diferentes temas, que irão ser relevantes ou não para ele, possibilitando filtrar seus interesses e com isso construir seus projetos individuais e aderir a projetos sociais.

A percepção e a vivência de interesses comuns oferecem a possibilidade de construção de um projeto social. Classe social, grupo étnico, grupo de status, família, religião, vizinhança, ocupação, partido político etc, são fatores que podem gerar projetos sociais. A continuidade desses projetos sociais depende da sua eficácia simbólica e política, de sua capacidade de oferecer uma realidade que satisfaça em relação à coerência e gratificação.

“Na medida em que um projeto social represente algum grupo de interesse, terá uma dimensão política, embora não se esgote a esse nível pois a sua viabilidade política propriamente dependerá de sua eficácia em mapear e dar um sentido às emoções e sentimentos individuais.” (Velho, pg. 33, 1994).

Um das possibilidades ao se abraçar um projeto individual é o mergulho em um mundo específico onde o projeto se torna central diante as outras esferas sociais que o agente circula. Dentre as famílias observadas, essa experiência é algo comum, encontramos “mães de família”, “o sustento da casa”, “promotor de MN” e “agente pró-vida”, em que estas funções se sobressaem diante de outros papéis assumidos. Assim, ser mãe de família , conforme o projeto individual ou do grupo, é mais importante do que ser profissional, religiosa, esposa, etc.

A minha opção teórica e empírica de pensar o Planejamento Familiar (PF) como um projeto surgiu da percepção de que a maioria dos casais envolvidos com o Planejamento Familiar a ele se referiam como um projeto seja ele individual ou familiar – como opção dos membros da família – ou como projeto social – por estarem envolvidos em grupos e atividades de promoção dos métodos naturais. Independente de ser um projeto individual, familiar ou social, encontramos dois tipos principais de fundamentação destes projetos: um projeto religioso, onde a opção pelos MN se dá por motivos religiosos, sendo o MN apenas uma parte de um pacote religioso e os filhos consequência desta opção. Ou um projeto do casal, onde se abraça a maternidade e a paternidade como objetivo central de sua vida, em especial a vida matrimonial. Assim, ao optar por ter uma família numerosa, os MN aparecem como uma boa opção para o espaçamento entre os filhos.

Embora tenhamos destacado dois tipos de projetos envolvendo os MN, as motivações individuais que envolvem os projetos podem ser variadas e se modificam ao longo das trajetórias individuais. Estes tipos de projeto servirão como instrumento de análise para guiar a tese que será desenvolvida a seguir, auxiliando na compreensão do objeto de estudo. Outro aspecto relevante no contraponto entre motivações individuais e projetos individuais, familiares e sociais é o processo e a importância da construção da identidade individual, ou melhor, dos processos de identificação ao longo de suas trajetórias. Mais do que o debate levantado por Dumont (1985) e Mauss (2003) sobre o processo de individualização e o ethos individualista apresentado por Weber (2000) em seus estudos da Reforma Protestante, a ideia é pensar no lugar do indivíduo nesta construção social e as consequências para sua vida prática. Tendo em vista que,

"o fato de um indivíduo ser judeu, católico, cigano, índio, negro, umbandista, japonês, etc. coloca-o como parte de uma categoria social que, dependendo do contexto, poderá ser valorizada ou ser objeto de discriminação ou estigmatização." (Velho, pg. 33, 1994)

Desta forma, podemos dizer não apenas que a adesão a um projeto social é um fator de categorização do indivíduo mas também que a sua

inserção dentro de um espaço social que permite o desempenho de papéis que, por sua vez, constituirão de maneira mais ou menos sólida a identidade individual. Daí a importância da família e, por sua vez, de sua nuclearização, sendo ela a referência primeira da identidade individual e o espaço para o exercício de papéis fundamentais para a construção da identidade do grupo estudado. Neste sentido, um tema que veio à tona durante a pesquisa foi justamente a questão da família e de seus relacionamentos e para tal, seguiremos Giddens (1993) em sua análise sobre a construção da identidade e a transformação da intimidade.

Segundo Giddens, com o advento da modernidade os relacionamentos e suas formas de construção foram alterados, tendo como base a confiança, pautada não mais pelos laços das comunidades locais e de parentesco, mas na construção de um projeto, trabalhado por ambas partes e que demanda a abertura de um indivíduo para o outro (Giddens,1993). Deste modo, *"relacionamentos são laços baseados em confiança, onde confiança não é pré-dada, mas trabalhada, e onde o trabalho envolvido significa um processo mútuo de auto-revelação"* (Giddens, pg. 123, 1993).

Assim, os relacionamentos eróticos, ligados à vivência da sexualidade, envolvem um processo de descoberta mútua, atrelado à intimidade com o amado e à auto-realização de ambos. E não só os relacionamentos sexuais demandam a confiança construída mediante a negociação e o compromisso, mas os demais relacionamentos de parentesco.

"As pessoas tendem a organizar suas relações de parentesco através de uma 'compromisso negociado', segundo o qual planejam a 'coisa adequada a fazer' em relação a seus parentes em uma variedade específica de contextos." (Giddens, pg. 109, 1993).

Neste sentido, veio à tona a questão da qualidade dos relacionamentos, o que inclui o construído entre pais e filhos. A intimidade, a confiança e a negociação passaram a serem itens presentes nos relacionamentos entre pais e filhos. Mais que autoridade, a intimidade passou a ser fator fundamental para a vivência da maternidade e principalmente, a paternidade. Estas mudanças

nos padrões da maternidade e da paternidade baseadas no que Giddens (1993) chamou de “relacionamento puro”, convergem com os estudos desenvolvidos por Kittay (2005) e Dermott (2008) sobre a vida familiar. Nas últimas décadas, o casamento vem se estruturando mediante os relacionamentos puros, e assim, todos os demais relacionamentos presentes na família, fazendo desta um grupo de vínculo emocional próximo e continuado com as demais pessoas. Por “relacionamento puro”, Giddens assim entende:

"refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem." (Giddens, pg. 69, 1993).

Por fim, é nesta vida familiar que a tese se centrará, buscando compreender como as opções acerca do planejamento familiar influenciaram os projetos individuais, os projetos do casal e os projetos sociais, os relacionamentos entre esposos e entre pais e filhos. Para tal, cada tema desenvolvido apresentará e analisará a explicação doutrinária e as orientações da Igreja Católica para os fiéis, e, posteriormente a forma como se dão as opções por seguir estas orientações e como isto se materializa nas vivências e práticas dos indivíduos, dos casais e das famílias estudadas.

Deste modo, o texto a seguir contará com cinco capítulos. O primeiro capítulo se debruçará sobre o Planejamento Familiar, fazendo um apanhado histórico sobre os métodos e as práticas relacionadas à contracepção, ao contexto histórico e político que proporcionou mudanças, às realidades da Igreja no Brasil e nos EUA e à atuação dos governos brasileiros e americanos. O segundo capítulo apresentará e explicará como funciona cada método natural estudado e utilizado pelos casais entrevistados, demonstrando tecnicamente seu funcionamento e como interferem na rotina da família e dos indivíduos. O terceiro capítulo tratará da corporalidade e da sexualidade, remontando aspectos históricos e teóricos ligados a estes temas, bem como as

concepções da Igreja Católica acerca da sexualidade, suas práticas pastorais e as práticas individuais do público estudado.

O foco do quarto capítulo é a família, seus arranjos, papéis e relacionamentos. Iniciando com um debate sobre as questões de gêneros, discute os papéis de pai e mãe, esposo e esposa e os seus significados para os membros da família, diante da perspectiva da Igreja Católica. O quinto capítulo apresenta os projetos individuais, do casal e sociais encontrados ao longo da pesquisa, dividindo estes projetos em duas categorias de opções realizadas por estas famílias.

Capítulo 1 - O Planejamento Familiar

A liberdade de escolha sobre a configuração dos arranjos familiares e escolha dos parceiros é um desejo legitimado pela modernidade e pela instauração do valor do individualismo. O parentesco e os arranjos matrimoniais e os cuidados dos filhos, tal como ensinam as pesquisas antropológicas nas mais diferentes sociedades e nos mais diferentes momentos históricos, obedecem a valores compartilhados e instituídos culturalmente, muito embora, sempre tenham havido, em maior ou menor grau, escolhas e afetos múltiplos e variados que fugiam dos parâmetros legitimados ou introduziam um certo grau de interpretação. As posições sociais dos indivíduos, seu status, seu gênero, sua idade, sua hierarquia no grupo familiar sempre foram e são diversos.

A noção de família, ainda que remeta, de forma abstrata, a todas as sociedades e culturas (Lévi-Strauss, 1986), admite sempre formas específicas e diferenciadas. A noção predominante de família das sociedades industriais urbanas modernas, é a noção de família nuclear, onde se espera e deseja a realização de relações íntimas e afetivas entre os seus membros. O historiador Philippe-Ariès (1981) aponta como é o fim da Idade Média e começo da modernidade que se instituiu o valor da família nuclear e do cuidado afetivo dos filhos e da maternidade, quando até então, os acordos matrimoniais eram acordos entre as famílias de origem e não eram escolhas entre parceiros e a disciplina e o vigiar as crianças eram a forma dominante dos cuidados familiares com as mesmas.

O planejamento familiar moderno remete à noção de escolha, ou seja, supõe que são dois parceiros que se escolheram como tal e que podem e devem fazer uma escolha planejada do número de filhos e do espaçamento entre filhos, sempre dependendo das técnicas e saberes sobre a concepção e contracepção disponíveis num momento histórico e social. Envolve aspectos íntimos, relacionados com os indivíduos e com as famílias, mas também

aspectos sociais, sendo motivo de preocupação da sociedade como um todo e do Estado.

Para compreender a longa história que envolve a limitação da fertilidade cabe delimitar os conceitos utilizados, na tentativa de dirimir as confusões que podem trazer o uso de determinados termos, pois muitos deles são de uso comum e cotidiano. Controle de natalidade e planejamento familiar serão utilizados tendo significados diferentes. O *controle de natalidade* se relaciona com a preocupação em regular a fertilidade humana tendo em vista as preocupações sociais, de limitação do crescimento da população. De tal modo, o conceito se refere apenas a um aspecto, a contracepção, e geralmente está relacionado com as ações estatais. Ou seja, em muitos casos, as ações de controle de natalidade estão ligadas às imposições dos governos sobre a vida reprodutiva de seus cidadãos, tanto homens quanto mulheres.

O *planejamento familiar* engloba aspectos mais amplos da vida familiar, não somente o aspecto quantitativo da reprodução. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, o planejamento familiar é visto como um direito do cidadão, cabendo aos Estados o respeito às decisões individuais, bem como a orientação necessária para o uso desta liberdade. No Brasil, segundo a Lei nº 9.263 de 12 de janeiro de 1996, que regulamenta o planejamento familiar no país, entende “*planejamento familiar como o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal.*”

Conforme a Constituição Federal, o Estado Brasileiro é responsável por garantir aos cidadãos o acesso aos meios de planejamento familiar.

“Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas.” (Brasil, Constituição Federal, Título VII da Ordem Social, Capítulo VII, art. 226, § 7º)

O planejamento familiar nos Estados Unidos segue aproximadamente os mesmos princípios que no Estado Brasileiro. No entanto, o direito de planejar a família, incluindo o acesso aos métodos de planejamento familiar e ao aborto, foi conquistado a cada década por meio de leis e processos judiciais. A atuação do Estado Americano não é direta, pois não possui um sistema de saúde pública unificado, no entanto, o acesso aos programas, é possibilitado por diferentes entidades e organizações sociais.

Ao se pensar em relação à legislação de ambos os países, percebe-se que o uso do termo planejamento familiar está relacionado com questões ligadas à autonomia dos homens e mulheres de estruturarem sua família, tendo acesso a meios que possibilitem este planejamento e tendo como dever pautar esta decisão com a responsabilidade que envolve a paternidade/maternidade.

Aspectos históricos relacionados às práticas de Planejamento Familiar

Devido aos avanços tecnológicos e científicos envolvendo a reprodução humana, podemos afirmar que, nos últimos trinta anos o Planejamento Familiar ganhou novas perspectivas. Três agentes foram fundamentais para a mudança na maneira de pensar e agir, são eles os Estados-nacionais, o movimento feminista e a Igreja Católica sendo esta catalisadora dos movimentos conservadores.

Os Estados-nacionais e a ONU

Paralelamente aos fatos históricos do desenvolvimento dos métodos contraceptivos, o debate sobre o planejamento familiar se desenvolveu envolvendo os Estados-nacionais, as entidades internacionais e os movimentos sociais. O PF remonta à época da Revolução Francesa com os estudos do marquês de Condorcet (1743 – 1794) e Thomas Malthus (1766 – 1834). Os dois possuíam visões antagônicas da relação entre população e desenvolvimento. Condorcet possuía uma visão mais otimista, onde o crescimento populacional tem uma relação harmônica com o progresso

socioeconômico. Ele fundamentava sua visão no fato de que o desenvolvimento trazia consigo a diminuição das taxas de natalidade e mortalidade.

Malthus por sua vez acreditava que a população tende a crescer mais rápido que os meios de subsistência, tornando difícil a conciliação entre desenvolvimento e crescimento para a maioria da população. Outro aspecto relevante do pensamento malthusiano é a ligação necessária entre a atividade sexual e a reprodução, para ele as únicas formas aceitáveis de limitação da natalidade eram a realização de casamentos mais tardios e a abstinência fora deste. Em resumo, o primeiro propunha políticas cooperativas e o segundo políticas coercitivas de planejamento familiar. (Cavenaghi, 2006).

Em termos práticos, durante a primeira metade do século XX houve uma queda das taxas de natalidade e mortalidade nos países desenvolvidos, já nos de terceiro mundo, durante a segunda metade deste século, houve um grande crescimento populacional. Estes fenômenos são explicados pela “transição demográfica”, perspectiva que não via

“contradição entre população e desenvolvimento, mas uma relação de influência mútua, já que o desenvolvimento induziria à redução de taxas de mortalidade e natalidade, e mudanças na estrutura etária e o baixo crescimento populacional, decorrentes deste processo, ajudariam na decolagem do progresso econômico” (Cavenaghi, 2006, pg. 30).

No entanto, os avanços tecnológicos e socioeconômicos trouxeram consequências diferentes para países desenvolvidos e em desenvolvimento. Esta realidade motivou que nas décadas de 50 e 60 os demógrafos mais pessimistas propusessem políticas de redução demográfica, ainda que coercitivas. Deste modo, durante as décadas de 1960/70, Estados nacionais latino-americanos em nome da preocupação com o tamanho de sua população frente ao baixo crescimento econômico formularam propostas e ações de controle de natalidade. Por toda a América Latina, nestas duas décadas, a ajuda internacional para o desenvolvimento através especialmente do Fundo Monetário Internacional (FMI) incentivava e requeria políticas públicas de

controle da natalidade. Países europeus e norte-americanos incomodados com a diminuição populacional causada pela segunda Guerra Mundial, incentivavam o aumento da natalidade.

Quando pensamos nas ações estatais acerca do planejamento familiar, a ONU ganha especial importância por fomentar e articular os debates entre os Estados-nações. Ocorreram cinco conferências mundiais de População: Roma (1954); Belgrado (1965); Bucareste (1974); México (1984); e Cairo (1994). Em Roma e Belgrado o embate entre desenvolvimento e população guiou o debate. Os países de primeiro mundo reforçaram sua preocupação com o crescimento populacional, enquanto os países de terceiro mundo se dividiram entre as visões controlista, natalista e neutra (onde a população é neutra em relação ao desenvolvimento).

Em Bucareste (1974), os países de terceiro mundo, em resposta à ingerência dos de primeiro mundo sobre sua soberania, se alinharam à visão natalista. A ideia que o desenvolvimento é o melhor contraceptivo se tornou a síntese das resoluções da Conferência. No entanto, no México (1984) a preocupação com o descontrole populacional mudou a visão de alguns Estados, inclusive do Brasil, em busca de uma estabilização da população.

A partir de 1990, com o fim da Guerra Fria, os debates promovidos pela ONU ganharam outros enfoques e novos atores. O Ciclo Social da ONU reuniu diversas conferências que, embora fossem sobre temáticas diferentes, conseguiram produzir um conhecimento acumulado colaborando com o debate. O Ciclo teve início em 1990 com a Cúpula da Infância, passou por temas como: Meio Ambiente, Direitos Humanos, Desenvolvimento Social, Mulheres, Habitat, Alimentação e encerrou em 2001 sobre o Racismo. Cabe destacar que:

“o fim da Guerra Fria atenuou as disputas ideológicas e possibilitou um maior fluxo de negociações e a criação de alianças temporárias entre os diversos países presentes. Também teve destaque a forte presença de organizações não governamentais (ONGs), representando a sociedade civil. A interação entre as agendas cumulativas das diversas conferências internacionais da ONU e a presença crescente dos movimentos de mulheres, de

ambientalistas e de defensores dos direitos humanos possibilitaram que o debate entre população e desenvolvimento fosse colocado em um patamar mais elevado. Por outro lado, a queda da fecundidade, que já então se constatava na maior parte do mundo em desenvolvimento, também facilitou a mudança de paradigma das políticas de controle de natalidade – que até então haviam prevalecido – para a agenda de saúde e direitos sexuais e reprodutivos.”
(Cavenaghi, 2006, pg. 35; grifo meu).

Um grande avanço do Ciclo de Conferências foi tirar o enfoque da questão populacional dos aspectos econômicos e ideológicos para situar a reprodução na saúde e direitos humanos. Nestes eventos ficou claro e delineado o embate entre os movimentos feministas e as correntes mais conservadoras embora estas tendessem a esvaziar o debate sobre igualdade de gênero e autonomia sexual, com assuntos relacionados à pobreza e desenvolvimento social.

O movimento feminista e a definição dos direitos

A despeito da atuação dos movimentos conservadores, o debate sobre direitos sexuais e reprodutivos ganhou novas forças no interior do movimento feminista, tendo grande impacto tanto nos fóruns internacionais, quanto nos espaços constituídos nacionalmente. Em especial na década de 1990, durante os preparativos e após a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento da ONU, no Cairo em 1994 e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim no ano de 1995. Estas conferências foram importantes para a construção dos conceitos de direitos reprodutivos e direitos sexuais sendo estes de grande relevância para a compreensão das mudanças acerca das relações entre planejamento familiar e direitos reprodutivos das mulheres.

A inclusão da noção de direito é uma demonstração da mudança no enfoque do debate sobre o planejamento familiar. No início a preocupação estava na análise do “problema populacional”, onde as questões coletivas

impunham-se diante dos indivíduos e dos casais. A partir dos anos 50 e 60, a sexualidade e a reprodução humana deixaram de ser algo restrito à intimidade se tornando um assunto público. Neste período, devido ao medo da “explosão populacional” e influenciado pelo pensamento neomalthusiano (corrente originária do pensamento malthusiano, mas que aceita o uso de métodos contraceptivos) começaram a surgir políticas de incentivo ao uso de métodos artificiais de planejamento familiar, mesmo que contrariando as opções individuais. Nas décadas seguintes

“o pensamento neomalthusiano tornou-se mais moderado, na medida em que a fecundidade diminuía no mundo. Quando as pesquisas demográficas passaram a mostrar que o número desejado de filhos (por parte das mulheres e casais) era menor que a fecundidade observada, então passou-se a dar mais ênfase às necessidades não atendidas de contracepção.” (Cavenaghi, 2006, pg. 39).

Nos anos 1970, impulsionado pelo debate feminista, o direito de escolha de a mulher ter ou não um filho e a autonomia individual ganharam força no Brasil e no mundo. As questões relativas à saúde da mulher passaram a englobar a saúde sexual e reprodutiva. O conceito de saúde sexual foi formulado em 1975 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) levando em consideração aspectos sociais, psicológicos e orgânicos. Na década de 1980, com a epidemia de HIV/AIDS este termo teve seu uso institucional intensificado em todo o mundo. No entanto, sua definição continuou ambivalente, em alguns momentos era autônomo e em outros ligados à saúde reprodutiva. Em 2002, a OMS adotou seguinte definição:

“Saúde sexual é um estado físico, emocional, mental e social do bem-estar em relação à sexualidade; não é meramente a ausência de doenças, disfunções ou debilidades. A saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa da sexualidade, das relações sexuais, tanto quanto a possibilidade de ter experiências alcançar e manter a saúde sexual, os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e satisfeitos.” (Cavenaghi, 2006, pg. 54).

Do mesmo modo que os termos relacionados à saúde sexual e reprodutiva, os direitos sexuais e direitos reprodutivos não podem ser confundidos nem resumidos à mesma definição. Estes direitos fazem parte dos direitos humanos, sendo considerados fundamentais e essenciais da pessoa humana. Foram desenvolvidos durante o processo de construção dos direitos humanos, e estão ligados aos direitos civis e políticos ao pautarem a liberdade de expressão, liberdade individual e direito de ir e vir, e aos direitos econômicos, sociais e culturais devido o favorecimento da autonomia sexual e reprodutiva (Cavenaghi, 2006).

Cabe destacar que a distinção entre estes dois temas faz parte de um esforço da compreensão diferenciada de três esferas da vida humana: gênero, sexualidade e reprodução, que se aproximam, mas possuem diferentes significados. Entendemos que os direitos reprodutivos são

“constituídos por certos direitos humanos fundamentais, reconhecidos nas leis internacionais e nacionais. Além das leis, um conjunto de princípios, normas, medidas administrativas e judiciais possuem instrumental de estabelecer direitos e obrigações, do Estado para o cidadão e de cidadão para cidadão, em relação à reprodução e ao exercício da sexualidade.” (Ventura, pg. 19, 2004)

Sendo assim, os *direitos reprodutivos* visam não apenas a proteção da reprodução, mas também o exercício da sexualidade baseado na igualdade nas relações sociais e pessoais e a maior atuação do Estado para a garantia destes direitos (Ventura, 2004). Embora a reprodução tenha grande impacto na vida da mulher, tanto em relação aos aspectos ligados à saúde, profissão e autonomia, os direitos reprodutivos devem incluir os homens, dotando-os de capacidade e responsabilidade acerca da reprodução, promovendo assim um consentimento mútuo dos parceiros nas decisões reprodutivas.

Os *direitos sexuais* encontram dificuldade em sua definição e reconhecimento devido à existência de diferentes moralidades na sociedade e à inclusão da sexualidade na esfera privada, diante da dificuldade encontrada

na formulação de conceito de direito sexual, a definição formada em Pequim é que

“os direitos humanos das mulheres incluem seu direito a ter controle sobre as questões relativas à sexualidade, incluída sua saúde sexual e reprodutiva, e a decidir livremente a respeito dessas questões, sem se verem sujeitas à coerção, discriminação ou violência. As relações sexuais e a reprodução, incluído o respeito e o consentimento recíprocos e a vontade de assumir conjuntamente a responsabilidade das consequências do comportamento sexual.” (Citeli, 2005, pg. 86; grifo meu)

Ainda que esta formulação tenha encontrado críticas por se restringir à mulher e às relações heterossexuais, foi capaz de provocar reflexões e análise sobre as diferentes identidades e práticas sexuais. Atualmente tem-se buscado a compreensão destes direitos agregando os aspectos das esferas públicas e privada, pautando os parâmetros da atuação do Estado nesta esfera íntima da vida individual.

A construção destes direitos foi um longo processo que incluiu a atuação de defesa dos direitos humanos, sociais e das mulheres. No entanto, estes direitos ainda estão ligados às questões de saúde pública, embora sejam fundamentais para a compreensão de como se dão as escolhas quanto à vida sexual e reprodutiva, cabe destacar que eles permeiam os aspectos do planejamento familiar.

Ao estudar os direitos sexuais e reprodutivos três aspectos se tornam relevantes: as práticas, as identidades e os relacionamentos (Richardson, 2000). Sobre as *práticas* podemos destacar aquilo que é tido como normal ou natural na sexualidade, bem como os aspectos reprodutivos e de condução sexual. Sobre as *identidades*, destaca-se a importância da auto-identidade tanto dos homens quanto das mulheres frente às opções sexuais e de gênero, além do reconhecimento social destas opções e identidades. Por fim, os *relacionamentos* dizem respeito ao consentimento e à escolha dos parceiros sexuais.

Este três aspectos são importantes ao pensar a análise proposta pela presente tese, ao observar como ocorre a relação entre a mudança de perspectiva sobre sexualidade e reprodução. Como pessoas que foram educadas por um discurso de defesa dos direitos individuais, e que veem a doutrina da Igreja Católica como um elemento fundamental de sua concepção moral, conseguem organizar a vida cotidiana e familiar articulando diferentes concepções.

Quanto aos direitos, destaca-se o avanço em relação aos direitos das mulheres acerca da sexualidade e reprodução, onde elas passam a ser reconhecidas e a se reconhecerem como possuidoras de integridade e autonomia principalmente em relação aos seus corpos, tornando as opções não apenas masculinas, mas também femininas ou mediadas dentro dos relacionamentos.

Assim, a perspectiva dos direitos reprodutivos oferece à mulher não apenas o direito ao conhecimento e ao acesso aos métodos contraceptivos, à liberdade de escolha sobre os métodos utilizados, à quando engravidar, ao número de filhos que deseja ter e ao espaçamento entre eles, mas também à liberdade de decisão sobre o próprio corpo, intensificando o embate entre homens e mulheres. Estas questões remetem à importância do movimento feminista na construção dos conceitos apresentados, como agente atuante neste debate e com forte influência nas Conferências da ONU já descritas acima³.

Os movimentos feministas nos anos sessenta e setenta do século passado, da Europa e América do Norte, eram seguidos pelos movimentos feministas da América Latina e ganhavam força lutando pela liberação das mulheres. A consideração da maternidade como “natural”, e por consequência, “obrigatória” foi criticada, pautando-se que a maternidade deveria ser resultado das decisões das mulheres, quando e se elas quisessem (Machado, 2008). A proposta era a disponibilização de um planejamento familiar possível mediante

³ Encontramos muita bibliografia disponível acerca do debate em Beijing, dentre eles, Lia Machado (1995).

acesso à informação por parte das mulheres e com isso a liberdade de escolha sobre sua sexualidade e reprodução. Ou seja, ao invés de uma imposição estatal, ou orientação religiosa, os movimentos feministas lutavam pela liberdade das mulheres diante das opções de contracepção e de configuração familiar.

Se comparado ao Brasil, os Estados Unidos e vários países da Europa tiveram anteriormente a divulgação e o debate sobre a liberação feminina assim como políticas públicas de planejamento familiar. Os movimentos de liberação das mulheres e seus vários grupos e organizações propuseram não só a generalização dos métodos contraceptivos, como se organizaram como grupos e lobbies pela legalização do aborto. De diferentes formas, pela sentença da Corte Suprema dos Estados Unidos que entendeu constitucional a interrupção da gravidez ou pela aprovação de leis nacionais na França que legalizaram o aborto e obrigaram o Estado a oferecer informações e métodos contraceptivos, as propostas feministas alcançaram reconhecimento nos Estados Unidos e em alguns países europeus como a França nos anos 70.

A partir de então, especialmente nos anos noventa até os dias atuais, os confrontos a nível internacional e nacional, entre a proposta de decisão e liberdade individual relativas à concepção e contracepção, tal como presente nos movimentos feministas, e as propostas contrárias à legalização do aborto, como é o caso do *Pro Life*, se agudizaram. Da mesma forma e no mesmo período, se intensificam e são vivenciados não só a atividade da Igreja contrária à legalização do aborto, como a proposta da Igreja Católica pela utilização exclusiva dos métodos naturais no planejamento familiar.

A atuação da Igreja Católica

A Igreja Católica teve fundamental importância na história do planejamento familiar, tanto com o diálogo com os Estados-nacionais quanto com o embate com o movimento feminista. A Igreja centralizou os movimentos conservadores de oposição às políticas propostas e à difusão de alguns

princípios contrários à sua doutrina. Sua atuação envolveu lobby com os governos de diferentes países e com as entidades internacionais, principalmente com a ONU e suas afiliadas. Além de campanhas de conscientização e evangelização e de mobilização social.

A Igreja Católica, além de sua atuação política apresentou mudanças na abordagem sobre a questão da sexualidade. De maneira mais direta e clara, o Papa João Paulo II abordou esta temática em suas catequese semanais durante o final da década de 1970 e início da de 1980. O conjunto dessas catequese foi chamado de Teologia do Corpo que aos poucos foi organizado e difundido por toda Igreja. Isto possibilitou o esclarecimento do clero e posteriormente uma prática pastoral diferente da desenvolvida até então. A principal mudança foi a elucidação de que a vida conjugal bem como a experiência sexual são tidos como boa e bela, dentro daquilo que foi proposto por Deus, ou seja, para o catolicismo o sexo é algo bom desde que vivenciado dentro do casamento.⁴

A Teologia do Corpo chegou aos EUA ainda na década de 1980 e 90, no entanto, no Brasil ela só começou a se popularizar nos anos 2000. Uma das causas disso é o fato da diferença entre a atuação da Igreja nestes dois países. Cabe destacar que nos últimos 50 anos, houve uma grande transformação no campo religioso brasileiro. O constante crescimento das igrejas pentecostais, bem como de algumas denominações afro-brasileiras, causou mudanças dentro da Igreja Católica, trazendo também consequências para as identidades religiosas brasileiras.

Desde sua colonização, e também por causa dela, o Brasil é considerado um “país católico”, não só por aqueles que o olham de fora, mas por seu povo. Desta forma, todos os que aqui nascem eram considerados católicos. A concepção de um “catolicismo nacional” trouxe consequências para a prática religiosa, havendo desta forma um duplo movimento onde o catolicismo se fazia presente na cultura brasileira, influenciando-a com suas crenças e

⁴ O assunto será mais bem desenvolvido no capítulo a seguir.

princípios, mas ao mesmo tempo era influenciado por ela, permitindo a existência de uma frouxidão doutrinária, com práticas sincréticas, inclusive dentro da própria Igreja.

Surgia então, a diferenciação entre o “catolicismo popular” e o “catolicismo tradicional”, sendo o primeiro misturado com outras crenças e práticas da cultura brasileira e o segundo um catolicismo mais romanizado (Brandão, 1988). No entanto, apesar da concepção de que o Brasil é um país católico e de haver uma forte presença do catolicismo na cultura brasileira, destaca-se no país o “catolicismo popular”, que não possui características de doutrinárias fortes e nem exige de seus adeptos uma grande mudança de comportamento, muito pelo contrário, aceita-os naturalmente.

Sendo assim, a característica marcante da religiosidade brasileira é a adesão de seus membros sem exigir a conversão, ou seja, sem que haja mudanças em seu comportamento. Há no Brasil a presença do sincretismo que mistura elementos de diferentes religiosidades nas crenças e práticas de vida. Enquanto isso, alguns traços da moralidade católica foram incluídos na cultura brasileira e outros foram deixados de lado, fazendo com que os católicos não percebessem suas práticas como incompatíveis em relação à doutrina da Igreja. Isso pode ser percebido em relação às questões relacionadas à sexualidade e planejamento familiar. A virgindade antes do casamento, a fidelidade e o uso de contraceptivos são coisas que, mesmo tendo conhecimento doutrinário, os preceitos da Igreja não são levados em conta nas práticas cotidianas.

A imagem do “Brasil católico”, apesar de ainda forte, vem diminuindo neste último meio século. Está deixando de ser óbvio ser católico. As igrejas pentecostais estão hoje presentes nos meios de comunicação, na política e no cotidiano do povo brasileiro. É motivo de prestígio e reconhecimento social a participação em outras igrejas que não a Católica (especialmente ser considerado “evangélico”), e a cada dia se torna mais legítima a participação em denominações afro-brasileiras. A não obrigatoriedade de ser católico trouxe uma nova realidade para a Igreja Católica no Brasil: a concorrência. O que acarretou muitas mudanças dentro da Igreja.

Podemos perceber uma grande preocupação, tanto por parte do clero, quanto dos leigos, na formação e nos estudos da doutrina. A compreensão dos aspectos religiosos que orientam as práticas cotidianas passou a ser fundamental para um grupo dentro da Igreja. Em função disto, houve um grande crescimento dos movimentos leigos do país, que estavam mais despertos para a atuação dentro da Igreja, pressionando o clero para uma reforma religiosa, tanto litúrgica quanto institucional. Nas décadas de 1960/70 maior parte destes movimentos era formada por jovens e camponeses e tenderam para a politização dos grupos, o que formou uma esquerda católica, de extrema importância para o desenvolvimento da Igreja nos anos seguintes.

Cabe ressaltar que a Igreja não foi coesa neste momento, havia vários grupos e tendências diferentes. É possível identificar assim, a divisão dentre os leigos em dois grupos: a esquerda católica, progressista, que procurava uma reforma radical da Igreja e da sociedade, e os conservadores, tradicionalistas, que formavam uma direita católica (Mainwaring, 1989), tendo esta polarização reflexos na atualidade. Mesmo sendo uma Igreja que apresenta como característica um forte laicato, o maior problema da Igreja Católica no período aludido tem sido o fato de não atingir a massa, de ser uma igreja voltada para a classe média. Desta forma, ainda hoje a religiosidade popular tinha grande espaço nas camadas mais populares.

Dois fatores históricos impulsionaram as mudanças da Igreja Brasileira a partir da década de 60: a ditadura militar e o Concílio Vaticano II. Durante a ditadura militar brasileira a Igreja diminui suas relações com o Estado, voltando suas preocupações para a luta em favor do respeito aos direitos humanos no país, em uma realidade em que os grupos religiosos eram um dos poucos espaços de organização social permitidas. No entanto, o que permitiu maior mudança dentro da Igreja foi o fim da ditadura e o estabelecimento da democracia, durante a década de 80, possibilitando a abertura política e o surgimento de organizações civis. A Igreja brasileira se libertou de sua preocupação com os direitos humanos e se voltou para atividades estritamente religiosas, dentre elas a evangelização e a formação doutrinária de seus fiéis.

O Concílio Vaticano II foi o maior motivador das transformações da Igreja Católica em todo o mundo, na segunda metade do século passado. Além de mudanças na liturgia e nos rituais, a principal proposta do Concílio foi a prioridade a ser dada aos leigos⁵. Após o Concílio foram publicados diversos documentos da Igreja ressaltando a importância do envolvimento dos leigos e oferecendo suas diretrizes. Surgiram daí diversos movimentos leigos. No Brasil, esta prioridade se torna ainda mais importante porque a Igreja é caracteristicamente leiga, desde a sua origem, o que legitimou os grupos existentes no país, reforçando sua importância e de certa forma, pressionando o clero a aceitá-los e apoiá-los.

A Teologia da Libertação (TL), muito forte no Brasil nas décadas de 60 a 80, se identificou com a esquerda católica, com a sua “opção preferencial pelos pobres” e ganhou um grande número de adeptos que participavam das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), tipo de organização muito difundida pelo país. A Teologia da Libertação possuía característica de religiosidade fortemente envolvida com os problemas sociais e políticos brasileiros, com um discurso de apoio ao pobre e uma tentativa de mudar a sociedade. No entanto tinha um fraco apelo religioso *stricto sensu*, com pouco incentivo às práticas místicas e à espiritualidade.

A Teologia da Libertação passou a não ser bem aceita pelos dirigentes da Igreja Católica no Vaticano, devido a alguns fatos, acontecimentos e atitudes tomadas por seus membros e também pela mudança na “preferência” das diretrizes da Igreja, que solicitava à igreja brasileira que se afastasse das relações políticas. Assim no final da década de 70, início de 80 começa o seu enfraquecimento dentro do país, a ponto de nas décadas de 80 e 90, a Teologia da Libertação passar a ser declaradamente perseguida. Contudo, as Comunidades eclesiais de base e muitas das pastorais continuam a dar voz às preocupações políticas sobre a questão social da desigualdade, fundantes da

⁵ O conceito de leigo utilizado coincide com o da Igreja: são leigas aquelas pessoas que participam da Igreja, mas não são consagrados ou fazem parte de ordens ou congregações. Diferentemente dos padres, freiras, frades etc, que são considerados “religiosos”, e que compõem aquilo que chamamos de hierarquia.

Teologia da Libertação. A perseguição política da Teologia da Libertação coincide com o momento em que começa a se difundir a Renovação Carismática Católica (RCC) que, apesar de ser aceita com restrições dentro da Igreja, se espalhou rapidamente por todo o país ganhando um grande número de adeptos entre os leigos.

Enquanto a Teologia da Libertação se apresenta fortemente politizada, voltada para a mudança social, a Renovação Carismática Católica é considerada alienada dos problemas sociais, com pouco envolvimento em questões comunitárias, priorizando as questões de foro íntimo, voltada para o próprio indivíduo. A Renovação Carismática Católica se tornou um movimento midiático, presente nas rádios e televisões, tendo canais próprios e assim alcançando boa parte da população brasileira. Outra diferença da Renovação Carismática Católica em relação à Teologia da Libertação é a sua prática religiosa, muito mais mística e espiritual que orienta e cobra mudanças de comportamento de seus participantes. Enquanto a Teologia da Libertação adveio da movimentação entre católicos brasileiros, a movimentação pela Renovação Carismática alcançou o Brasil depois de ter conhecido seus inícios e consolidação nos Estados Unidos nos anos de 1960.

Apesar das diferenças, a TL e a RCC apresentam dois pontos em comum: a maciça participação dos leigos e a formação de Comunidades. Os leigos possuem um papel fundamental em ambos os casos, pois organizam, lideram e desenvolvem as atividades de seus grupos, sendo os responsáveis pelo crescimento e disseminação. Esta participação dos leigos resulta na formação de pequenos grupos ou Comunidades, no caso da TL, as CEBs e da RCC, os grupos de oração ou, em casos extremos, Comunidades Novas. No entanto, o cerne das atividades e discussões desenvolvidas são bem distintas. As CEBs são mais voltadas às questões ligadas à vida comunitária e política, sendo o debate politizado enquanto que os grupos da RCC são centrados em assuntos ligados às questões da vida particular e dos problemas pessoais.

Um exemplo desta diferenciação é a importância dada pela RCC à família e sua estruturação. Conforme Campos Machado, em seu estudo realizado com católicos e pentecostais, a RCC aponta a uma nova forma de estruturação

familiar, com a valorização da família e na formulação dos papéis e funções do homem e da mulher dentro destas relações. No entanto, segundo a pesquisadora, dentro do catolicismo percebemos o estabelecimento de mais continuidades com o sistema hierárquico e "patriarcal" vigente do que a ruptura com o mesmo. (Machado, 1996).

Ambas vertentes pouco auxiliaram na modificação das características do catolicismo brasileiro, sobretudo da religiosidade popular. A TL, com seu discurso politizado não se envolveu com as práticas cotidianas dos fiéis, deste modo as divergências entre os princípios doutrinários e a vivência dos católicos foi mantida após os seus longos anos de atuação no Brasil. A RCC permite a existência dos chamados "outliners", que segundo a teoria weberiana são aqueles que se envolvem religiosamente apenas com o que solucione seus problemas imediatos, não fazendo parte da comunidade religiosa, nem envolvendo todas as esferas de sua vida cotidiana. Além disso, a RCC se afastou das questões sociais, dando margem a não orientar seus fiéis conforme os preceitos doutrinários.

Atualmente, já nos anos 2000, as CEBs passaram por um processo de ressignificação, a RCC de consolidação de suas estruturas com a formação de comunidades, fortalecendo sua influência no catolicismo brasileiro (vide Mariz e Aguilar, 2009). Dentro do catolicismo brasileiro a RCC estabeleceu outras formas de relações de amizade, em alguns casos, simulando relações familiares em grupos de vivência comunitária (Mariz, 2006). Além disso, há uma fortificação dos movimentos mais tradicionais da Igreja Católica, dentre eles a Opus Dei, o Regnum Christi e o Caminho Neo Catecumenal (Benedetti, 2009). Destaca-se que dentre os estudados, encontramos participantes de diferentes movimentos da Igreja, em especial, RCC, Opus Dei e Regnum Christi.

A magnitude da presença de católicos no Brasil e nos Estados Unidos é distinta e parece seguir caminhos distintos. Enquanto aumentam os católicos nos Estados Unidos, ainda que permaneçam claramente minoria, diminuem os católicos no Brasil, ainda que permaneçam forte maioria. Segundo pesquisa da Pew Research Center divulgado na Revista Exame em julho de 2013, o

percentual de católicos na população brasileira caiu de 95,6% em 1910 para 65% em 2010. Nos mesmos anos de referência, nos EUA a população católica foi de 14,2% para 24,3% em relação à sua totalidade.

Nos EUA, a religiosidade é algo referente à esfera privada, sendo os princípios doutrinários mais interiorizados pelos indivíduos religiosos. Além disso, por a Igreja Católica ser minoria, a sua evangelização é mais bem desenvolvida e a qualidade doutrinária de seus seguidores é maior em relação aos brasileiros, tendo em vista o que foi apontado anteriormente sobre o catolicismo brasileiro. O exemplo disso, nos dias de hoje, é que para se tornar católico nos EUA o engajamento deve ser feito por meio de uma paróquia, que oferece um curso introdutório de catolicismo. O curso é teórico e permite a compreensão dos principais aspectos doutrinários possibilitando ao leigo a orientação de seu estilo de vida tendo em vista os ensinamentos da Igreja. Este comportamento está ligado à construção do campo religioso americano.

Diferentemente da colonização brasileira, os Estados Unidos tiveram uma colonização com grande variação de religiosidades. Embora em grande parte tenha sido colonizado pela Inglaterra protestante, três grupos de missões foram importantes para a presença do catolicismo na América do Norte, as missões espanholas, francesas e inglesas. Estas missões além de evangelizar e auxiliar no processo de conquista territorial institucionalizaram a Igreja Católica nos territórios. (Carey, 1993)

No entanto, enquanto a Igreja Católica possuía quase que um monopólio religioso no Brasil, nos EUA tinha que conviver com uma grande variedade de crenças religiosas. Tanto em relação ao cristianismo quanto em relação às demais denominações, dentre elas as religiosidade indígenas e africanas. Isto complicava a expressão religiosa americana. Como consequência, podemos perceber um maior controle sobre as práticas cotidianas dos fiéis e uma maior preocupação com a formação doutrinária, resultando na formação de comunidades mais conscientes e unidas em torno da fé.

A competição religiosa em terras norte-americanas e o embate entre protestantismo e catolicismo na Europa foram fonte de motivação para o

movimento anticatólico ao longo dos séculos XVIII e XIX. Durante o processo de independência americana e logo após este período o catolicismo chegou a ser proibido em determinados estados americanos. Em decorrência disso temos a Igreja Católica como um dos expoentes da liberdade religiosa neste país (Carey, 1993). Cabe destacar que o local onde foi realizada a pesquisa de campo tem forte influência do catolicismo devido à proximidade de regiões de colonização espanhola e à missão Califórnia.

Nos últimos 50 anos, já estando institucionalizada a liberdade religiosa e, de certo modo, apaziguado o conflito entre diferentes denominações, podemos perceber uma maior atuação da Igreja Católica no processo político norte-americano. A National Conference of Catholic Bishops (NCCB), foi criada e funcionava como um veículo de ação política capaz de influenciar a agenda política nacional, tanto atuando em nível nacional, propondo debates acerca das políticas de educação, habitação, discriminação e aborto, quanto atuando localmente, mediante o relacionamento dos bispos com representantes locais (Byrnes, 1993).

O Concílio Vaticano II também foi fundamental para a motivação da NCCB na atuação política, a doutrina social da Igreja serviu como base para esta atuação. Além disso, embora os católicos representem em torno de 25% do eleitorado americano, os bispos tinham a possibilidade de indiretamente, se não diretamente, indiretamente de influenciar na decisão de voto da população. Esta influência varia conforme os estados americanos, pois depende da quantidade de católicos que vivem com cada localidade.

O aspecto mais relevante de atuação da NCCB foi dar suporte, visibilidade e financiar os movimentos de direito à vida. Atuando fortemente contra a legalização do aborto. Nos dias de hoje, mesmo com o aborto legalizado, a atuação da Igreja Católica americana no intuito de se evitar esta prática é ainda muito forte. Em quase todas as paróquias existem centros de apoio à gestante, com o objetivo de acolher estas mulheres e evitar que as mesmas interrompam sua gravidez. No final da década de 1980, a NCCB expandiu os temas de ação, passando a atuar dentre outras questões em relação à economia (Byrnes, 1993).

Por fim, ao pensar no catolicismo podemos perceber que o desenvolvimento dos Direitos Humanos, em especial dos direitos relativos à mulher, também influenciaram o comportamento e o ponto de vista dos católicos. Ainda que hierarquicamente não tenha havido mudanças, a atuação e o valor da mulher foram reafirmados nos últimos anos, não apenas nas atividades religiosas, mas também no âmbito familiar. O discurso de valorização da família e do casamento, em alguns aspectos resultou em um discurso de valorização da mulher, de sua maternidade, dos cuidados familiares e como consequência o incentivo ao homem que exercesse o papel de marido e pai mais próximo da esposa e dos filhos e mais inserido nas rotinas e responsabilidades familiares.

A liberdade de escolha acerca das configurações familiares possibilitou aos homens e mulheres uma opção mais consciente do tipo de família que pretendem construir. Os acordos familiares são realizados de diferentes formas, possibilitando o respeito às vontades e aptidões individuais e favorecendo a divisão das responsabilidades dos cuidados da casa e dos filhos.

Além das adaptações e mudanças ocorridas ao longo do tempo, há ainda um movimento dentro da Igreja de repúdio ao discurso feminista e à perspectiva dos direitos individuais. É comum grupos católicos reforçarem a ideia de feminilidade ligada à maternidade, aos cuidados da casa e dos filhos e a responsabilidade masculina do sustento familiar. Encontramos facilmente jovens mulheres que reforçam seu direito de optar por não exercer um trabalho remunerado, por cuidarem da casa e dos filhos, e dependerem financeiramente de seu marido.

A atuação dos governos brasileiros e americanos

Sobre a questão das propostas estatais de planejamento familiar, o Estado brasileiro, no período dos regimes ditatoriais se manteve em uma política ambígua entre o reconhecimento por segmentos dos governos da necessidade de uma política de controle natalista, e o entendimento de que o

Estado devia defender o valor da instituição da família, e como tal, não interferir no controle populacional. As propostas controlistas sempre estiveram presentes no discurso brasileiro dos regimes autoritários, sem que tenham se tornadas efetivas, mas produziram marcas profundas nos discursos técnicos da época que entendiam o controle populacional como forma de diminuir a desigualdade do crescimento econômico.

A posição majoritária da oposição esquerdista era contrária a qualquer forma de controle populacional. Considerava-o uma forma perversa de negar a necessidade de políticas condizentes com o crescimento econômico, juntamente, a Igreja Católica propugnava uma política pró-natalista. O movimento feminista brasileiro que teve seus começos no final dos anos setenta, (Machado, 2010 e Pinto, 2003) entendia a decisão da mulher sobre a maternidade como um direito, mas inicialmente não propunha políticas públicas de planejamento familiar, pois não acreditava que, dado o regime autoritário, fosse factível qualquer política de contracepção que não fosse coercitiva. (Alvarez,1990). Os movimentos feministas fizeram duras críticas à distribuição de pílulas contraceptivas e esterilização a mulheres pobres em algumas localidades por organizações internacionais não governamentais, com a anuência do Governo Federal e de governos estaduais , pois se faziam sem as informações oferecidas que possibilitassem a decisão e escolha autônoma das mulheres. (Costa,1996 e Machado, 2011).

Em 1980, o governo do presidente Figueiredo implementou um Programa Materno-Infantil que previa a distribuição de pílulas contraceptivas para mulheres em idade fértil que no entanto, não alcançou, escala nacional . A crise de 1982, com o crescimento da dívida externa, parece ter sido mais um dos fatores de incentivo para uma política controlista mais efetiva, que também visava acessar mais recursos internacionais. Alvarez (1990) mostra em seu estudo que tanto vezes no Senado se levantaram a favor de uma política controlista quanto o Ministério da Saúde propôs uma política de planejamento familiar de cunho mais claramente não coercitivo. Nos anos seguintes, o movimento de abertura política e reorganização dos partidos políticos vigentes nos anos oitenta abria espaço para demandas da sociedade civil.

A presença de feministas no Ministério de Saúde facilitou o diálogo com vários grupos de feministas a nível nacional que resolveram propor uma política de planejamento familiar (1983) que fosse dever do Estado e baseada na oferta de informações e métodos contraceptivos, e que respeitasse a decisão das mulheres. Este planejamento familiar deveria estar integrado a uma política de saúde integral das mulheres e não reduzida a um setor materno-infantil.

Durante todo este momento, na opinião pública e na imprensa, se intensificou o debate entre política controlista, planejamento familiar como direito, e política pro-natalista. Em 1985, o governo brasileiro criou o Programa de Atenção Integral a Mulher (PAISM) que instituiu o planejamento familiar.

“O PAISM constitui-se como marco histórico, na medida em que introduz novo enfoque nas políticas públicas voltadas para a saúde da mulher, centrado na integralidade e na equidade das ações, propondo abordagem global da saúde da mulher em todas as fases do seu ciclo vital, e não apenas no ciclo gravídico-puerperal. No elenco mínimo de ações preconizadas pelo Programa, encontrava-se o planejamento familiar.” (BRASIL, 2005, pg. 10)

É somente com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) pela Constituinte de 1988 que se estabeleceram condições mais favoráveis para a expansão do PAISM. Durante as décadas de 1980 e 1990, o governo brasileiro distribuía gratuitamente métodos contraceptivos, parte disto era financiada pela ONU. Entre os anos de 1997 e 2000, em uma tentativa de descentralização da distribuição, o Governo Federal não efetuou a compra destes medicamentos, retornando em 2000 após a percepção que os estados e municípios não estavam realizando a distribuição.

De 2002 em diante, o governo brasileiro distribui diferentes tipos de métodos contraceptivos para a população. Tendo a camisinha especial atenção devido à preocupação com a redução do número de casos de DSTs e HIV/AIDS. Enquanto no Brasil, de certo modo, a chegada dos direitos reprodutivos e sexuais e a preocupação com o desenvolvimento populacional motivaram a atuação dos governos em relação ao planejamento familiar, nos

Estados Unidos, foi o processo de construção destes direitos e a preocupação com o progresso e a democracia do país que motivaram ações estatais.

No pós-Guerra, entre as décadas de 1940 e 1960, o interesse na restauração do desenvolvimento dos EUA e de sua democracia possibilitaram uma política centralizada voltada para a família. Neste período políticas de apoio aos cuidados da criança e a disponibilização de creches para algumas famílias agiam como tentativa de incentivo a uma determinada classe social para o aumento da família. Ao mesmo tempo o surgimento das noções de direitos civis e direitos humanos fomentaram as reivindicações pela autonomia da mulher em relação à contracepção (Solinger, 2005).

Na década de 1960, em plena era dos direitos, o estado americano voltou-se para evitar uma explosão demográfica, dando início às políticas específicas de planejamento familiar, ao mesmo tempo que respondia a uma demanda social pelo acesso ao uso dos métodos contraceptivos. Em 1960, a *Food and Drug Administration* aprovou as pílulas contraceptivas, que se tornaram disponíveis a partir de 1961. O Presidente Kennedy estabeleceu em 1961 uma Comissão presidencial multidisciplinar sobre o status da mulher. O posterior relatório desta Comissão encontrou discriminação sobre a mulher em quase todos os aspectos da vida norte-americana. Em 1963 foi publicado o livro de Betty Friedan sobre a *Mística Feminina* que passou a ser referência para a eclosão do movimento feminista.

Em 1964, durante o governo do presidente Johnson, foi criado o *Economic Opportunity Act* (EOA), com destinação de verbas federais para os programas de planejamento familiar. Em 1966, Betty Friedan e outras 28 mulheres fundaram a *National Organization for Women* (NOW) para os direitos civis das mulheres e em 1967 começaram a aparecer movimentos de liberação da mulher em vários estados do país, movimentos favoráveis aos direitos das mulheres, ao planejamento familiar e aos métodos contraceptivos. Nas décadas seguintes o EOA, foi o maior propagador de serviços de acesso à educação e aos métodos contraceptivos. No governo de Nixon, com o *Title X of the Public Health Act*, foi desenvolvido o *Departamento of Health Educacion*

and Welfare (DHEW), que atua até os dias atuais promovendo campanhas e programa voltados ao tema.

Em 1973, o caso *Roe versus Wade*, foi o marco que diferencia a questão do entendimento sobre a legalização ou não da interrupção da gravidez e do uso de métodos de planejamento familiar entre Brasil e EUA. No julgamento deste caso, a Suprema Corte Americana tornou o aborto uma prática legal em todos os Estados Unidos, dando às mulheres americanas o direito de interromper a gravidez, o que é uma questão polêmica e não permitida no Brasil.

Concluindo, a atuação dos estados americano e brasileiro, da Igreja Católica e dos movimentos feministas possibilitaram novas formas de vivência da sexualidade, das relações de gênero e familiares. A experiência sexual, o planejamento familiar, a escolha de ser pai e mãe, assim como as próprias definições de sexo, família, pai e mãe se modificaram ao longo das últimas décadas.

Embora contrastantes as posições feministas e as novas posições católicas de valorização da função tradicional da maternidade, estão sempre presentes os valores da escolha e da opção, que entendo como fundantes para analisar a prática dessas distintas e novas formas de vivência dentro do arcabouço analítico de “projeto”, tal como propõe Velho, projetos vivenciados no decurso histórico da alta modernidade, tal como definida por Giddens. São estes temas que iremos desenvolver nos capítulos a seguir.

Capítulo 2 - Os métodos de Planejamento Familiar

No presente capítulo focaremos os métodos de planejamento familiar tal como disponíveis nas sociedades modernas atuais, mas dando preeminência ao modo como são entendidos e transmitidos entre os grupos e segmentos sociais religiosos da Igreja Católica e tal como valorizados positiva ou negativamente. Iremos apresentar cada método tal como conhecido e valorizado e tal como utilizado pelos grupos estudados. Mas antes disso, cabe pontuar alguns aspectos importantes sobre a terminologia utilizada e a história dos métodos de planejamento familiar como um todo.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a classificação dos métodos de planejamento familiar, pode ser dividida em duas categorias, os “comportamentais” e os “artificiais”. Os métodos “comportamentais”, também chamados de métodos “naturais”, nomenclatura esta utilizada pelos grupos estudados, são aqueles que não introduzem nenhum tipo de dispositivo ou medicamento impedindo a concepção, dependem apenas do comportamento dos indivíduos.

Embora a classificação da OMS utilize o termo “métodos comportamentais”, optei por manter o uso do termo conforme utilizado pelos grupos estudados. Deste modo, os métodos comportamentais serão chamados de “métodos naturais de planejamento familiar” a despeito de todo o debate já desenvolvido pelas Ciências Sociais sobre a “naturalidade” e a “artificialidade” das práticas humanas. Desta forma, o termo “naturalidade” presente em sua classificação se dá justamente pela continuidade do funcionamento do corpo (do sistema reprodutivo). Na prática, a contracepção ocorre por uma adequação do comportamento sexual aos ciclos reprodutivos, levando em conta os períodos “naturais” férteis da mulher e do homem.

Igualmente, a denominada “artificialidade” de alguns métodos é entendida como a sua interferência no funcionamento dos ciclos reprodutivos, seja impedindo o acesso do espermatozoide ao óvulo, por meio de alguma barreira, seja modificando o ciclo reprodutivo do homem e da mulher. Seguindo esta

lógica, a Igreja Católica orienta seus fiéis a utilizarem métodos que não impeçam a fecundação.

Em relação às práticas sexuais, a orientação da Igreja tem como base dois aspectos, que o sexo seja realizado por pessoas casadas e que a ejaculação ocorra dentro do canal vaginal, não havendo nenhum dispositivo que impeça a ovulação e a fecundação, seja ele de barreira ou medicação. A legitimação exclusiva desta forma de prática sexual – heterossexual e com penetração e ejaculação – é também considerada pela Igreja Católica como aquela mais “natural”, muito embora, pela concepção das ciências sociais, seja apenas uma das possíveis formas de se darem as relações e práticas sexuais, frente a conhecida e estudada diversidade de tipos de sociedade e de cultura no espaço e no tempo histórico.

A orientação da Igreja em relação ao planejamento familiar envolve aspectos mais amplos, não se limitando à questão da “contracepção”, relacionando com os aspectos que envolvem a mulher conquistar ou evitar a gravidez. Destaco a querela do uso de termos comumente ligados à “contracepção”. Nos Estados Unidos já é estabelecido um vocabulário relacionado ao *planejamento familiar*, onde “planejar a família” se sobrepõe aos termos ligados à contracepção. No Brasil, um dos debates desenvolvidos no ano de 2012 foi o reforço do planejamento familiar como centro dos ensinamentos das equipes e grupos orientadores de métodos naturais.

A grande questão desta preocupação do uso dos termos é não ter um discurso consonante com quem coloca a gravidez e os filhos como um problema, onde se *evita* a gravidez. Ou seja, é a tentativa de construção de uma linguagem que demonstre a preocupação em se planejar a família mas não ser contra a gravidez e os filhos, sejam eles planejados ou não. Isto é, promove-se a noção de “abertura à vida”, a aceitação de que a gravidez é uma consequência da vida sexual ativa e assumir os filhos como enviados por Deus, que devem ser acolhidos e preservados, em todas as situações. Deste modo, em toda a tese, estaremos falando de *Métodos Naturais de Planejamento Familiar*, expressão esta que traz consigo toda esta carga simbólica.

Dentre os métodos naturais temos os *métodos baseados no calendário* (tabelinha): método dos dias fixos e o método do ritmo calendário; os *métodos de percepção da fertilidade*: o muco cervical (Billings), temperatura corporal basal (TCB), a cristalização da saliva e o sintotérmico (uso em conjunto do muco cervical, TCB e outros sintomas de fertilidade); e a *aminorréia lactacional* (LAM). Estes métodos demandam a abstinência periódica e podem ser utilizados tanto para evitar a gravidez como para propiciá-la. O *coito interrompido* e as *práticas sexuais sem penetração* (mútua masturbação) também entram na classificação de métodos “naturais” ou “comportamentais”, segundo a OMS, mas se diferenciam dos demais por não propiciar o planejamento da gravidez (OMS, 2007).

Os métodos artificiais permitem a prática sexual sem a possibilidade da concepção e não necessitam a observação dos dias férteis. São três tipos, o de *barreira*: preservativos (camisinha feminina e masculina) e diafragma; os *hormonais*: anticoncepcionais orais (pílula), injeções, anel vaginal, implante subcutâneo, contraceptivo de emergência (pílula do dia seguinte) e dispositivo intrauterino (DIU); e os *definitivos*: esterilização feminina (laqueadura) e masculina (vasectomia). Há ainda os espermicidas, utilizados geralmente em conjunto com os métodos de barreira.

História dos métodos de planejamento familiar

O desejo de limitação da fertilidade é antigo e já contou com a ampla criatividade da humanidade. Desde a percepção da relação entre sexo e gravidez (que nem sempre foi óbvia), diferentes meios de evitar a gravidez sem necessitar da abstinência foram utilizados. Apenas com o desenvolvimento científico nas sociedades modernas e consequente modalidade de conhecimento e de interferência sobre o corpo humano é que foi possível estabelecer meios de contracepção seguros que objetivassem a saúde da mulher, especialmente, e fossem eficazes para a realização do planejamento familiar. Cabe destacar que o espermatozoide foi descoberto em 1678 e

apenas um século depois sua função foi definida. Em 1827 o óvulo feminino foi descoberto e apenas em 1930 o ciclo menstrual foi compreendido.

Levando em conta, a definição abstrata dos métodos e a definição abstrata das distintas sociedades, e colocando um enorme parêntesis sobre as formas como tais métodos receberam nomenclaturas, percepções e concepções as mais diversas, poderíamos arriscar dizendo que os métodos comportamentais foram os métodos mais utilizados, provavelmente, sem muita eficácia, ou mesmo, sem este objetivo claro. É conhecida a lactação por períodos longos ofertadas aos bebês nas sociedades tribais tendo como efeito o espaçamento de filhos. Contudo, havia também a busca de métodos que poderíamos chamar de similares aos atuais métodos artificiais medicamentosos. Em sociedades tribais, e em diversas outras sociedades, as mulheres consumiam alimentos e ervas para impedir a concepção ou provocar o aborto, mesmo não tendo sua eficácia comprovada.

Restringindo-me à história do mundo moderno a partir dos anos setecentos, é possível inferir que a abstinência, a mútua masturbação, o coito interrompido e a amenorreia lactacional (LAM) eram as opções mais utilizadas. A amenorreia lactacional (LAM) é um dos métodos mais antigos de planejamento familiar, ele consiste em optar por longo período de amamentação, fazendo com que, por questões hormonais, a mulher tenha sua fertilidade suprimida, impossibilitando ou dificultando engravidar de outro bebê. Seu uso, no entanto, em muitos momentos foi inibido nas sociedades medievais e no início das sociedades modernas, devido à opção por amas de leite, que ofereciam às mulheres de determinados status sociais mais liberdade após o parto (por não ter que amamentar regulamente). A história dos métodos, tal como apresentada pela ONG *Planned Parenthood* (2006), aponta, sob este ponto de vista que, de certa forma, se limitava a fertilidade das amas de leite (que não engravidavam devido a longos períodos amamentando).

A esponja, a camisinha e o diafragma possuem longa história, sendo fabricados com diferentes materiais e nem sempre tendo segurança e eficácia. A esponja é um dispositivo que, introduzido no canal vaginal, próximo ao colo do útero, absorve os espermatozoides impedindo que estes cheguem ao útero

e às trompas. Ela é utilizada desde o século XVII aproximadamente, no entanto, apenas no século XX passou a ser fabricada com material seguro e em 1983 passou a ser utilizada com espermicida, aumentando sua eficácia. O diafragma possui o mesmo mecanismo, no entanto ele apenas impede a passagem do espermatozoide, ele começou a ser fabricado em 1838. Entre 1864 e 1910 sua fabricação foi aprimorada e embora se tornasse popular, sua utilização era muito controversa nos EUA, pois o uso de contraceptivos ainda não era legalizado. Entre as décadas de 10 e 60 do século passado, este foi o método mais prescrito e mais seguro, sendo substituído pela pílula (ver *Planned Parenthood*, 2006).

A camisinha é nos dias de hoje um dos métodos mais utilizados de planejamento familiar, consiste em um dispositivo que reveste o pênis, no caso da masculina ou o canal vaginal, a feminina, que recolhe o sêmen, impedindo que este tenha contato com o corpo da mulher. Sua fabricação remete ao século XVIII, sendo produzida com borracha apenas em 1893. Mesmo sendo muito popular, era proibido nos EUA até a II Guerra Mundial. Nesta ocasião foi liberada para evitar o contágio das mulheres americanas por DST com o retorno dos soldados, como ocorreu após a I Guerra Mundial. Esta segunda função da camisinha, a proteção contra os DST, é o motivo de estímulo à sua popularização a partir dos anos de 1960 até os dias atuais.

O interesse em ingerir algum produto em busca da limitação da fertilidade também é muito antigo. Em 1950 os primeiros contraceptivos orais começaram a ser fabricados, com um tipo de progesterona sintética e tinha como objetivo suprimir a ovulação e/ou impedir a nidação do óvulo fecundado na parede do útero. Em 1960/70 as pílulas anticoncepcionais orais que combinavam diferentes tipos de hormônios passaram a ser fabricadas em larga escala. Por terem menos efeitos colaterais e serem de fácil uso, se popularizam em todo mundo. Outras formas de contracepção hormonal foram desenvolvidas nas décadas de 1980/90 e se popularizaram desde então, são elas: o implante subcutâneo, o anel vaginal e as injeções. Elas seguem a mesma lógica de funcionamento que a pílula, apenas não tem a necessidade de ingestão diária.

A pílula já era utilizada desde a década de 1970 como contracepção de emergência, no entanto, nos anos 2000 foram desenvolvidos as ditas pílulas do dia seguinte, especialmente fabricadas para serem utilizados caso o método de contracepção escolhido falhasse ou fosse esquecido. Estas pílulas são fabricadas com uma dosagem diferente de hormônios e impedem a ovulação (caso ela não tenha ocorrido ainda) ou impedem que o óvulo fecundado se implante (caso tenha havido a fecundação).

O dispositivo intrauterino (DIU) é uma pequena estrutura de plástico em formato de T que é introduzido no útero, os primeiros DIUs fabricados nas décadas de 1920/30 eram feitos de diferentes materiais, no entanto, causavam infecções nas mulheres e outros efeitos colaterais. Com o desenvolvimento médico e a produção em outros materiais, o DIU se popularizou, primeiro o de cobre que libera produtos químicos capazes de destruir os espermatozóides e o óvulo antes deles se encontrarem ou destruíam o óvulo fecundado. Atualmente o DIU de cobre foi substituído pelo DIU Levonorgestrel (DIU-LNG), que atua suprimindo o crescimento do endométrio e impedindo o desenvolvimento do óvulo fecundado.

Por fim, temos os métodos permanentes de contracepção, que são os métodos cirúrgicos e apresentam grande dificuldade, se não a impossibilidade de reversão. A castração masculina é a mais antiga, geralmente involuntária, era utilizada nos eunucos, como uma tentativa de impedimento deste grupo de se reproduzir e principalmente, de se relacionar sexualmente com as mulheres a qual eram responsáveis. Contudo, apenas a partir de 1960, a vasectomia voluntária passou a ser realizada e desde então os métodos para sua realização foram mais bem desenvolvidos, mantendo a função sexual do homem, mas tornando-o infértil.

A esterilização feminina foi realizada a primeira vez aproximadamente em 1880, nos EUA. Nos anos de 1960 a técnica utilizada atualmente foi desenvolvida, mas não havia a permissão para a sua realização. Apenas no final da década seguinte é que este método foi legalizado. A laqueadura é outro método controverso, pois muitos países utilizaram, como forma de controle de natalidade, sem a autorização das mulheres. Atualmente no Brasil, para a

realização da esterilização no Sistema Único de Saúde, tanto feminina (laqueadura) quanto masculina (vasectomia), há uma regulamentação por Lei nº 9263, aprovada em 1996, que passa pela autorização da pessoa, de seu cônjuge e de condições familiares e de idade da ou do interessada/interessado para que isso ocorra.

Os métodos naturais de planejamento familiar

Dentre os métodos naturais utilizados, o método da tabelinha advém do conhecimento do ciclo menstrual e a partir daí do cálculo dos dias férteis e inférteis. De maneira genérica, contados os seus 28 dias, os sete primeiros dias quando ocorre a menstruação são inférteis, assim como os últimos sete dias. São férteis ou podem ser férteis do oitavo dia ao décimo nono. Estas considerações gerais admitem variabilidades e assim, devido à sua grande margem de erro e dificuldades de uso foi posto de lado e as mulheres são desencorajadas a utilizarem, segundo as orientações dos cursos de planejamento familiar orientados pela Igreja Católica.

Deste modo, o Método de Ovulação Billings (MOB) se tornou o carro chefe do Planejamento Familiar Natural. Desenvolvido pelo casal de doutores John e Evelyn Billings, da Universidade de Melborn, Austrália, durante a década de 1950, o método se popularizou posteriormente com o apoio dos papas da Igreja Católica, desde João XXIII até João Paulo II. O MOB serve de base para os demais métodos de planejamento familiar desenvolvidos, substituindo a tabelinha.

Estes métodos tem em comum possuírem como base a observação dos sintomas de fertilidade da mulher e regras para adiar a gravidez ou engravidar. Ou seja, o princípio básico dos métodos naturais é que a mulher acompanhe diariamente as alterações de seu corpo, observando especialmente os sinais das mudanças oriundas do ciclo menstrual. O ciclo menstrual é relacionado com a natureza e a concepção de fertilidade e infertilidade dos outros ciclos naturais, como de plantas, por exemplo, conforme a imagem 01.

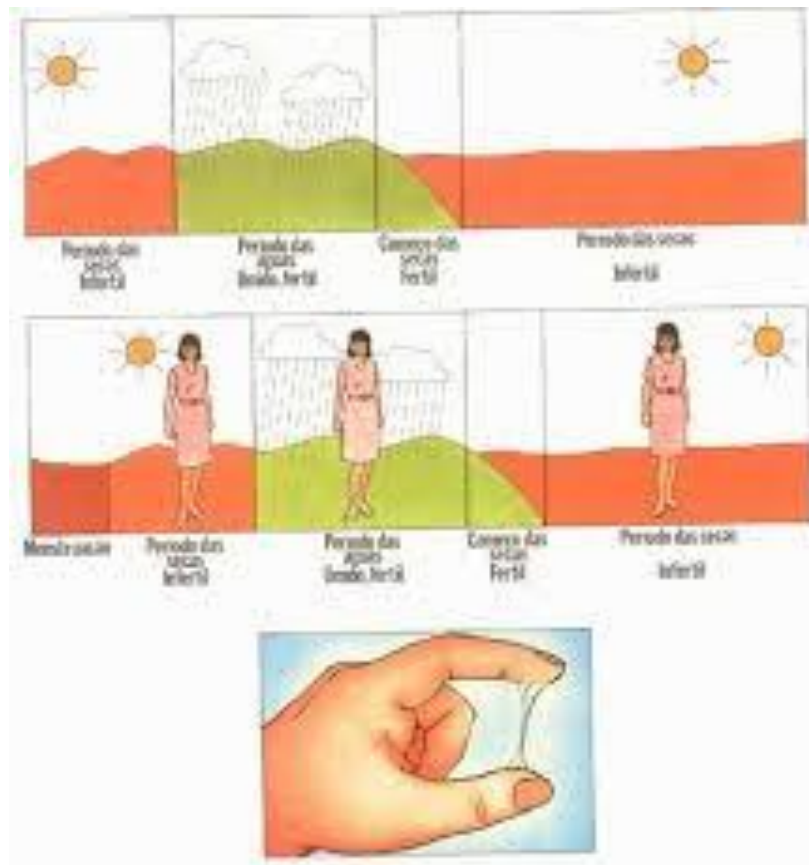


Imagem 01 – Fertilidade.

A observação do MOB centra-se na mudança do padrão do muco cervical produzido pela mulher, não só pela secreção aparente, mas também pelas mudanças que a produção do muco provoca na vagina e na vulva. Deste modo, os fluxos e sensações percebidos pela mulher são relacionados com o ciclo fértil e a possibilidade ou não de se conseguir uma gravidez.

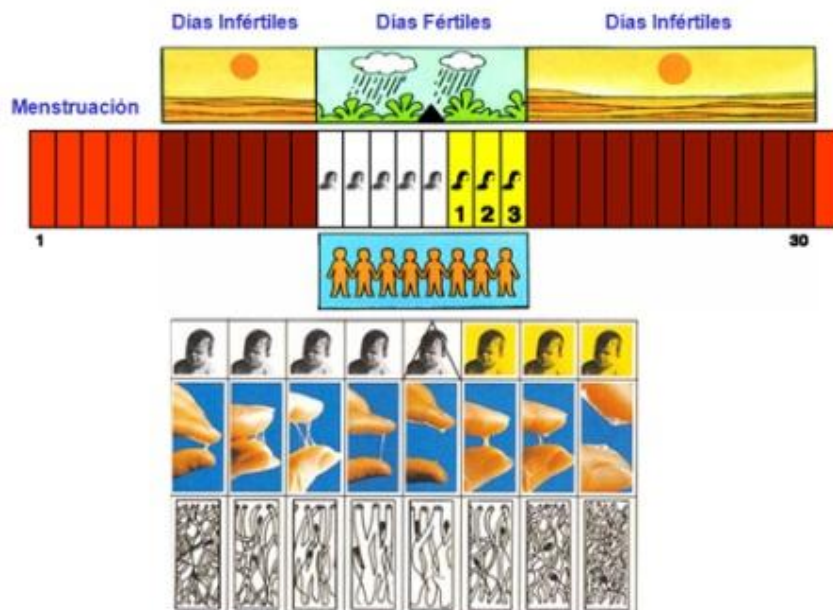


Imagem 02 - Relação Fertilidade-Ciclo-Muco.

Geralmente o casal é estimulado a compreender mais profundamente o funcionamento do corpo feminino com suas variações hormonais. O gráfico abaixo demonstra as variações hormonais que ocorrem durante o ciclo menstrual.

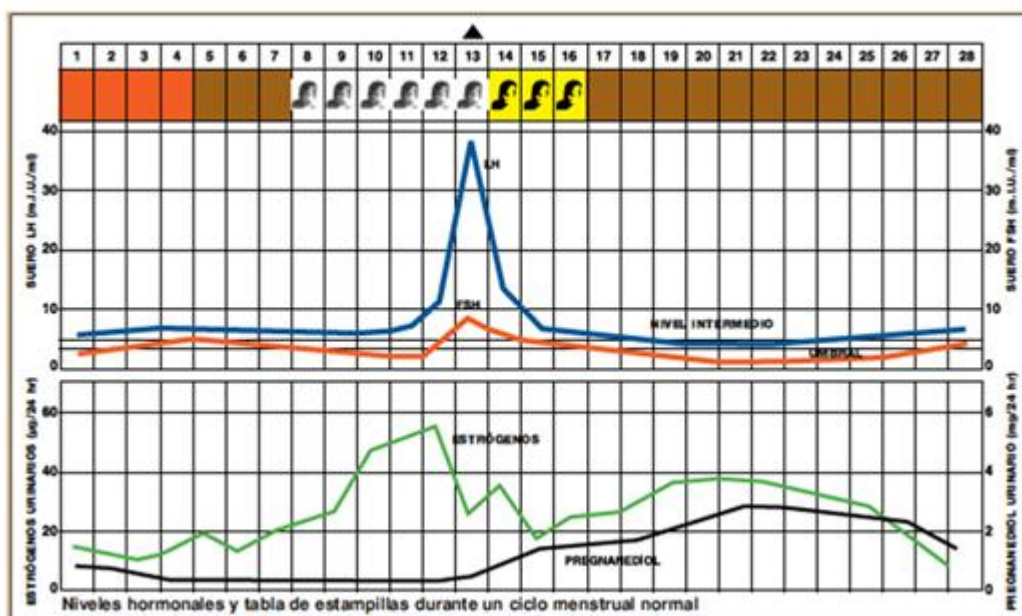


Imagem 03 – Variações hormonais.

São levados em conta também os diferentes tipos de ciclo que a mulher pode ter, considerando ainda a possibilidade de que uma mesma mulher

apresente os diferentes tipos de ciclo ao longo de sua vida. Segue uma imagem dos tipos de ciclo menstrual.

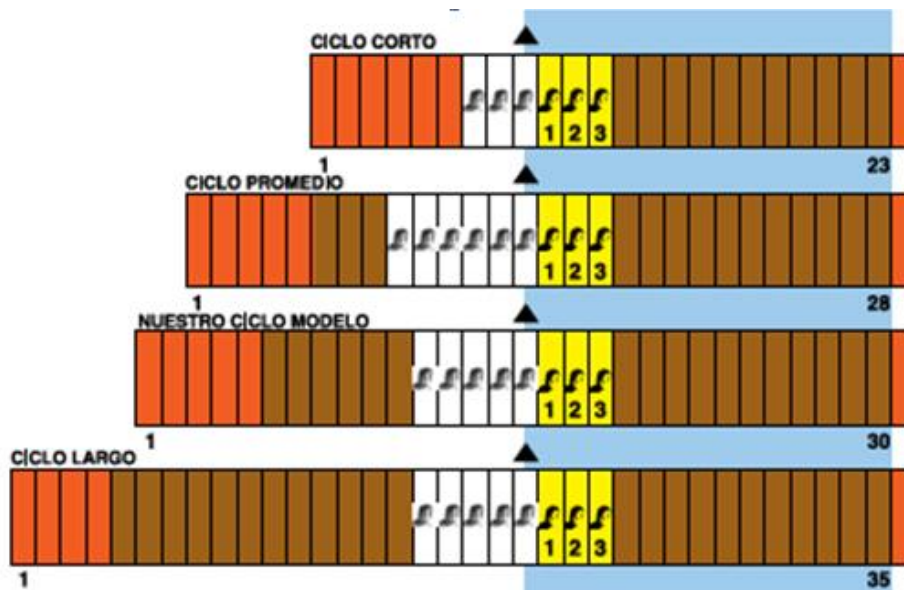


Imagem 04 – Tipos de ciclos

O registro das informações deve ser diário, bem como de outros sintomas que a mulher pode observar como a dor de ovulação, cólica, inchaço, acne. Cada grupo e, em alguns casos, cada mulher desenvolve a melhor forma de fazer a anotação. Geralmente é ensinado a utilizar gráficos, como o gráfico abaixo:

Gráfico 01 – Gráfico de anotações Equipe do Método de Brasília.

		GRÁFICO DE CONTROLE DA OVULAÇÃO																																		
dia	mes	01°	02°	03°	04°	05°	06°	07°	08°	09°	10°	11°	12°	13°	14°	15°	16°	17°	18°	19°	20°	21°	22°	23°	24°	25°	26°	27°	28°	29°	30°	31°	32°	33°	34°	35°
dia	mes																																			
dia	mes	<small>WWW.METODOSNATURAIS.COM.BR</small>																																		
dia	mes	<small>EQUIPEDEMETODOSNATURAIS@GMAIL.COM</small>																																		
dia	mes	<small>EMN</small>																																		
dia	mes	<small>EMN</small>																																		

Após a compreensão do funcionamento do corpo, ensinam-se as regras do MOB. O Billings tem regras diferenciadas para engravidar ou espaçar a gravidez. São elas:

Para conseguir a gravidez:

Aplique as Regras dos Primeiros Dias. Isto a torna capaz de reconhecer a mudança do padrão fértil de muco. Retarde a relação até que apareça o muco escorregadio. Os dias seguintes são os mais férteis. Daí que as relações deverão ocorrer enquanto o muco escorregadio é sentido e por um ou dois dias pós Ápice.

Para evitar a gravidez:

As Regras dos Primeiros Dias

Regra 1: Evite as relações nos dias de forte sangramento durante a menstruação.

Regra 2: Noites alternadas são disponíveis para relações quando estes dias forem reconhecidos como inférteis (Padrão Básico de Infertilidade).

Regra 3: Evite as relações em qualquer dia de muco ou sangramento que interrompa o Padrão Básico de Infertilidade. Permita três dias de PBI depois, antes de reiniciar as relações na noite do 4º dia. Regra 2 continua.

A Regra do Ápice

Quando o Ápice é identificado, seguindo uma mudança do PBI, a Regra do ápice é aplicada. Desde o início do quarto dia após o Ápice até o final do ciclo, a relação sexual é disponível cada dia, a qualquer hora. (CENPLAFAM, 2013).

Deste modo, chegamos ao outro princípio importante do Billings, bem como de todos os métodos naturais, a regulação da vida sexual do casal conforme seus interesses momentâneos em relação à paternidade e

maternidade. Logo, se o casal pretende engravidar, segue as regras propostas, caso não, segue as regras para evitar a gravidez.

Alguns aspectos importantes nas Regras: a observação das *noites alternadas*, pois é necessário que o casal tenha relação apenas pela *noite*, devido às questões hormonais e a observação diária; o reconhecimento do *PBI*, que é aquilo que a mulher observa quando não está fértil, pois reconhecendo o padrão de seu período infértil, a mulher é capaz de perceber qualquer mudança, seja oriunda do início da fertilidade, seja por algum problema de saúde e; o reconhecimento do *dia ápice*, ou seja, do dia mais fértil, pois é apenas após a percepção da ovulação que a mulher pode afirmar que entrou na terceira fase do ciclo, a fase lútea, e com isso estar liberada para ter relações nos dias e no momento que o casal quiser.

Junto com o Billings, alguns outros métodos entram como auxiliares, seja para confirmar a fertilidade, o dia ápice ou a ovulação, dando mais segurança ao usuário dos métodos em relação ao planejamento familiar. No entanto, o acúmulo de diferentes métodos é foco de crítica de alguns instrutores e grupos, pois a tendência é confundir o casal e provocar o aumento do período de abstinência.

O método auxiliar mais comum é a Temperatura Basal (TB), este consiste na tomada da temperatura corporal da mulher diariamente, após o maior período de descanso que ela possui. Geralmente é feito com termômetro comum, de mercúrio ou digital, pela manhã, antes da mulher iniciar suas atividades matinais. O padrão da temperatura é dividido em dois períodos, o entre a menstruação e a ovulação e a fase lútea, após a ovulação até o fim do ciclo. Na primeira fase a temperatura costuma ser mais baixa, coisa de 0,2º ou 0,3º Celsius, subindo no dia seguinte à ovulação e abaixando no dia que inicia o novo ciclo.

Deste modo, a TB auxilia na confirmação da ovulação e do correto desenvolvimento do ciclo menstrual. Este método é mais utilizado por quem pretende engravidar, pois só confirma a ovulação no dia que ela ocorre, impossibilitando a percepção da fertilidade no seu início. Deste modo, quem

pretende engravidar, utiliza os dias seguintes à subida da temperatura para tentar conseguir a gravidez. Para quem está evitando, é necessário outro método para perceber o início da fertilidade e conta três dias de temperatura alta, começando a ter relações apenas no quarto dia. Abaixo encontramos um exemplo de gráfico dos registos da TB.

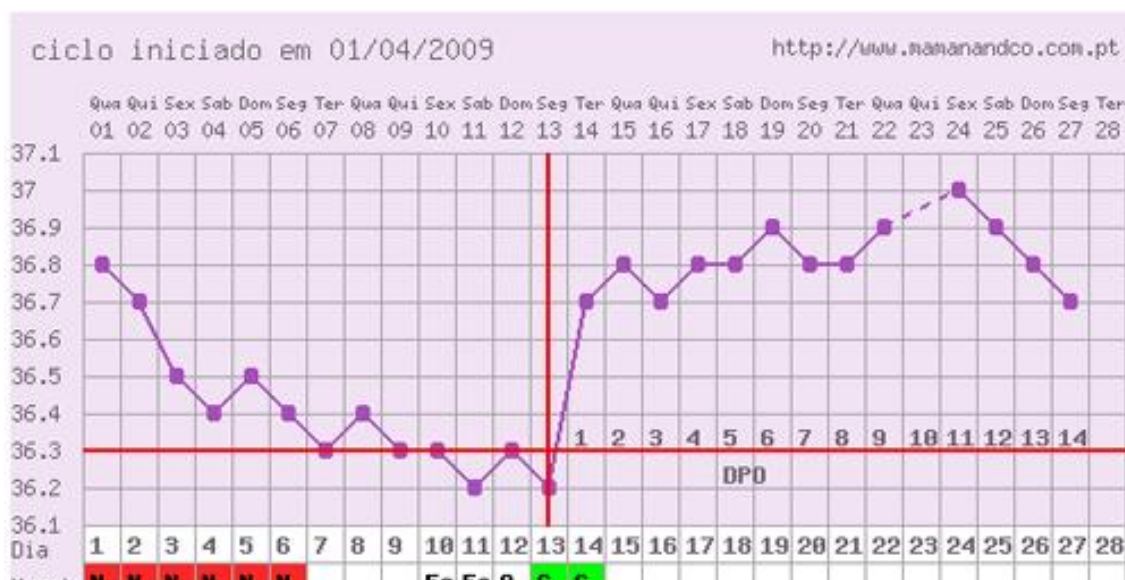


Imagem 05 – Temperatura basal

A TB acrescenta duas necessidades diárias à vida do casal, que a mulher tenha ao menos 04 horas de descanso cada noite e que acrescente a tomada de temperatura no ritual matinal. Sendo utilizada em conjunto com o Billings, a mulher deve registrar a temperatura pela manhã e os demais sinais do ciclo pela noite. O gráfico fica mais detalhado, sendo a junção dos dois métodos chamado de *Sintotérmico*.

A Equipe do Método de Brasília sugere a utilização de um segundo método em conjunto com o Sintotérmico. Inicialmente era utilizado o Método da Cristalização da Saliva, este método colabora na percepção do início, desenvolvimento e fim do período fértil, oferecendo informações pontuais sobre a fertilidade da mulher. Conforme as orientações contidas no site da Equipe:

Para uso deste método observar as seguintes orientações:

Deve-se coletar a saliva após duas horas sem comer, beber ou fumar. Lavar bem as mãos ou o coletor da saliva, assim com a

lâmina do microscópio; Após a coleta estourar as bolhas da saliva com a ponta do dedo ou coletor; Esperar secar (uns trinta minutos) efetuar a observação e anotação; Efetuar a coleta e a observação duas vezes ao dia.

Pelo formato da imagem da saliva seca na lâmina, pode-se identificar:

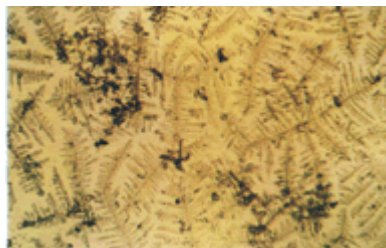
- Período fértil = quando a saliva apresenta formato de samambaias;

- Período infértil = quando apresenta pequenas bolinhas;

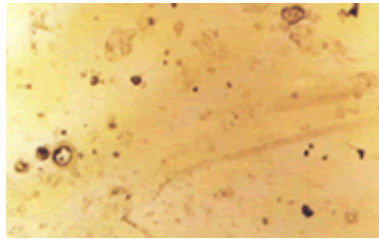
- Período duvidoso = quando apresenta pequenas bolinhas e algumas samambaias, ou seja, indica que a mulher ovulou ou vai ovular nas próximas 48 horas. (Equipe do Método de Brasília, 2013).

Na ovulação ocorre o aumento do hormônio estrógeno, que provoca o aumento dos níveis de sal no corpo da mulher. Este aumento de sal e mucina é bem evidente na saliva, onde é possível visualizar a formação de cristais em padrões que lembram uma samambaia. Este padrão em forma de “folhas de samambaia” pode ser visto quando a saliva é seca e observada com uma lente especial. Através deste método a mulher consegue identificar os períodos infértil, duvidoso ou transitório e fértil.

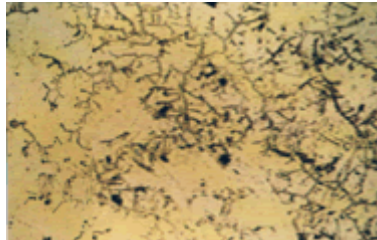
Os diferentes tipos de cristalização da saliva produzem as seguintes imagens:



Fértil



Infértil



Duvidoso

Imagem 06 – Cristalização da Saliva.

A cristalização da saliva é utilizada pelos casais da Equipe dos Métodos apenas quando o método Sintotérmico não oferece a segurança necessária para o planejamento familiar. No entanto, nos últimos dois anos, este método tem sido substituído pelo Teste de Fertilidade. O Teste, semelhante ao teste de gravidez de farmácia, consiste em uma fita que em contato com a urina da mulher reage à presença do hormônio LH. Esta presença acontece entre 24 e 48 horas antes da ovulação e, assim como a temperatura basal, o teste só funciona como uma confirmação da ovulação, não auxiliando na percepção da fertilidade em seu início. Pela praticidade, o teste tem substituído a cristalização da saliva, ainda mais devido ao fato de no ano de 2013 o acesso às fitas se tornou mais viável logística e economicamente.



Imagem 07 – Teste de Fertilidade – Hormônio LH

O *Couple to Couple League* utiliza outro método auxiliar ao Sintotérmico, a Auto palpação da Cervical, este método consiste na observação das mudanças do colo uterino. Para tal, a mulher insere o dedo indicador na vagina com o intuito de sentir o colo do útero, sua posição (se alto, médio ou baixo), textura (se firme, médio ou macio) e abertura (fechado, médio e aberto). Quanto mais baixo, macio e aberto está o colo do útero, mais fértil a mulher está. Este método é pouco conhecido no Brasil, muito utilizado nos EUA e nos países orientais. A imagem abaixo demonstra como se faz a observação e a anotação:

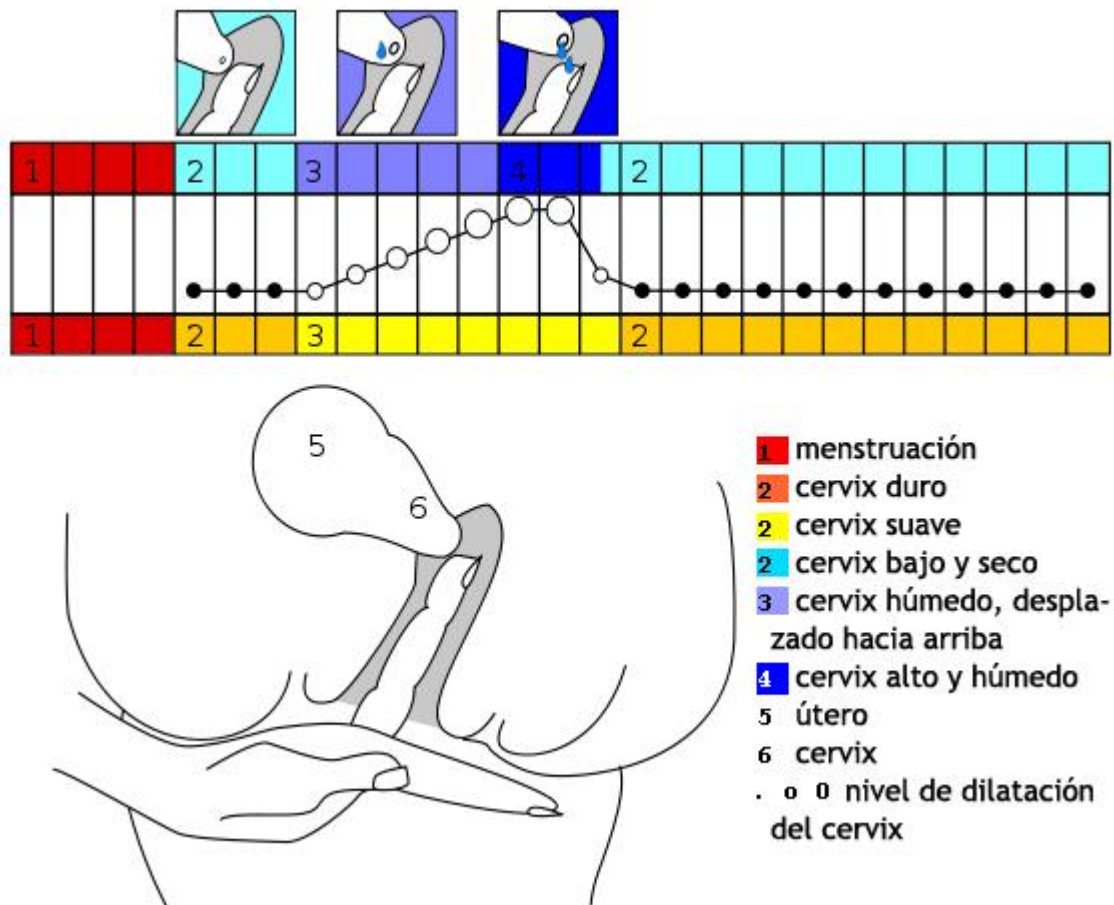


Imagem 08 – Auto palpação cervical

O *Creighton Model* e o *CENPLAFAM* orientam o uso apenas do MOB, pois acreditam que este é suficientemente completo para auxiliar ao casal no planejamento familiar. Ambos possuem metodologias de ensino e acompanhamento e de anotação do método, além de gráficos próprios. No

Anexo 01 da presente tese, encontramos alguns exemplos de gráficos dos grupos citados, os modelos e exemplos de gráficos preenchidos.

Há ainda a possibilidade de registro e acompanhamento do ciclo em meios criados pelos próprios casais, seja pelo registro manual em cadernos ou por tabelas e gráficos criados individualizando os sintomas da fertilidade. Além disso encontra-se disponível programas virtuais e aplicativos para smartphones que permitem o registro diário do ciclo menstrual feminino. *Ovuvview*, *Womanlog*, *Period Tracker* e *Love Cycles* são exemplos de aplicativos que permitem a anotação e o acompanhamento dos ciclos menstruais. Geralmente os instrutores de métodos naturais não recomendam o uso destes aplicativos, justificando que podem confundir, pois são baseados na tabelinha.

O ensino dos métodos naturais na Igreja Católica

Estes métodos acima explicados são apresentados de maneira diferentes tendo em vista o local, Estados Unidos ou Brasil, e o público que está sendo trabalhado. Além das diferenças entre os diferentes grupos de ensino dos métodos, onde cada um adota uma ou mais métodos e dá enfoque a determinados assuntos ou utiliza metodologias próprias para o ensino dos métodos escolhidos.

De modo geral, dentro da Igreja Católica os assuntos relacionados ao planejamento familiar e à vida sexual ativa são restritos ao público casado ou em vias de se casar. Antes disso fala-se dos assuntos relacionados à família, matrimônio, mas sem orientar claramente como pensar ou planejar esta família. A sexualidade é abordada de forma a orientar para a castidade, sendo a abstinência e a preservação da virgindade assuntos frequentemente tocados em grupos jovens.

Nas paróquias observadas nos Estados Unidos, foi percebida como padrão a apresentação do planejamento familiar natural, juntamente com a filosofia da Igreja acerca do matrimônio e família. Não foi encontrada uma paróquia que desenvolvesse autonomamente um curso, acompanhamento ou

algo parecido sobre os métodos naturais. Apenas na Diocese de San Jose, vizinha a San Francisco que exige que os noivos, além do curso próprio, participem de um curso completo sobre algum método de planejamento familiar natural. Deste modo, nas paróquias desta diocese além dos cursos de noivos, são oferecidos cursos de fim de semana da *Couple & Couple League*.

Geralmente em cada diocese há grupos que assumem esta função e assim há um acordo entre estes e as paróquias, que encaminham seus noivos para que os grupos treinem e acompanhem. Nos Estados Unidos, o grupo mais próximo das paróquias e dioceses é o *Couple & Couple League*. No Brasil o grupo mais conhecido é o CENPLAFAM, no entanto, em Brasília, quem tem as atividades mais desenvolvidas é a Equipe de Métodos, pois ao conquistar o apoio do bispo, conseguia mais capilaridade nas regiões.

Apesar desta similaridade entre os dois países, o ensino dos métodos naturais é bem diferente. Nos Estados Unidos o ensino é técnico, ensina-se a doutrina, a justificativa do planejamento familiar natural, a fisiologia e as regras do método escolhido. As suas atividades organizadas com estrutura de palestras e aulas, com a exposição do conteúdo e pouco espaço para a troca com os participantes. Cabe destacar que encontramos poucas falas sobre as “falhas” dos métodos, havendo uma forte confiança em seus funcionamentos e na possibilidade de um planejamento das gestações.

Dos dois grupos que tivemos contato nos Estados Unidos, não houve possibilidade de observação do curso do *Creighton Model*, mas durante a conversa com uma instrutora, foi percebido que o método se assemelha ao da própria *Womb International*, sendo uma metodologia mais pura, utilizando apenas o MOB como observação da fertilidade. Com isso, há um maior regramento da rotina feminina, que tem que estar atenta constantemente às mudanças de seu corpo, bem como aos sintomas de sua fertilidade.

O curso do C&C é dividido em três encontros, com o distanciamento de um mês entre eles, para que o casal possa realizar as anotações e estudar o método em casa. O método é uma junção entre os métodos sintotérmico (Billings e temperatura basal), e da apalpação cervical. Os cursistas adquirem o

material que consiste nos livros explicativos sobre o método, um termômetro digital e gráficos para serem preenchidos.

Nos encontros é apresentado o vídeo do curso com a explicação do método e rápidas palestras de um bispo americano sobre Teologia do Corpo e dos fundamentos teológicos da opção pelo PFN. O curso é bem centrado nos aspectos científicos do método e apresenta detalhadamente cada gráfico, situações corriqueiras e as exceções. Como falado, é um curso técnico que apresenta os aspectos importantes de casa um dos métodos e ensina a forma como a mulher deve estruturar sua rotina para o êxito da metodologia ensinada.

Deste modo, o C&C centra-se na mulher ao ensinar sua metodologia, ela é a responsável por conhecer os diferentes tipos de muco, sua evolução ao longo do período fértil, a forma de anotar e interpretar. É ela que precisa organizar os períodos de descanso e anotar a temperatura corretamente, do mesmo modo, saber qual melhor momento para fazer a apalpação da cervical. No entanto, fala-se pouco das questões de relacionamento entre o casal e a importância do apoio do homem no uso do método.

No Brasil o ensino é mais relacional, voltado para a orientação familiar. Fala-se sobre a doutrina acerca da família e matrimônio, a fisiologia da fertilidade e sobre as regras dos métodos, ficando sempre no bem estar do casal. Os encontros são mais dialogais, onde são desenvolvidos debates sobre os conteúdos e estudos de casos, tanto sobre os ciclos menstruais quanto como situações familiares ou entre o casal. Nestes cursos há uma maior necessidade de convencimento da eficácia dos métodos, para que as pessoas se sintam seguras na utilização dos métodos para o planejamento familiar.

O CENPLAFAM segue o modelo do *Creighton Model*, também é vinculado ao *Womb International* e utiliza apenas o MOB. No entanto, a Equipe dos Métodos de Brasília possui como princípio ensinar ao casal a compreender a fertilidade e o corpo daquela mulher especificamente para assim saber como planejar as gestações. O carro chefe da Equipe é o sintotérmico (MOB e temperatura) e durante um período ensinavam a

cristalização da saliva e, hoje em dia, passou a ensinar a apalpação cervical e o uso da fita de hormônio LH.

A Equipe do Método de Brasília (EMB) é um exemplo desta diferença entre os dois países, em seu curso há toda uma preparação do contexto do PFN dentro da doutrina da Igreja e do relacionamento do casal para entrar no funcionamento do método. Há em um primeiro momento um curso com a apresentação da filosofia da Equipe, os métodos utilizados e a orientação para que procurassem um instrutor para o acompanhamento. Este curso é explicitamente de convencimento para a opção do PNF, oferecendo exemplos de famílias que tiveram êxito no uso destes métodos. No primeiro encontro do acompanhamento há um retorno das questões apresentadas no curso e uma breve explicação do gráfico. Nos encontros seguintes os gráficos produzidos pelo casal são estudados, bem como a forma em que eles estão se adaptando com a vivência do método.

Assim, a EMB desenvolve seu trabalho voltado para o relacionamento do casal, colocando a importância do envolvimento dos dois para a vivência do método. O homem é estimulado a acompanhar e fazer parte da rotina cotidiana de observação e anotação da mulher, bem como a compreender o funcionamento do corpo feminino, da fertilidade, das regras dos métodos. Em suas orientações são questionadas assuntos de aspectos íntimos, bem como coisas do cotidiano da família, como forma de adequar e auxiliar aos mesmos em uma vivência familiar agradável.

Podemos relacionar a forma em que se desenvolvem os cursos e o aprendizado dos métodos naturais com o histórico de cada movimento e com o público a qual ele trabalha. Os movimentos americanos são mais antigos (década de 1970) e com isso possuem uma longa experiência no ensino do método. Nos EUA há uma rede de outros movimentos e entidades que trabalham com casais os temas voltados à família e ao relacionamento conjugal. Além disso, há a questão da catequese adulta e da consciência doutrinal que ela permite, estrutura esta que possibilita a formação de um público alvo diferente do brasileiro, que não necessita de uma catequese prévia ou doutrinação para o uso dos métodos. Assim, os cursos nos EUA são mais

técnicos, os métodos são passados de forma mais estruturada e sem muito questionamento, os cursos americanos são de certa forma focados quase exclusivamente nas técnicas e têm como alvo as mulheres que são assim responsabilizadas diretamente.

No Brasil estes cursos são encarados como possibilidade de formação religiosa e como espaços para orientação do casal ou familiar. Embora tenham também lugares onde os casais possam receber este tipo de serviço, geralmente os mesmos chegam aos cursos sobre MN carentes ou interessados por outras formações. É constante o comentário, por parte dos orientadores, de que os casais chegam para aprender o método e logo após começam a demonstrar ou relatar outros problemas, demandando atenção e cuidado por parte dos orientadores. Deste modo, é comum no Brasil a criação de laços de afinidade e amizade entre os orientadores e os orientandos, dada a intimidade dos assuntos tratados nos acompanhamentos.

Portanto, conforme as características dos públicos alvo, os cursos são recebidos de forma diferente. Nos Estados Unidos, alguns casais participam apenas como pré-requisito para a realização do casamento na Igreja, assim, estes se colocam de maneira desinteressada, sem se envolverem muito com os assuntos tratados. Os que procuram para o devido aprendizado do método agem de forma prática e objetiva, não questionam o embasamento religioso, nem as regras estabelecidas para o sucesso do método. Já no Brasil, mesmo quando decididos a utilizarem o método, há a necessidade de um convencimento, pois os casais chegam com a desconfiança de que o mesmo não funciona, ou que terão que imprimir uma prática sexual muito diferente da de costume do casal.

Nos próximos capítulos desenvolverei as formas como a opção por estes métodos influencia na rotina de mulheres e homens e no relacionamento dos esposos, bem como as consequências para as esferas da vida particular e familiar.

Capítulo 3 - Corporalidade e Sexualidade

O sexo sempre esteve presente no cotidiano dos homens, mas apenas nos últimos séculos a sexualidade se tornou um tema mais aparente nos discursos cotidianos e das ciências, atingindo inclusive os meios de comunicação de massa. Foucault, em sua história da sexualidade, apontou historicamente como o sexo se tornou assunto constante nos discursos da modernidade.

“O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo” (Foucault, 2005a, p.26).

O advento da sexualidade, suas transformações e principalmente a possibilidade de vivência de novas experiências sexuais são fatores que influenciam as práticas cotidianas de planejamento familiar na atualidade.

As mudanças no discurso da Igreja Católica e em suas práticas pastorais também são fundamentais para a estruturação da vida cotidiana de seus fiéis.

Os discursos das Ciências Sociais acerca da sexualidade e da corporalidade

As mudanças filosóficas e éticas ocorridas nos séculos XVII e XVIII trouxeram alterações na maneira de pensar e agir dos ocidentais. Neste processo a sexualidade humana passou a ser um tema importante tanto para o senso comum e a vida cotidiana quanto para as Ciências Sociais que voltaram seus estudos para a compreensão desta esfera da vida social. Seguimos as

ideias de Duarte (2004) que propõe um processo de “desentranhamento” da sexualidade das diferentes formas de pensar. Segundo ele:

“A construção da pessoa ocidental moderna é ponto chave para a compreensão da invenção da sexualidade. A percepção do homem como um ser em constante transformação e aprendizado devido ao contato com o mundo concreto, quebra a visão holista do mundo, dando espaço para a invenção do corpo humano que inclui a parte concreta, dotada de sentidos e funções específicas e a parte abstrata dotada de “vontade” e disposição para intervir no mundo. Esta parte abstrata, juntamente com as preocupações morais, suscitou o interesse na “interioridade do corpo” que juntavam as propriedades autônomas e a fisicalidade fundamental do corpo.” (Duarte, 2004).

Deste modo, pensar o ser humano ganha nova perspectiva, focada não apenas no funcionamento fisiológico de seu corpo, mas em todas as mudanças que ocorrem ao longo da vida, na sua capacidade de intervenção e nas consequências da sua relação com o mundo. Bem como naquilo que há de interior à este corpo, onde a sexualidade não existe apenas pelas sensações que ocorrem nos aparelhos sexuais, mas nos desejos e vontades que a pessoa possui, diante de sua autonomia e relação com o outro.

O corpo humano, em sua configuração física ganha status nos séculos XVII e XVIII com estudos científicos voltados para a compreensão de suas sensações e sensibilidade. Esta base sensorial permitiu o estudo do corpo voltado para sua disposição desejante e erótica.

“A afirmação de um critério mundano de ‘satisfação’ e ‘prazer’ como justificativa da vida humana é um dos traços mais característicos da inflexão moderna da cultura ocidental e certamente se associa ao processo de requalificação do ‘erotismo’ no quadro das fontes específicas de prazer [...]”. (Duarte, 2004, pg 43).

Ao mesmo tempo que permitiu esta visão do corpo, o século XIX colaborou para o estudo da sexualidade ao desenvolver estudos em duas

vertentes: o fisicalismo, preocupado em estudar a fisiologia da reprodução e os estudos da diferença, ao estudar a normalidade da sexualidade humana e suas relações. Há ainda a psicologia que se desenvolve no período e se volta para a psicofísica, buscando entender as influências dos sistemas sensoriais, incluindo a questão da excitação sexual.

Neste mesmo período de descobertas sobre a sexualidade, percebeu-se que ela não está apenas relacionada com a reprodução, mas envolve outros aspectos relacionados à sensibilidade. Com isto, a sexualidade se reaproxima com a moralidade pressupondo dimensões valorativas e morais das práticas sexuais. Neste período ocorreram diversos movimentos visando maior controle destas práticas, nos diferentes grupos sociais. A Igreja Católica utilizou estes estudos para construir uma catequese fundamentada e que orientasse seus fiéis.

“O conceito de uma ‘natureza’ dada, com implicações diretas sobre a vida humana, sob as espécies de um ‘direito natural’ e de uma ‘natureza humana’ sustenta esses desenvolvimentos doutrinários, tanto quanto todos os demais hegemônicos em nossa cultura nesse período.” (Duarte, 2004, pg. 47).

Na ficção literária o romantismo ganhou grande força, ligando a sexualidade à temática do amor romântico. Dos textos centrados na vida afetiva e nas adesões interiores, passa-se a falar da sexualidade de forma explícita, demonstrando o tanto que o desejo sexual é uma prática que demandava ser expressa. Este romantismo alcança as ciências sociais, culminando com o advento do individualismo e os estudos da vida íntima dos sujeitos.

Um autor sempre referido no processo de inclusão da sexualidade nos estudos das ciências sociais foi Freud, com sua combinação entre o universalismo e o romantismo. Segundo Duarte, a primeira colaboração de Freud foi o desentranhamento da sexualidade como um aspecto separado do restante da vida humana, onde a “pulsão sexual” pode ser separada e estudada como fator de promoção das doenças psíquicas. No entanto, suas

ideias vão contra as ideias de sua época ao desnaturalizar a sexualidade, como uma força psíquica, distinta das funções orgânicas.

Freud foi fundamental principalmente na mudança cultural a começar com o desentranhamento, tornando a sexualidade um fenômeno específico, além de reforçar a interioridade e a ética hedonista. Nas ciências sociais Freud influenciou os primeiros estudos da etnologia, a começar por Malinowski e Mead. Ambos elaboraram suas etnografias mediante os temas destacados por Duarte em relação aos estudos da sexualidade, focando na crucialidade, interioridade e prazer. Mead se destaca por relacionar a questão da sexualidade com os estudos das relações de gênero. De certo modo foi desenvolvido um reentranhamento etnográfico, ao desenvolver estudos integrais de determinadas culturas. Segundo Duarte,

“as informações sobre questões de sexualidade passam assim a permear os textos etnológicos nas clássicas rubricas da cosmologia, do parentesco, da reprodução, da construção do corpo, da diferença de gênero ou do ritual” (Duarte, 2004, pg. 57)

Nos estudos sociológicos, a sexualidade está relacionada à tradição romântica alemã, Simmel (2001) e Elias (2011) viam a sexualidade como mais uma dimensão da dinâmica social, sendo uma força subjetiva que influencia em seu jogo. Simmel postulava um entranhamento da sexualidade nos processos sociais, em seus estudos é possível perceber a explicitação da dimensão sexual presente nos vínculos amorosos. Já Elias, em seu processo civilizatório, apresenta uma visão mais desentranhada da sexualidade.

Seguindo esta tradição sociológica temos Weber (1982) em sua análise das éticas comportamentais, onde o amor sexual aparece na racionalização das formas primordiais de religião e na do mundo social em geral. O embate entre as forças íntimas dos sujeitos sociais envolvidos nas éticas místicas e acéticas e na sexualidade, estas forças podem se oporem ou se oferecerem à racionalização. Nas ciências sociais atuais temos como importante estudioso da sexualidade Foucault (2005). Embora influenciado pelo neo-romantismo oriundo da dita “liberação dos costumes”, ele postulava que a sexualidade não era um valor universal, mas uma construção social, supervalorizado na cultura

ocidental. No século XIX houve uma incitação em colocar o sexo em discurso, segundo Duarte:

“articulando o individual e o coletivo, o dispositivo da sexualidade corresponde a um processo de sexualização generalizada, que terá nas crianças um de seus principais focos e que transformará a família em lócus permanente de observação, reflexão e controle do comportamento sexual de seus membros.” (Duarte, 2004, pg. 61)

Nos estudos da sexualidade, Foucault ganha destaque justamente por levantar a problemática de como na modernidade a sociedade ocidental trouxe a sexualidade ao discurso. Isto não necessariamente foi sinônimo de uma liberação sexual, pois também acarretou em outros tipos de amarras que envolvem o sexo e o corpo. Para Foucault o corpo está no centro de diversas relações de poder, que envolve o indivíduo, a família, o Estado, a Igreja, bem como todas as especialidades médicas. É no corpo e pelo corpo que ocorrem todas as formas de dominação, desde a mais tenra idade até a velhice.

“O domínio, a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...” (Foucault, 2000, pg. 146)

Esta crítica levantada por Foucault à pornografia e à exposição do corpo encontra analogia com a feita pela Igreja em relação às transformações que a modernidade trouxe. Ou seja, expor e “usar” o corpo não é por si uma forma de

libertação, pois exige que este seja bonito, bronzeado, malhado, dentro de todos os padrões estabelecidos pela época, dependendo das configurações culturais. Do mesmo modo, a pornografia enclausura as relações sexuais exigindo performances e práticas nem sempre de interesse dos parceiros sexuais. Apesar de concordarem neste aspecto, Foucault critica a Igreja pelo controle exercido em relação à sexualidade pelas práticas pastorais como a confissão. Ao exigir dos fiéis a confissão anual dos pecados, com a descrição detalhada dos pecados cometidos, a Igreja Católica fez com que seus fiéis elaborassem discursivamente seus desejos, vontades e ações (Foucault, 2000). Foucault colaborou para por em perspectiva todas as relações de poder que encontramos envolvidas nas questões relativas à sexualidade e ao corpo.

Seguindo outra corrente antropológica, podemos pensar a incorporação da cultura nos corpos individuais a partir dos estudos de Mauss (2003). Marcel Mauss, seguindo sua tradição francesa dá grande ênfase à influência da sociedade na constituição e ações individuais. Deste modo, vê a construção da noção de pessoa como um fenômeno social ao mesmo tempo em que dá grande força para a determinação social nas práticas corporais. A noção de pessoa, tida por muitos como natural, foi construída de diversas formas em diferentes sociedades, podendo ser elencado uma “série de formas que este conceito assumiu na vida dos homens, das sociedades, com base em seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas mentalidades” (Mauss, 2003, p. 371). Mauss relata algumas formas construídas da noção de pessoa desde a relação entre pessoa e personagem, do indivíduo confundido com seu clã, onde a ordenação do primeiro permite a ordenação do segundo, até a inclusão do direito e da moral nesta noção.

Mauss ressalta que o fundamental é quando

“acrescenta-se cada vez mais um sentido moral ao sentido jurídico, um sentido de ser consciente, independente, autônomo, livre, responsável. A consciência moral introduza a consciência na concepção jurídica do direito. Às funções, honrarias, cargos e direitos, acrescenta-se a pessoa moral consciente.” (Mauss, 2003, p. 391).

A esta construção moral da noção de pessoa, o cristianismo acrescentou uma base metafísica segura, de caráter religioso e que permeia a noção de pessoa até os dias de hoje. Além da base metafísica, a noção de pessoa cristã, acrescentou o caráter uno da pessoa, oriundo da noção da unidade da Santíssima Trindade (três em um) e a unidade de Cristo (Deus e homem). Surge assim a pessoa humana “substância e modo, corpo e alma, consciência e ato” (Mauss, 2003, p. 393). Deste modo, a pessoa se tornou um elemento com substância racional, indivisível e individual, que ao longo dos tempos foi construída pela filosofia como consciência e uma categoria.

Cabe ressaltar que Mauss dá à noção de pessoa um caráter relativizante dada a sua variação cultural, tendo como exemplo desta concepção a forma como ele pensa as técnicas corporais. Para ele o social e o cultural influenciam nas práticas corporais, havendo pouco espaço para as determinações e idiosincrasias pessoais, sendo assim, é imposto ao indivíduo um conjunto de práticas e posturas comuns à sua cultura. Segundo ele, “*é graças à sociedade que há segurança e presteza nos movimentos, domínio do consciente sobre a emoção e o inconsciente*” (Mauss, 2003, p. 421) As técnicas do corpo nada mais são do que a forma da qual os homens tradicionalmente servem-se de seus corpos, sendo o termo técnica empregado como um ato tradicional eficaz. Deste modo, são técnicas eficazes para determinadas ações e são aprendidas pelo indivíduo em seu processo de educação e socialização, mais precisamente a educação das necessidades e das atividades corporais do indivíduo. Estas técnicas são assim uma instrumentalidade, onde o corpo aparece como primeiro instrumento do ser humano. Mauss resalta que estas técnicas variam conforme a cultura, a idade e o sexo.

Chegamos assim a uma ideia importante: todo indivíduo tem seu corpo e nele está inscrito a sua inserção cultural. Ou seja, a noção de pessoa está diretamente ligado aos demais elementos culturais, constituindo uma forma de socialidade onde se constituem estas pessoas, os seus direitos e as formas de se relacionarem. Do mesmo modo, é a cultura que configura as práticas corporais, sendo apreendido pelo processo de socialização e condicionando o comportamento dos indivíduos. Cabe destacar que estas práticas corporais

variam conforme a diversidade cultural e as formas diversas numa mesma configuração cultural de inserção nas relações sociais. Da mesma forma, podemos dizer que a sexualidade, suas práticas e sua diversidade variam também conforme as diferenças culturais.

Voltando à sexualidade, segundo Loyola (1999), este estudo ganhou nova força com a teoria da construção social ou o construcionismo. Esta vertente encara diversas disposições sociais como construção e não como elementos dados pela natureza. Nas discussões realizadas o caráter construído da sexualidade se aproxima da realizada sobre a diferença de gênero, se tornando inseparável desta concepção. Tanto a preocupação com a dominação, quanto com a construção simbólica da sexualidade se apresentam nesta vertente, adicionando ao estudo da sexualidade novos elementos para serem trabalhados. Além disso, temos também a transformação da concepção de comportamentos em identidade, ou seja, mais do que se centrar nos diferentes comportamentos, o estudo da sexualidade tem focado nas identidades. O estudo da sexualidade por via da identidade caminha junto com a valorização da mulher, em decorrência da ação dos movimentos feministas e com a modificação das práticas sociais, em decorrência da liberação sexual e o acesso às novas tecnologias, principalmente às voltadas para a contracepção.

Cabe destacar que o mais importante destes estudos é a percepção de que a sexualidade não é algo fixo, ela possui suas variações culturais, bem como ao longo da história. Modifica-se ainda conforme as trajetórias individuais, relacionando-se com os campos de possibilidades de cada sujeito delimitado pelas marcas sociais oriundas das histórias familiares, classe social, idade etc. Desta forma,

“A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. (Heilborn, 1999, pg. 40)

Outro ponto importante é dicotomia entre o público e o privado, a intimidade e a “extimidade”. Segundo Loyola, a sexualidade que costumava estar inserida na vida privada, considerada intimidade, se torna cada vez mais pública e publicizada. *“Ligada ao amor e às emoções, a sexualidade torna-se hoje [...] objeto de cálculos e medidas racionais a ser socializado e sancionado por um discurso eminentemente público.”* (Loyola, 1999, pg.35). Numa realidade marcada pela prevenção da AIDS, encontramos grande suporte público que oferece a possibilidade de se falar da sexualidade, bem como de classificação das práticas sexuais como bom ou mal, normal ou patológico, permeadas da oposição moral entre bem e mal. Falar de sexo como algo público também chegou à Igreja, como veremos mais adiante, se tornando algo de grande relevância para o público estudado.

Por fim, a intimidade também se transformou dando espaço para o que Giddens chama de “relação pura”, onde a confiança está pautada nos compromissos internos à relação e não em aspectos externos a ele, seja cultural ou religioso (Giddens, 2002). A relação pura se estabelece por aquilo que o indivíduo pode receber estando nesta relação, desta forma a relação existe não mais devido a padrões estabelecidos socialmente que compreendem arranjos familiares mais amplos de aliança, mas, respondendo ao valor do individualismo na sua forma radical: realiza-se por interesses pessoais e enquanto esses permanecerem para cada um dos parceiros, sendo a sua “pureza” pautada pelo interesse na relação em si e não na percepção de que respondem a aspectos sociais.

A proposta de Giddens nos leva a refletir ao que percebi durante a pesquisa: subjetividades envolvidas com os métodos de planejamento familiar precisos e rigorosos, em nome da escolha individual. A pergunta, assim, é como se combinam e articulam elementos de escolha individual radical, com os elementos religiosos católicos percebidos como doutrinários.

Passamos agora a apresentar a sexualidade para a Igreja Católica, como todas estas mudanças na forma de pensar a sexualidade e os estudos das ciências sociais influenciaram o discurso da Igreja e suas práticas pastorais e levaram a produção de uma resposta ou de uma nova forma de tratar da

sexualidade. Resposta este que se aproxima do movimento proposto por Foucault, onde a sexualidade alcançou o seu discurso, se tornando tema relevante nos estudos de sua doutrina e foco de suas práticas pastorais.

A sexualidade para a Igreja Católica

“A sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta realiza-se de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte.” (FC, 11)

O trecho acima, retirado da Exortação Apostólica Familiaris Consortio, escrita pelo Papa João Paulo II no ano de 1981, resume bem como a sexualidade é vista pela doutrina da Igreja Católica. A sexualidade parte da constituição biológica, da corporalidade e está inclusa naquilo que constitui a pessoa. Mais do que isso, a sexualidade é vista como algo relacional que deveria acontecer por meio das relações existentes entre o homem e a mulher, reconhecendo as diferenças e as complementaridades dos dois sexos na construção do comportamento masculino e feminino.

Deste modo, para o catolicismo a sexualidade tem papel fundamental na compreensão da visão de homem do cristianismo, pois além de considerar os aspectos espirituais, considera o estado físico, o corpo. Cabe destacar, que por muito tempo vigoraram concepções filosóficas que pregavam a dualidade entre corpo e alma, onde o corpo e a sexualidade eram vistos como algo negativo para a vida espiritual. Uma dessas correntes, o maniqueísmo, influenciou o cristianismo, durante século IV, mas posteriormente a Igreja considerou heresia devido a dualidade entre o bem e o mal que entra em choque com a bondade da criação de Deus. Sem esta dualidade, foi devolvido à sexualidade seu papel na concepção cristão de homem. Assim, doutrinariamente passou-se a recusar a oposição entre corpo e alma, entre bem e mal. A justificativa que pauta a

explicação atual é que, do mesmo modo que a alma, o corpo também é uma criação divina, tendo seu valor e importância para a vivência do homem no mundo.

“Como criaturas corporais que somos, esta é, em certo sentido, a única via pela qual nos é dado experimentar o mundo espiritual: no mundo físico e através dele, em nosso corpo e através dele. Deus, ao assumir um corpo na Encarnação, é justamente aqui que, com toda humildade, se encontra conosco, isto é, em nosso estado físico e humano.” (West, pg. 21, 2008)

No entanto, esta visão dual teve forte influência na doutrinação e no comportamento dos religiosos frente à experiência da sexualidade e à opção entre vida religiosa (celibatária) ou o casamento. O casamento era visto como algo inferior à vida religiosa, pois exige uma divisão do tempo entre a família e a religiosidade e com isso, a diminuição das práticas religiosas, como por exemplo, dos momentos de oração e de participação nas atividades da Igreja. Devido a isto, as práticas pastorais foram contrárias ao que postulava a doutrina da Igreja, tanto nas concepções sobre o casamento, quanto nas orientações em relação à vivência da sexualidade. E isto teve reflexo nas práticas pastorais da atualidade acerca do casamento e sexualidade.

Embora o Papa Pio XI tenha publicado a encíclica *Casti Conubii* em 1930, a temática era algo pouco falado dentro da Igreja. Neste documento ele reinteirou a importância da família e a proibição de meios artificiais de controle de natalidade, além de reafirmar a posição contrária da Igreja em relação ao aborto. O documento serviu ainda para posicionar a Igreja como detentora de autoridade acerca dos assuntos morais, se colocando como cooperadora do poder político e civil.

Na década de 1960, a popularização dos contraceptivos forçou a Igreja a se posicionar. Deste modo, enquanto a opção pela contracepção artificial ganhava força, o discurso oficial da Igreja se colocava contrário aos métodos contraceptivos artificiais e a algumas práticas sexuais, principalmente por meio de documentos como as encíclicas *Humanae Vitae* (1969) e *Veritatis Splendor* (1993).

O *Humanae Vitae* (HV) foi publicado pelo papa Paulo VI anos no período da popularização da pílula anticoncepcional e surgiu como a resposta da Igreja para os questionamentos dos fiéis sobre a licitude do uso de métodos artificiais de contracepção. Para a sua publicação, Paulo VI convocou um grupo de cientistas, teólogos e casais para pesquisarem e debaterem sobre o tema, para dar embasamento a sua decisão e ao direcionamento que daria para a Igreja. Embora a Comissão de Estudo não chegasse a um consenso, o Papa publicou HV totalmente contrário ao uso de contraceptivos. Assim, a postura radical da Igreja acerca da contracepção não era unívoca dentre seus dirigentes e esta divisão permanece até hoje, tendo as vozes dissonantes silenciadas recorrentemente. Embora haja esta postura radical, os reflexos na prática pastoral não tiveram o mesmo apelo, e desde então, há uma diversidade de orientações nas paróquias e grupos religiosos.

Um dos principais argumentos para o veto aos contraceptivos está pautado na concepção do próprio matrimônio, onde o ato conjugal é encarado como naturalmente fecundo (CIC 2366). Esta fecundidade é de suma importância para o catolicismo pois para elas, permite aos homens serem co-criadores com Deus, transmitindo a vida e educando as novas gerações. O homem, segundo a concepção da Igreja, não deve separar dois significados do ato sexual, o unitivo e o procriador. O significado unitivo se baseia no bem que o sexo oferece ao casal, criando laços afetivos mais fortes e oferecendo o prazer do contato sexual. O significado procriador se baseia na capacidade natural de em toda relação sexual, homem e mulher poderem gerar uma nova vida, sendo esta uma designação divina.

De todo modo, nem todos os meios são aceitos pela Igreja para o planejamento familiar, apenas aqueles que mantêm os dois significados do ato sexual. Deste modo, para o planejamento familiar os casais devem procurar meios que permitam o caráter unitivo e procriativo. A Igreja não indica diretamente nenhum método para o planejamento familiar, apenas considera lícito o uso dos períodos infecundos para o ato sexual, do mesmo modo que considera ilícito o uso de meios que impedem a fecundação, ainda que por motivos justos. Deste modo,

“a continência periódica, os métodos de regulação dos nascimentos baseados na auto-observação e no recurso aos períodos infecundos, são conformes aos critérios objetivos da moralidade. Estes métodos respeitam o corpo dos esposos, estimulam a ternura entre eles e favorecem a educação dum a liberdade autêntica. Em contrapartida, é intrinsecamente má ‘qualquer ação que, quer em previsão do ato conjugal, quer durante a sua realização, quer no desenrolar das suas consequências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação’” (CIC 2370).

Sendo assim, segundo a doutrina católica, o casal deve planejar sua família conforme as condições que possuem, sejam elas econômicas e sociais ou físicas e psicológicas. No entanto, para que este planejamento respeite o corpo e a natureza da sexualidade ela orienta que não sejam utilizados dispositivos que impeçam a fecundação. Apenas a mudança comportamental é permitida, ou seja, a escolha dos momentos a se ter relação sexual, o que possibilita inclusive a educação dos corpos, por meio da ascese e momentos propícios à oração, tanto individual quanto em família.

No HV a Igreja Católica foi taxativa em relação à proibição do uso de contraceptivos porém, quase 10 anos depois, João Paulo II assume o pontificado e desenvolve uma nova abordagem acerca da sexualidade e do planejamento familiar. Diante da grande importância que as questões relacionadas com a sexualidade e o corpo tomaram no final da década de 1970, o João Paulo II optou por desenvolver nas catequese apresentadas nas Audiências Gerais o tema “amor humano em seus vários aspectos”. Historicamente, estas audiências têm como objetivo o ensino da Doutrina da Igreja Católica aos fiéis e ganham enfoque os aspectos doutrinários tidos como relevantes para o Papa. Desta forma, assuntos como a relação do homem e da mulher, o significado do corpo humano, a natureza e missão da família, o matrimônio, o celibato, a ética sexual cristã, entre outros, foram trabalhados e desenvolvidos pelo Papa. O conjunto das homilias serviram para o desenvolvimento da chamada Teologia do Corpo (TOB), que posteriormente se

tornou a base para novos discursos e posturas da Igreja frente a vida familiar e sexual de seus fiéis.

Segundo Christopher West, um dos principais comentadores americanos da TOB, a nova metodologia do Papa se destaca por uma abordagem compassiva, centrando a moralidade sexual na liberdade e não no legalismo.

“os que foram desiludidos com a avaliação tendenciosa de certos moralistas acharão esta abordagem encantadoramente construtiva. O Papa não impõe coisa alguma nem aponta o dedo contra ninguém. Ele simplesmente reflete com amor sobre a Palavra de Deus e a experiência humana, para demonstrar a profunda harmonia entre ambas. Em seguida, com maior respeito à liberdade, convida a abraçar a nossa própria dignidade. Não importa saber quantas vezes falhamos, preferindo o que é inferior. Esta é uma mensagem de cura e redenção sexual e não de condenação.” (West, pg. 33, 2008)

Então, mais do que uma postura combativa em relação às práticas sexuais e às vivências anteriores, o Papa deu à sexualidade o seu lugar dentro da catequese católica, oferecendo aos fiéis diretrizes claras de como o sexo e o corpo devem ser pensados e experimentados pelos diferentes estilos de vida (celibatários, solteiros, casados). Aos poucos, estas diretrizes se difundiram permitindo modificações nas práticas pastorais e assim, na maneira de pensar e agir dos católicos em geral. Sendo assim, a TOB abriu espaço para a difusão da doutrina sobre a sexualidade, ao ponto de hoje termos padres e leigos falando sobre sexualidade, relações sexuais, questões de gênero etc, de maneira acessível a todos. Além de não enfocarem nas proibições, mas destacarem a importância do prazer no sexo, junto com as funções unitiva e a procriativa, e a questão da paternidade responsável ao se pensar nos filhos. Portanto, é de grande relevância a compreensão da TOB e de suas interpretações para entender o discurso e as práticas dos usuários de métodos naturais.

Em suas catequese, João Paulo II tenta responder a duas questões centrais: *o que significa ser um humano e como viver minha vida de uma forma*

que traga verdadeira felicidade e plena satisfação? Para responder a estas questões, ele remonta o diálogo de Jesus com os fariseus sobre a indissolubilidade do matrimônio, presente nos Evangelhos de Mateus (capítulo 19, 3ss.) e Marcos (capítulo 10, 2ss.). Neste sentido, seguindo o argumento de Jesus, ele trata do assunto desde a criação até os tempos de hoje, passando pela origem, a história e o destino humano, nos termos do cristianismo, e se voltando para o humanismo cristão, na vivência do matrimônio e do celibato.

Duas novas visões foram incorporadas à doutrina sobre a sexualidade, a primeira sobre o Homem, que passa a ser entendido como corpo, alma e espírito. Esta visão se diferencia do maniqueísmo que fazia a separação binária, corpo e alma, onde o corpo aspira ao mal, é concupiscente, e a alma aspira ao bem, à salvação. A segunda visão modificada é sobre o corpo e a sexualidade, onde esta se torna a base da vida humana, surgiu assim uma nova proposta de ética cristã, capaz de ensinar aos homens e mulheres a vivência de práticas cotidianas condizentes com a doutrina e com as realidades cristãs. João Paulo II articula assim a relação entre a noção de pessoa e a consciência do corpo e destaca o momento da criação que, segundo o relato bíblico, foi o momento que o homem se diferenciou dos demais animais e a solidão original permitiu estabelecer a relação entre a noção de pessoa e a consciência do corpo. Nas palavras do Papa:

“O autoconhecimento acompanha o conhecimento do mundo, de todas as criaturas visíveis, de todos os seres vivos a que o homem deu nomes para afirmar em confronto com eles a própria diversidade. Assim portanto, a consciência revela o homem como o ser que possui a faculdade cognoscitiva a respeito do mundo visível. Com este conhecimento que o faz sair, em certo modo, fora do próprio ser, ao mesmo tempo o homem revela-se a si mesmo em toda a peculiaridade seu ser. Está não apenas essencialmente mas subjetivamente só. Solidão, de fato, significa também subjetividade do homem, a qual se forma através do autoconhecimento. O homem está só, porque é ‘diferente’ do mundo visível, do mundo dos seres vivos.” (JPII, 10 de Outubro de 1979)

Segundo o entendimento católico, a percepção da diferenciação humana dá aos homens o caráter de subjetividade própria, vontade livre. O homem se percebe enquanto *pessoa*, por meio das descobertas e por se ver diante de Deus, à sua imagem e semelhança, chamado ao amor e à dominação dos demais seres. Mais que isso, para o catolicismo, ao se perceber como corpo entre os outros corpos de mundo visível, o homem descobre o sentido da sua própria corporeidade. No entanto, corporeidade e sexualidade não se relacionam, conforme Papa João Paulo II,

“embora o corpo humano, na sua constituição normal, traga em si os sinais do sexo e seja, por sua natureza, masculino ou feminino, todavia o fato de o homem ser ‘corpo’ pertence à estrutura do sujeito pessoal mais profundamente que o fato de ele ser na sua constituição somática também macho ou fêmea.” (JP II, 07 de novembro de 1979)

A sexualidade para os casais católicos

Podemos perceber o uso de toda a justificativa elaborada pelo catolicismo e principalmente por João Paulo II ao observar a atuação dos usuários de MN. A questão da corporalidade entra na importância dada para o corpo pelos usuários dos MN, em especial o corpo feminino e a sua saúde. Os usuários e instrutores encaram os MN como solução para os problemas da saúde da mulher, tanto por dispensar o uso de dispositivos que trazem consigo efeitos colaterais, como os contraceptivos hormonais e as suas consequências para o corpo da mulher, quanto nos casos de infertilidade, onde o acompanhamento e observação do corpo feminino permitem a compreensão dos motivos deste problema.

Os Smith relataram que o abandono de contraceptivo e o aprendizado do método C&C modificaram a perspectiva que o casal tinha em relação ao corpo dela e da vida sexual. No início do casamento, por não terem informação sobre MN, seguiram as orientações do médico ginecologista e ela utilizava pílula. Ele reclamou do fato de ela ficar muito “seca”, pouco interessada no sexo, o que

fazia com que eles tivessem uma vida sexual fria. Por causa disso e por se preocuparem com as consequências que os hormônios trazem para o corpo da mulher e ao meio ambiente no geral, abandonaram a pílula e aderiram ao C&C. Por fim, eles afirmaram que aprenderam com o método que é muito importante o respeito ao corpo da mulher, ao seu ritmo e ciclo, tendo assim a partir desta compreensão uma vida mais harmoniosa. Isto serve de argumento para o uso de MN e principalmente, para o abandono dos contraceptivos hormonais, argumentos este utilizado tanto no Brasil, quanto nos EUA.

Deste modo, a relação métodos naturais e saúde feminina é muito utilizada na divulgação dos métodos. Um depoimento presente no livro de Hahn descreve bem esta relação entre o uso de PFN e a saúde da mulher:

“Servi-me do planejamento familiar natural sobretudo para controlar minha endometriose. Usando o método sintotérmico, sei quando alguma coisa não vai bem. Com o planejamento natural, posso preparar-me para uma ruptura cística (com subida inusitada da temperatura pela manhã avisa-me de que vai acontecer alguma coisa no meu dia). Em vez de utilizar a pílula ou qualquer outro tratamento hormonal para a endometriose, posso aprender a viver com ela usando o PNF.” (Hahn, 2012, pg. 144)

A busca pela saúde da mulher, bem como a observação do funcionamento de seu corpo, são pontos comuns aos usuários de MN nos EUA e no Brasil. Nas atividades dos grupos de PFN, ouvimos constantemente relatos de casais com problemas de relacionamento motivados ou agravados devido ao desinteresse de um dos dois em relação ao sexo e que após o aprendizado dos métodos naturais, houve uma mudança significativa das dificuldades relatadas. No Brasil há uma maior preocupação em relação ao corpo feminino, seja por problemas no aparelho reprodutivo, seja pela questão da gravidez e parto.

Há ainda uma grande insegurança em relação às práticas e orientações médicas, como no incentivo ao uso de contraceptivos para “regulação” do ciclo menstrual, em casos de endometriose e ovários policísticos. Gravidez e parto são outros momentos críticos para os usuários de MN, principalmente devido

aos altos índices de cesarianas a qual são submetidas as gestantes brasileiras. A despeito da orientação médica da mulher ter no máximo três cesarianas, nos dias de hoje, aquelas que desejam famílias numerosas chegam a sofrer sete ou oitos cesarianas. Por isso, no Brasil há uma maior preocupação em conhecer a fisiologia do corpo feminino, os processos e procedimentos comuns à gestação, partos normais e cesarianos. Um relato presente em um blog sobre MN demonstra esta desconfiança:

“Tenho SOP (Síndrome dos Ovários Policísticos), mas me recusei a acreditar que o anticoncepcional era o único tratamento possível. Fui em várias médicas até que encontrei uma que entendeu minha posição e prescreveu cloridrato de metformina. Melhorei bastante do último ano para cá (quando comecei), mas graças também à perda de peso e melhora na alimentação. Uma coisa que aprendi nesse tempo é, quando se tratar de métodos naturais e fertilidade, a não se conformar com o senso comum.”
(Fertilidade Inteligente, 2013, 09/10, grifo meu)

O interesse nestas questões relativas ao corpo da mulher não é uma questão estrita ao universo feminino. Percebe-se diversos homens que estudam o tema, observam suas esposas e tem grande interesse pela realidade dos casais que orientam, inclusive sobre as questões fisiológicas destas mulheres. É algo comum os homens conversarem entre si sobre as questões da saúde de suas esposas, sobre a gestação e o parto e principalmente, em relação a sua própria participação neste processo todo. As equipes de PFN incentivam também este acompanhamento masculino, pois para que os MN tenham êxito, é necessário que o homem no mínimo concorde com a opção. Mais do que isso, a Equipe do Método de Brasília solicita que os homens acompanhem os gráficos de suas esposas, pois, dentre outros motivos, o homem tende a ser mais objetivo na observação e na percepção da fertilidade da mulher.

Em uma entrevista, um casal relatou que durante o período de amamentação do segundo filho, eles utilizavam o método da cristalização da saliva como método de apoio ao billings. Como ele chegava tarde toda noite, ao se deitar, ela colocava o microscópio com a saliva coletada em cima da

mesa. Quando chegava em casa, ele conferia o microscópio e sabendo da fertilidade ou infertilidade da esposa, procurava-a ou não. No relato, este mesmo casal aponta outra característica dos homens usuários dos MN, a percepção e compreensão dos aspectos comportamentais e psicológicos da mulher. Segundo ele, só pela forma da esposa falar com ele ao telefone ou pelo beijo de antes de sair de casa, ele conseguia perceber o início do período fértil ou da tensão pré-menstrual. Outro esposo informou perceber o fim do período fértil pelo mau humor de sua esposa que, segundo ele, ela fica bem humorada quando fértil.

Pelo relatado acima, pode-se perceber a importância da participação do homem nas decisões sobre o uso dos métodos naturais. Outro ponto relevante do comportamento masculino é a preocupação em utilizar este conhecimento para a promoção de uma vida sexual constante e prazerosa para ambos. Deste modo, sabendo as variações comportamentais e fisiológicas que a mulher possui ao longo de seu ciclo, o homem se torna corresponsável não só por evitar o ato sexual nos dias férteis, mas também por estimular e incentivar a mulher para o ato nos dias inférteis. Assim, há um incentivo à conquista por parte do homem durante a fase lútea, quando a mulher está infértil e por isso menos propícia fisiologicamente ao ato sexual.

Sobre o aspecto unitivo destaca-se o valor dado à satisfação sexual do casal, ponto relevante para aqueles que usam os MN devido aos períodos necessários de abstinência. Nos EUA, nas entrevistas realizadas não foi percebido a satisfação sexual como um problema, embora isso seja apresentado constantemente nos relatos brasileiros. No entanto, ao falarem de seu cotidiano é perceptível que as mulheres acabam obedecendo regras que se impõem em nome do valor do casamento, mas demonstram desconforto com a obrigação de ter relação com seus parceiros. De certo modo, os americanos encaram a vida sexual de forma bem objetiva, onde a regra é regra, e se o interesse é evitar a gravidez, segue-se a regra, não havendo publicamente reclamação por parte do homem, tampouco da mulher.

A única entrevistada americana que deixou transparecer alguma reclamação ou incômodo foi Sra. Miller. Quando começou a usar o

planejamento familiar natural ainda não tinha apoio do marido, que não concordava com o abandono da pílula com receio de gravidezes não planejada e também por não gostar da ideia de abstinência.

“Demorei um tempo para convencer B. de usarmos o MOB, ele tinha uma resistência muito grande. De início ele se afastou de mim, quando estamos aprendendo é uma fase muito complicada e, por não querermos engravidar nem tão cedo, me sentia insegura. Hoje em dia ele entendeu como funciona e já se adaptou ao ritmo. (...) Nos dias de abstinência ele evita ficar em casa, sai para jogar ou se encontra com os amigos. Sai cedo e chega tarde.” (Sra. Miller)

Os americanos apresentaram possuir boa formação doutrinária e com isso, tinham o embasamento religioso como base para oferecer a sensação de segurança e certeza na opção pelo MN. De certa forma, a sexualidade faz parte de um todo congruente, que envolve projetos de vida individual e familiar e proporciona significado para a sua prática. Sobre a satisfação sexual, dois aspectos são levantados pelos instrutores: a importância da conquista mútua e a recomendação de que não haja recusa em ter o ato sexual por parte do marido, nem da mulher. No entanto, no discurso dos instrutores, há uma divisão de trabalhos entre homem e mulher, para alcançar esta satisfação mútua, onde o namoro e a conquista ficam de certo modo, na responsabilidade do homem, que deve não só estimular a mulher ao longo de suas rotinas diárias, como também procurar satisfazê-la no momento do ato sexual. Já a mulher se torna responsável de não se recusar, permitindo assim uma frequência mínima dos atos sexuais.

“Olha, eu evito ao máximo dizer não para meu esposo, mas às vezes isso acontece. Tenho uma regra, só digo não duas noites seguidas, na terceira eu acabo cedendo, mesmo que esteja cansada ou não esteja muito afim. Com isso, deixo ele mais feliz e evito alguns problemas no casamento” (Sra. Souza, entrevista)

Outro tipo de relato comum é em relação às dificuldades no início da atividade sexual para os casais que se casaram virgens. Da mesma forma que é constante os comentários dos jovens solteiros na vivência da castidade pré-matrimonial, ouve-se casos em que o casal não conseguiu consumir a relação nas primeiras tentativas após o casamento. O imaginário do sexo como algo apenas prazeroso e romântico veiculados pelos meios de comunicação, entra em choque com a visão da sexualidade como algo pecaminoso e sujo, sendo esta visão ligada aos efeitos da longa duração do valor criado para a sexualidade comum ao ideário católico dos períodos anteriores. (Machado, 2001). Além disso, vê-se no casal a obrigação das mulheres de satisfazerem seus maridos e dos homens em corresponder com virilidade. Segue um relato:

“Para mim a lua de mel não foi fácil! Tivemos várias tentativas, mas eu sentia muita dor. Meu esposo foi bem compreensivo, tinha paciência para tentar e sempre que percebia que estava incomodo para mim parava. A cada tentativa frustrada ele não reclamava, mas era visível que ele ficava chateado. Até um dia que conversei com minha prima e ela me disse que era assim mesmo, que se não insistisse, eu não conseguiria. [...] Uma noite resolvi ir pro sacrifício (risos), tentei não demonstrar que estava sentindo dor e deu certo, mas demorou um tempo ainda para eu começar a sentir prazer.” (Sra. Ferreira, entrevista)

Questionada se antes do casamento não havia conversado com outra mulher sobre isso, ou se nunca havia lido a respeito, ela disse que não. Como tentativa de preservação da pureza, ela preferiu não se envolver com este tipo de conversa, e com isso acabou se casando inocente sobre o assunto. Este acaba sendo mais um fator importante da preparação para o casamento, o conhecimento dos aspectos doutrinários sobre o uso do corpo, da sexualidade, a função e a importância do sexo para o casamento, desconstruindo assim, imagens erradas e permitindo ao casal a vivência conforme a doutrina. Mas atendendo as necessidades dos dois e respeitando a fisiologia do prazer feminino.

Acerca da segunda função do sexo dentro do casamento, a procriação, ganhou novo aspecto, levando em consideração o planejamento familiar. A

regulação da fertilidade pode ser feita por razões justas, seguindo a lógica da paternidade responsável, espaçando os filhos conforme as necessidades do casal e observando critérios objetivos da moralidade católica. Neste sentido, os motivos justos são divididos em cinco categorias: risco à saúde da mulher; risco de transmissão de doença hereditária; motivos sérios, razoáveis; razões econômicas e sociais e razões psicológicas. Assim, a Igreja recomenda que um casal católico evite a gravidez tendo um dos motivos acima evitando o egoísmo e os motivos tidos como fúteis. Esta avaliação deve ser realizado tendo como base os aspectos físico, psicológicos e sociais do casal e, se possível, com o acompanhamento de um diretor espiritual.

Castidade e gênero para a Igreja Católica

Outra noção importante para o catolicismo é a de castidade. Segundo o Catecismo da Igreja Católica,

“A castidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa e, com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual. A sexualidade, na qual se exprime a pertença do homem ao mundo corporal e biológico, torna-se pessoal e verdadeiramente humana quando é integrada na relação de pessoa a pessoa, na doação mútua integral e temporalmente ilimitada do homem e da mulher. A virtude da castidade comporta, portanto, a integridade da pessoa e a integralidade da doação.”
(CIC 2337)

Ou seja, segundo o Catecismo, uma pessoa casta permanece com as suas forças vitais e o amor nela depositados por Deus. Assim, para uma vida de castidade, o homem precisa possuir o domínio de si, pautado na liberdade daqueles que agem pela convicção e não apenas guiados pelos impulsos internos ou pela coação externa, estes aspectos configuram a integridade da pessoa. O catecismo apresenta meios que auxiliam a vivência da castidade: o conhecimento de si, a prática da ascese, a obediência aos mandamentos, a prática das virtudes morais e a vida de oração (CIC 2340). Além disso, para a Igreja Católica é necessário esforços culturais, onde a sociedade permite às

pessoas que tenham seus direitos respeitados, em especial o de receber educação e informação adequados às dimensões morais e espirituais elaboradas pelo catolicismo.

Por fim, a Igreja postula que a castidade pode ser vivida nos diferentes estados de vida. *“Existem três formas da virtude da castidade: a primeira, dos esposos; a segunda, da viuvez; a terceira, da virgindade. Nós não louvamos uma delas excluindo as outras. Nisso a disciplina da Igreja é rica.”* (Sto. Ambrósio, citado por CIC 2349). Deste modo, a castidade é uma prática possível tanto para os celibatários (solteiros), consagrados ou não, quanto para os casados. Enquanto os celibatários são chamados a uma prática de continência, de se abster do sexo, os casados são chamados a viver a castidade dentro do casamento ao postular a paternidade responsável.

No ideário católico, a preservação da virgindade é imputada àqueles que se mantêm solteiros ou celibatários, contudo, caso a pessoa não seja mais virgem, há a possibilidade de arrependimento e confissão, acompanhados da busca pela pureza. Pureza para o catolicismo, denominada “pureza de coração”, envolve a pureza do coração, do corpo e da fé e necessita da castidade, da pureza de intenção e do olhar e também da oração. Mais do que isso, a pureza exige o pudor.

“Existe um pudor dos sentimentos, tal como existe um pudor corporal. Ele protesta, por exemplo, contra as explorações exibicionistas do corpo humano em certa publicidade, ou contra a solicitação de certos meios de comunicação em ir longe demais na revelação de confidências íntimas. O pudor inspira um modo de viver que permite resistir às solicitações da moda e à pressão das ideologias dominantes. As formas de que o pudor se reveste variam de cultura para cultura. No entanto, ele continua a ser, em toda a parte, o pressentimento duma dignidade espiritual própria do homem. Nasce com o despertar da consciência pessoal. Ensinar o pudor às crianças e adolescentes é despertá-los para o respeito pela pessoa humana.” (CIC 2523 e 2524).

Ou seja, a castidade, assim como a pureza, o pudor e a modéstia determinam uma forma de se portar e perceber o mundo, buscando a preservação do que o homem traz consigo, de sua dignidade e intimidade. O pudor e a modéstia católicas determinam as formas de homens e mulheres se vestirem, comportarem e se relacionarem. Guiam principalmente os relacionamentos amorosos baseando-os nas imagens de delicadeza, paciência e moderação. Esta ideia de castidade ganha assim grande relevância para os casais usuários de métodos naturais. Assim, para a Igreja Católica, a sexualidade dentro do casamento tem sua função e papel relevantes.

"A sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Ela só se realiza de maneira verdadeiramente humana se for parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até a morte" (FC 11).

Podemos perceber no pensamento católico que a diferença sexual ganha grande importância para a solução da solidão original, ao basear a unidade sexual nas imagens construídas de masculinidade e feminilidade. Voltando ao relato bíblico, o ser que antes era só, sendo por natureza macho e fêmea, torna-se dois, homem e mulher que, no entanto, mantém a unidade na identidade de sua natureza humana. Cabe ressaltar que a base para esta identidade é a masculinidade e feminilidade do ser humano criado por Deus, onde o indivíduo se vê completo na unidade sexual com o seu parceiro, estando homem e mulher em comunhão.

Na doutrina católica, a masculinidade e a feminilidade se apresentam como duas formas de perceber a solidão diante de Deus e do mundo, se tornam duas dimensões complementares da autoconsciência e da autodeterminação e estas duas consciências formadas são complementares ao significado do corpo. A unidade através dos corpos traz novas dimensões éticas, na relação entre homens e mulheres, e sacramental, na constituição do matrimônio. Estamos assim entrando na resposta de como os cristãos devem

viver a sexualidade. O corpo entendido com “expressão do amor” ganha como atributo a sua prática esponsal, que guiará toda a proposta de relação entre homem e mulher no matrimônio.

“O corpo humano, com o seu sexo, e a sua masculinidade e feminilidade, visto no mistério mesmo da criação, é não só fonte de fecundidade e de procriação, como em toda a ordem natural, mas encerra desde ‘o princípio’ o atributo ‘esponsal’, isto é, a capacidade de exprimir o amor: exatamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom e — mediante este dom — pratica o sentido mesmo do seu ser e existir.” (JP II, 16 de Janeiro de 1980)

A constituição do corpo masculino e feminino determina a relação do homem e da mulher com o mundo e um com o outro. É a partir deste relacionamento que se estabelece os papéis e comportamentos esperados do homem e da mulher. Para o catolicismo, estes papéis são estabelecidos pela complementaridade que existe entre os dois sexos, assim, cada qual tem suas funções dentro da sociedade, da Igreja e do casamento. Deste modo, o casamento se torna um vínculo de obrigações mútuas, onde os esposos se oferecem um ao outro, sendo o uso do corpo a principal forma de doação. Este vínculo encontra embasamento devido ao aspecto fundamental do casamento para o catolicismo.

“Cabe a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar sua identidade sexual. A diferença e a complementaridade físicas, morais e espirituais estão orientadas para os bens do casamento e para o desabrochar da vida familiar. A harmonia do casal e da sociedade depende, em parte, da maneira como se vivem entre os sexos a complementaridade, a necessidade e o apoio mútuos.” (CIC 2333)

Assim, esta complementaridade se revela nos atos sexuais, por meio do contato íntimo entre os corpos feminino e masculino, que em suas diferenças, se complementam.

Castidade e abstinência da sexualidade segundo os católicos

Mesmo que percebamos uma maior verbalização sobre a castidade entre os jovens e adultos católicos, alguns pontos ainda são tidos como tabu. Um exemplo é a questão da virgindade que é cobrada dos homens e das mulheres⁶, mas ainda é motivo de maior exigência para as mulheres e fica mais aparente nos casos de gravidez antes do casamento.

Uma das famílias entrevistadas vivenciou a experiência de gravidez antes do casamento, a americana Sra. Miller é pertencente a uma família católica tradicional e muito envolvidos nas atividades paroquiais. Ela começou a namorar muito nova com o esposo, terminaram e voltaram algumas vezes e tinham pouco apoio dos pais dela. No período do noivado, ela engravidou e por isso sentiram a necessidade de adiantar o casamento. A gravidez foi percebida como motivo de *vergonha* para ela e para os pais, sendo ela muito julgada pela família e amigos da Igreja. A família passou um longo período afastado das atividades da Igreja, retornando apenas quando diminuíram os rumores e o casamento estava consolidado.

“Meus pais ficaram muito tristes e envergonhados (quando engravidei), a decepção comigo era visível. Eles participavam de algumas atividades na paróquia, na paróquia que frequentaram por mais de 20 anos. Acabaram se licenciando de tudo, iam à missa em outra paróquia, só depois que o bebê nasceu, que eu já estava casada, é que voltaram aos poucos a participar da antiga paróquia.” (Sra. Miller, entrevista)

Alguns casais usam o fato de se casarem virgens como exemplo para os mais novos, sendo esta uma virtude a mais que tiveram e que caracteriza a formação de suas famílias. No entanto, em determinados momentos, a abordagem compassiva proposta pela TOB é utilizada para aqueles que não são mais virgens, incentivando a vivência da pureza. Nos cursos de noivos é comum a proposta de que os casais que já possuam vida sexual ativa, vivam a abstinência até o casamento, como forma de aprendizado da castidade e de

⁶ Temos inclusive grupos voltados para a defesa da preservação da virgindade antes do casamento.

purificação do relacionamento. Os Silva relataram que se conheceram fora da Igreja, começaram a namorar e só depois se converteram ao catolicismo. Durante a catequese aprenderam sobre a vivência da castidade no período do namoro. Passaram a se abster apenas após o curso de noivos quando ouviram a proposta formal para tal.

“Quando eu era ‘do mundo’ não tinha esta noção, mas conforme fui ouvindo a Deus e conhecendo mais sobre aquilo que a Igreja fala, fui percebendo a importância que tinha a castidade e a virgindade. Nos confessamos e passamos a viver a castidade durante o noivado e foi importante para compreender a castidade matrimonial.” (Sra. Silva, entrevista).

Para o catolicismo, a união sexual dentro do casamento tem a dupla finalidade no matrimônio, o bem dos cônjuges e a transmissão da vida. Portanto, o sexo dentro do casamento tem como finalidade a união do casal (aspecto unitivo), possibilitando a vivência do prazer sexual e do contato com o cônjuge de maneira íntima e completa. A outra finalidade é a participação do casal como co-criadores da humanidade, sendo a fecundidade algo de extrema relevância para o matrimônio. *“Salvaguardando estes dois aspectos essenciais, unitivo e procriador, o ato conjugal conserva integralmente o sentido de amor mútuo e verdadeiro e sua ordenação para a altíssima vocação do homem para a paternidade.” (HV 11)*

No caso dos casais casados, a vivência da castidade e a paternidade responsável são fundamentos para a prática da abstinência periódica, deste modo, os cursos de noivos e de formação para o MN, incentivam que se tenha uma vida sexual ativa, com períodos de abstinência apenas levando em consideração o planejamento da família. Duas falas ilustram isso: no curso de noivos oferecido pela diocese de Oakland, ao iniciar a palestra sobre planejamento familiar, o casal palestrante ressaltou que *“a Igreja deseja que os casais tenham uma vida sexual prazerosa, unitiva, romântica e constante.”* Esta fala causou grande espanto, pois os casais presentes não esperavam uma postura tão positiva em relação ao sexo por parte da Igreja. Ao ouvir isto, os cursistas se mostraram mais abertos ao que os palestrantes tinham para falar

e, de certo modo, frustrou a expectativa de um discurso negativo em relação à sexualidade.

Já no Brasil, em um curso de formação para instrutor de billings, a palestrante enfatizou que este não é um método de abstinência, pois longos períodos de abstinência podem fazer mal para o casal, considerando as necessidades físicas e emocionais do homem e da mulher. *“Quando o casal fica com muito medo de engravidar e por isso fica em abstinência por longos períodos, tende a ter uma gravidez indesejada, por causa das ‘escapulidas’”*. (instrutora da Woomb, curso).

Acerca da vivência da sexualidade no público estudado nesta pesquisa é possível perceber a existência de paradoxos e tensões, além de inúmeros conflitos por parte dos esposos. Há por parte do catolicismo a construção doutrinária que demanda, para a coerência da prática religiosa, uma disciplinarização da sexualidade que vai de encontro com a liberdade sexual conquistada pelas atuais gerações. Não só a doutrina, mas também os métodos naturais, para sua devida eficácia, exigem o regramento e a constante observância da vida sexual do casal, fazendo que este se torne um foco de debates e disputas entre os esposos.

Embora estejam envolvidos com um bonito discurso de complementariedade e satisfação mútua, na prática o ritmo estabelecido pelos métodos naturais, pelo cotidiano dos casais, muitas vezes não permite uma vida sexual satisfatória para ambos ou para o homem ou a mulher. A exigência de não se recusar ao ato sexual muitas vezes é vista de forma angustiante, tanto por um quanto por outro, assim como a necessidade de nutrir o romance, o carinho e o afeto necessários para a vida em casal. Isto no Brasil é falado de forma mais clara e objetiva, nos EUA há a recusa de se falar o que se passe entre quatro paredes. No entanto, em ambos percebemos que há uma escolha individual pelo MN que flexibiliza em parte a doutrina, para adequação às realidades individuais, mas que a esta doutrina se obriga, necessitando assim a constante negociação entre o homem, a mulher, a religiosidade e a sexualidade.

O próximo capítulo será reservado ao modo com os católicos e católicas que participam dos cursos de planejamento familiar e são usuários e adeptos do MPF, vivenciam e percebem os seus lugares diferenciais nas relações de gênero e nas relações familiares.

Capítulo 4 - Família e gênero

“Giovane, meu filho. Você também tem pai, sabia?”. Esta frase foi ouvida na casa dos Rizzo. Enquanto conversava com a mãe, o pai nos observava no canto da sala e as crianças, oito no total, brincavam pela casa. Vez ou outra, Giovane de 8 anos interrompia a entrevista para reclamar algo com a mãe, mas sempre era atendido pelo pai, preocupado em não atrapalhar a conversa. A frase foi dita em um tom de reclamação e desabafo, afinal o menino não demonstrava ver no pai uma pessoa que pudesse compartilhar e resolver os seus problemas. Em outros momentos da observação pude perceber que, o pai, que passa a semana inteira longe da família, sabe a predileção dos filhos pela atenção da mãe, e se esforça nos momentos em que está em casa para ser presente na vida dos filhos.

O incômodo apresentado por este pai ao ser ignorado por Giovane demonstra algo presente nas famílias atuais, a da participação masculina na educação do filho e do seu envolvimento com as questões familiares. Mais do que isso, é um reflexo das alterações ocorridas dentro dos arranjos familiares e nas relações parentais. Neste capítulo chegamos ao cerne da tese, como a construção dos papéis de homem e mulher, esposos, pai e mãe interferem na elaboração do projeto familiar e dos projetos individuais. Assim, saímos da sexualidade para as relações cotidianas e especialmente, como a definição da sexualidade moldam a visão das relações de gênero e com ela a estruturação da vida prática da família.

Ser homem, ser mulher

No último século, o estudo de gênero teve um grande enfoque nas ciências sociais. Iniciado com o estudo da mulher, a noção de gênero foi sendo construída por estas ciências ao longo do século, chegando a diferentes teorias e concepções analíticas. Mais que isso, o estudo de gênero trouxe à tona questões importantes para o estudo e a vivência das relações entre homens e mulheres, estando em constante troca com o discurso feminista e lançando luz

às novidades trazidas pela modernidade. (Machado, 1998; Heilborn e Sorj, 1999).

Em conjunto com o estudo da sexualidade e da família, a construção da noção de gênero colabora para a compreensão e para as mudanças do comportamento propostos pelo feminismo, bem como a entrada da mulher no mercado de trabalho, a redução do tamanho da família e a incorporação de novos tipos de configuração familiar (monoparentais, homossexuais e segundas uniões). Estes têm demonstrado ainda que tem havido mudanças nos modelos de organização familiar não apenas nas camadas médias e superiores da sociedade, mas também nas camadas mais populares. (Heilborn e Sorj, 1999).

Os estudos de gênero auxiliam na construção de uma perspectiva capaz de encarar o sexo não como o fator natural que dá origem aos conceitos e identidades de homem, mulher, pai, mãe etc, mas como uma construção cultural, mesmo que esta tenha como ponto de partida a diferença sexual. Assim, para pensar as relações de gênero na pesquisa proposta, partimos da concepção ocidental que liga homem à cultura e mulher à natureza.

“Junto com muitas outras, a dicotomia natureza/cultura vem servindo ao propósito de perceber e de explicar a realidade. Ao fazer uso dela é possível classificar, descrever e explicar qualquer realidade, porque ela não apenas estabelece a diferença entre acontecimentos e coisas situadas no campo da cultura ou “feitos pelo homem” daqueles situados no campo da natureza ou “dados ao homem”, mas também oferece uma detalhada explicação sobre as suas propriedades e possibilidades. Suas funções de domínio e de poder ligam-se a essas propriedades e possibilidades porque, dependendo do campo em que algo seja situado, ser-lhe-á concedida a possibilidade de autonomia e de mudança (o campo da cultura) ou lhe será destinada a subordinação e a imutabilidade (o campo da natureza).” (Suarez, 2000).

A noção de gênero tornou-se paradigmática para o entendimento de sua construção cultural e ruptura do entendimento do gênero como determinado pelo sexo, que era o entendimento prevalecente das sociedades modernas até a eclosão do movimento feminista e do desenvolvimento dos estudos de gênero nas mais diversas sociedades.. A percepção do próprio sexo é que depende da construção cultural do gênero, e portanto, admite que nas diferentes culturas as percepções do que feminino e masculino e do que e ser mulher ser homem depende da construção cultural social e portanto pode se transformar, mudar. O que se diz sobre o que o sexo deve ser ou é, advém do modo cultural de se entender o sexo.

A forma como o catolicismo percebe a diferença de gênero é a partir da naturalização das funções do sexo biológico. Assim as funções sociais, os papéis e comportamentos esperados para os homens e as mulheres são determinados pelo corpo que possuem, e necessariamente por seu sexo. De maneira bem simples, podemos dizer que a mulher, com sua relação próxima com a reprodução (gestação e amamentação), é vista como mais ligada à natureza, ao não escapar do funcionamento de seu corpo feminino como capaz de engravidar, parir e amamentar.

Deste modo, estende-se culturalmente atividades considerada análogas e ela fica responsável pela criação e educação dos filhos, ao assumir as responsabilidades com o doméstico e o familiar. O homem passa a ser o agente responsável por aquilo que é externo à vida familiar, tendo funções pontuais na reprodução (biológica), mais ligado à manutenção e sustento da família, é ele quem aparece para a esfera pública da sociedade, fazendo a ligação do grupo familiar e as outras esferas sociais. Assim, simbolicamente, a mulher está relacionada com o doméstico, o interior, e o homem com o social, o exterior.

Ao introduzir o simbólico nas relações de gênero, podemos perceber além daquilo que é biológico, destacando o cultural o que é construído a partir do progresso de diferenciação e da não diferenciação e observando a instabilidade das caracterizações do masculino e feminino (Machado, 1998). Cabe ressaltar que

“as relações de gênero são relações assimétricas, podem ser relações assimétricas, podem ser relações de poder, mas não são exclusivamente de poder. Podem ser relações de prestígio, podem ser relações complementares e recíprocas, ao mesmo tempo configurando ou não relações de poder” (Machado, 1998, pg.34)

Ou seja, a construção da diferença entre homens e mulheres é um artefato cultural e pode adquirir diferentes formas e significados e geralmente trazem consigo relações de prestígio e poder. As relações de gênero apresentam assimetria, e em alguns casos, podem configurar uma relação de complementaridade. Havendo assim uma divisão de trabalho onde ambos têm suas funções e necessidades, sendo complementares e de similar importância.

No entanto, quando pensamos a situação da mulher dentro das instituições religiosas, o que inclui a Igreja Católica e os grupos estudados, mais que isso, quando pensamos a relação mulher e religião, há um grande embate entre os estudos de gênero com base feminista e os grupos de mulheres religiosas. O embate liberação feminina versus fundamentalismo religioso é algo difícil de mediar, porém deve levar em conta que as mudanças oriundas da modernidade trouxeram diferentes formas de adaptação do discurso de liberação feminina trazida pelo feminismo e o estudo de gênero. (Sered, 1999).

Sered pontua a diferenciação que há em algumas religiões tradicionais entre a mulher, como ser social, portadora de direitos e atuante na sociedade, e a Mulher, como construção simbólica, elaborada teológica e mitologicamente. O conflito entre a mulher (agente) e a Mulher (símbolo) é algo que existe dentro das próprias comunidades religiosas onde há o esforço de internalizar nas mulheres as imagens e os símbolos da Mulher, marcando-as tanto com os aspectos positivos (mulher virtuosa) quanto com os negativos (mulher como sinal de pecado).

Neste sentido, a mudança do posicionamento da mulher dentro da sociedade como um todo, influenciou a atuação da mulher dentro da Igreja bem como na construção das relações de gênero para os religiosos. Temos por um

lado, a perda de funções por parte das mulheres, um exemplo disso é a mudança da relação entre a mulher, a reprodução e a educação das crianças. As novas tecnologias e o aumento da circulação de informações por parte dos especialistas fez com que as mulheres, embora tenham maior liberdade sobre seus corpos, passem a ter menos legitimidade para a atuação e definição sobre a reprodução e a educação dos filhos. Assim, tradicionalmente a mulher sabia o que e como fazer sobre a fertilidade e os filhos, hoje se encontra diante de diferentes discursos de especialistas que lhe tiram a legitimidade e questionam suas decisões.

Vemos no grupo estudado relatos de críticas recebidas acerca da quantidade e do espaçamento entre os filhos, a via de parto, amamentação e alimentação das crianças maiores, metodologias de educação escolar. Há o uso de argumentos e teorias de especialistas (médicos, psicólogos e pedagogos) para justificar as escolhas feitas. Exemplo disto é o comentário da Sra. Magalhães que, na quarta gestação em sete anos, necessita constantemente justificar aos outros o número de filhos que tem e o espaçamento etário, tendo em vista a quantidade de partos cesáreos que já fez. Segundo ela, o obstetra havia autorizado a ter mais cesáreas desde que espaçasse de dois em dois anos cada parto.

A resposta religiosa para as mudanças nas relações de gênero apresentam três aspectos importantes, segundo Seder: a defesa da degradação oriunda da modernidade, onde a mulher é vista como principal agente de socialização e de transmissão simbólica, possibilitando a reprodução das concepções religiosas do grupo. A ideia de restauração de um passado idealizado, trazendo a devoção aos tempos áureos, onde a sociedade e a família eram mais bem estruturados e mais inocentes que na atualidade. E o machismo religioso, onde a elevação da Mulher implica em uma perda de autonomia da mulher.

Estes aspectos são facilmente percebidos no grupo estudado, onde encontramos mulheres e homens em busca de estruturar suas famílias e relações com ideais de retomada de uma religiosidade e construção social “ao modo antigo”, o que demonstra que a “liberação” proposta pelo feminismo não

é algo bem aceito universalmente e que há ainda diferentes interesses, inclusive das mulheres, na construção de sua identidade. A despeito da existência destes grupos, encontramos também tentativas de estabelecer, por meio de negociação, novas formas de relacionamento levando em conta os ideais e simbologias religiosas e as demandas e interesses masculinos e femininos diante de uma realidade social que exige diferentes posturas de homens e mulheres.

Um exemplo disso é a questão do trabalho feminino. Alguns casais optam por apenas o homem trabalhar, sendo considerados retrógrados e constantemente alertados que ficar em casa cuidando de filho pode ser prejudicial à mulher. Os Souza são um exemplo deste tipo de opção, onde o esposo trabalha fora e a mulher, embora tenha formação profissional, é responsável apenas pela organização da casa e os cuidados com os filhos. Os Magalhães são outra família que seguem esta estrutura, tendo como diferencial o fato de terem uma renda familiar mais alta, possibilitando a contratação de empregada doméstica, assim a mulher se exclusivamente à educação dos filhos, adotando inclusive a educação domiciliar (*homeschooling*).

Retomamos à concepção católica sobre as relações de gênero e a construção da ideia de homem e mulher. Antes de qualquer coisa, o catolicismo nega as noções de gênero e os conceitos desenvolvidos pelas ciências sociais. Segundo a doutrina católica, as heranças biológicas dos homens e das mulheres determinam a educação que cada um deve receber, delimitando os comportamentos e práticas e com isso, orientando o relacionamento entre o sexo feminino e o masculino. Retornando à Teologia do Corpo desenvolvida pelo Papa João Paulo II, é a partir do corpo biológico que homens e mulheres determinam seu relacionamento entre eles e com o mundo. Portanto, segundo à Igreja, os papéis e o comportamento esperado de homens e mulheres são fixos, não havendo margem para transformação.

Embora na concepção católica haja esta cristalização de papéis e comportamentos, na prática há a negociação da divisão de trabalho entre homens e mulheres. Em sua grande maioria, os casais entrevistados apresentaram organização e distribuições de atributos conforme as aptidões e

preferências individuais. Ou seja, por mais que se espere um comportamento da mulher, quando o homem demonstra ter aptidão para tal, ele assume, seja pelo prazer ou facilidade, seja pela compaixão com a mulher, livrando-a de uma atividade desagradável ou difícil de desenvolver.

Na casa dos Ferreiras, o marido é responsável por dar banho e trocar as fraldas das crianças e sempre que está em casa, assume estas atividades, mesmo quando a esposa encontra-se com tempo livre para fazê-lo. Eles justificam que ele tinha mais experiência com criança antes do casamento, pois ajudou a cuidar dos sobrinhos e irmãos mais novos, e tem mais paciência e habilidade para tais atividades. Embora ela tenha aprendido com o esposo e outras pessoas, as atividades relacionadas aos cuidados dos filhos, estas não são as que ela mais gosta de fazer. Do mesmo modo, era ele quem cozinhava, pois por ela não ter sido educada para ser dona de casa não aprendeu a cozinhar com os pais. Apenas depois de sete anos de casamento, ela passou a se interessar pela culinária, pesquisando e testando as próprias receitas.

“Minha mãe não me ensinou a ser dona de casa, a ser mãe. Até porque ela nunca foi um modelo para essas coisas. As primeiras crianças da minha família são meus filhos, então não tive contato com crianças até então. (...) Quando solteira eu não cozinhava, mal lavava louça, a orientação que eu tinha era de estudar e me formar!” (Sra. Ferreira, entrevista)

Isto serve também para exemplificar outro ponto da perspectiva católica, onde a diferença entre os sexos é pautada na complementaridade. Assim, na lógica católica, homens e mulheres, como imagem e semelhança de Deus se complementam em suas aptidões e dificuldades, podendo dividir o trabalho e as atividades existentes dentro da sociedade e principalmente da família. Segundo a doutrina católica, a igualdade e a diferença entre homens e mulheres são queridas por Deus, são reflexo de sua perfeição, demonstrando isso ao ser mãe, pai e esposo. As diferenças não devem ser motivo para a discriminação de um dos sexos, pois ambos têm dignidade inamissível que vem de Deus. (CIC 369, 370)

“O homem e a mulher são feitos ‘um para o outro’: não é que Deus os tenha feito ‘a meias’ e ‘incompletos’; criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser ‘ajuda’ para o outro, uma vez que são, ao mesmo tempo, iguais enquanto pessoas (‘osso dos meus ossos’) e complementares enquanto masculino e feminino” (CIC 371)

Deste modo, em teoria, tanto homem como mulher tem seu lugar e, devido à codependência (por serem um para o outro, ajuda mútua), nenhum dos dois deveria ser menosprezado ou rebaixado em suas atividades. Embora seja acusada constantemente de um machismo institucional, pode-se perceber nos discursos atuais sobre o papel da mulher no mundo e na Igreja, uma valorização da função feminina. Em 1988, o Papa João Paulo II publicou uma encíclica denominada *Mulieris Dignitatem*, neste documento ele sintetiza toda esta visão da mulher como algo importante e passível de dignidade diante da Igreja e da sociedade, destacando o que já havia sido formulado no Concílio Vaticano II e nos documentos oriundos do concílio.

Neste texto o Papa aponta a importância das diferenças entre homens e mulheres como algo que demonstra as características de Deus, sendo assim, na Bíblia encontramos comparações que atribuem a Deus características de homem e de mulher, constituindo um padrão para tais comportamentos. Ser mãe, pai, esposo e as formas de sê-lo estão expressas nestas passagens bíblicas servindo de modelo para as práticas individuais. Além disso, ele retoma a necessidade da mulher se realizar como pessoa, sua dignidade e vocação, por meio de sua feminilidade.

“A mulher – em nome da libertação do ‘domínio’ do homem – não pode tender à apropriação das características masculinas, contra a sua própria ‘originalidade’ feminina. Existe o temor fundado de que por este caminho a mulher não se ‘realizará’, mas poderia, ao invés, deformar e perder aquilo que constitui a sua riqueza essencial. (DM 10)

A questão do feminino ganhou força dentro da Igreja nas últimas duas décadas. Com a popularização da informática e todos os seus lugares de fala,

encontramos pessoas se manifestando em blogs, comunidades e redes sociais sobre o modo como a mulher deve se comportar, as opções que deve fazer, bem como a família que deve construir. Temas como moda, modéstia, pudor, feminismo, papel da mulher na sociedade são recorrentemente comentados dentro destes grupos. Esta orientação do comportamento feminino acontece não apenas virtualmente, mas também em encontros e reuniões de movimentos da Igreja Católica.

Um exemplo deste tipo de orientação é sobre as roupas e vestimentas. O uso de saia e vestido é algo que tem grande motivação dentro destes grupos, pois serve como demonstração e sinal de feminilidade. Muitas vezes respaldadas por documentos e textos das primeiras décadas de 1900, algumas pessoas chegam a postular que a mulher não deveria utilizar calças, assim como peças justas, decotadas, biquínis e maiôs. Novamente o trabalho fora de casa é outro assunto importante para estes grupos, a orientação é que as mulheres fiquem em casa, cuidando da casa, filhos e marido, deixando para este a responsabilidade de prover o sustenta da casa.

“É sempre interessante observar como que a roupa fala sobre o sexo ao qual a pessoa pertence. Vejamos o que presenciei em meu local de trabalho. Uma colega que geralmente usa calça (a maioria das minhas colegas usa calça no cotidiano) resolveu aparecer no escritório usando um vestido (logo acima dos joelhos) e chamou atenção por causa disso. Outra colega logo comentou: ‘está [vestida] de menina hoje, veio de menina com esse vestido.’ E então começou a brincadeira dos outros colegas pedindo para que ela desse uma voltinha, querendo ver como ela estava, perguntando se ela ia ter algum encontro especial após o trabalho, coisas desse tipo. Não é a primeira vez que vejo algo assim. Um dia desses foi outra colega que resolveu aparecer de vestido (também curto) e logo foi alvo de comentários e elogios. A tônica desses comentários é sempre o quanto a mulher fica feminina usando saia ou vestido, ou quanto ela fica bem quando está ‘vestida de mulher’. Por mais que queiram dizer, que insistam em dizer, que a calça é roupa unissex, não adianta, sabemos que não

é. É uma peça masculina e pronto. Feminilidade existe nos vestidos e saias, não na calça.” (Blog Maria Rosa mulher)

Nos EUA temos o exemplo dos Rizzo composta por 8 filhos entre 14 e 1 ano de idade. A mãe fica em casa e o pai trabalha, saindo todos os dias cedo e voltando a noite. Ela, logo cedo, ao fazer a higiene matinal, arruma os cabelos, se maquia e coloca um vestido ou um conjunto de saia e blusa, além de um sapato, geralmente com salto. Passa o dia inteiro envolvida com as responsabilidades da educação dos filhos, da limpeza e organização da casa e alimentação da família. As filhas mais velhas (são 3 entre 9 e 14 anos) seguem o mesmo modelo feminino, mantem-se sempre arrumadas, com saia ou vestido, auxiliam nos cuidados com os irmãos mais novos e na organização da casa. As roupas, que são sóbrias e recatadas no dia, são ainda mais tradicionais quando as mesmas vão para as atividades da Igreja, usando inclusive, em alguns momentos, véu para cobrir a cabeça.

No Brasil, ao longo da entrevista, Sr. Souza reclamou da pressão que sofre por ter optado em ficar em casa e pelo uso de roupas recatadas. Mãe de quatro filhos, mesmo tendo uma vida profissional estabelecida, optou por não trabalhar fora depois de se casar, organizando sua estrutura familiar e cotidiana com ela em casa. É adepta ao uso da saia, de preferência longa, de pouco decote, golas altas e mangas longas, mesmo no calor que faz em alguns meses em Brasília. Em nossas conversas relatou receber críticas por ter largado o emprego, por andar "feia" e "fora de moda".

Em uma reunião da Equipe do Método, uma das atividades desenvolvidas abordou este assunto, como a mulher deve se colocar diante do marido e família para que sejam destacadas as suas características femininas e com isso ser uma boa mãe e esposa. Afora as características ligadas ao namoro com o esposo, a criação dos filhos e a organização da casa, a aparência, beleza e educação da mulher foram colocados como primordiais. Enquanto que para os homens a força, o rápido raciocínio, a objetividade e a praticidade ganham importância como características masculinas. Além dos clichês de que a mulher fala mais, que os homens têm maior senso de direção, a mulher é fútil

e gastadeira, enquanto que o homem é mais centrado e organizado financeiramente.

Do mesmo modo que se percebe uma valorização da mulher católica, com o retorno dos aspectos tradicionalistas, nos dias de hoje podemos encontrar fortes discursos de resgate ou reforço da masculinidade. Além do um reposicionamento do homem frente à mulher fortalecida pelo discurso feminista e pela catequese católica, há também um enfrentamento da questão da homossexualidade, em pauta nos dias de hoje. Ensina-se o homem a ser homem, para que saiba se relacionar com a mulher e não se aproxime de um perfil de homossexual.

“O amor à esposa tornada mãe e o amor aos filhos são para o homem o caminho natural para a compreensão e realização da paternidade. De modo especial onde as condições sociais e culturais constroem facilmente o pai a um certo desinteresse em relação à família ou de qualquer forma a uma menor presença na obra educativa, é necessário ser-se solícito para que se recupere socialmente a convicção de que o lugar e a tarefa do pai na e pela família são de importância única e insubstituível.” (FC, 25)

Nas observações que realizei durante a estadia com a família Rizzo, percebeu-se a clara intenção do pai em ensinar aos filhos a “ser homem”. São apenas 3 meninos que convivem a semana inteira com 6 mulheres dentro de casa, no fim de semana o pai se dedica a fazer atividades “masculinas” com os filhos. Deste modo, eles limpam o quintal, lavam o carro, jogam bola, brincam de luta, o pai auxilia aos filhos a se arrumarem para sair, escolhendo roupa e mostrando como se vestir. Nas diferentes atividades ele orienta a como falar, comer, se portar. Assim como as meninas aprendem a “ser mulher” com a mãe, os meninos aprendem a “ser homem” com o pai.

Deste modo, temos do lado feminino um reforço do delicado, do meigo, das ações de cuidado e contato com o próximo e do masculino da virilidade, força, responsabilidade. *“Você tem que ser mulher para que ele possa ser realmente homem.”* Este foi um conselho dado a um grupo de mulheres em uma reunião de uma comunidade católica brasileira. O conhecimento dos perfis

feminino e masculino demandados pela Igreja e conseqüentemente a sua prática foram temas recorrentes nas falas e nas observações ao longo da pesquisa. Ser homem e ser mulher, assim como ensinar a ser as duas coisas são coisas fundamentais para a construção daquilo que se pensa como família e no arranjo familiar tido como bom.

Mais do que o reforço da noção de família vamos nestes discursos e práticas apontadas o reforço de um imaginário tradicionalista, que remonta à força do pátrio poder, da figura central do homem no comando e cuidados com a família. Embora preze pelo relacionamento entre os membros da família, estabelece a importância do arranjo familiar composto por marido, mulher e filhos, sendo o homem figura chave e o chefe da família. A construção do que se espera de família se dá por meio destes relacionamentos, sendo a família o conjunto destes papéis.

Ser pai, ser mãe

Por fim, retornamos a ideia lançada no início do capítulo, a importância da maternidade e de paternidade, como elementos fortemente constituintes do que “são” (*naturalização* de gênero) e “devem ser” (*moralização* dos gêneros) os gêneros masculino e feminino para o grupo estudado. Fazem escolhas individuais para se configurarem como mãe e pai. Maternidade e paternidade são concepções importantes para os católicos e permeiam toda a elaboração dos projetos de vida, tanto individuais quanto os familiares. As relações construídas entre os esposos, pai e filhos, mãe e filhos são consideradas fundamentais para a formulação de família.

O primeiro ponto que devemos destacar é que paternidade e maternidade enquanto atuação na criação dos filhos estão inseridas em uma “ética do cuidado”, pautada na concepção de que faz parte da condição humana, a necessidade de ter sido cuidado por alguém, gerando uma interdependência dos diferentes atores sociais. Os estudos desenvolvidos por Eve Feder Kittay

(2005) colaboram no sentido de compreender esta ética inserida na criação e sustento das novas gerações.

Kittay (2005) compreende cuidado como a assistência demandada por uma pessoa que se encontra inevitavelmente dependente de outra, seja por ser muito nova, doente, deficiente, ou frágil para desenvolver suas atividades diárias de sustento. Sendo assim, seu conceito de “*dependency work*” se aplica ao trabalho desenvolvido no cuidado do outro, mesmo quando este não é remunerado. Embora esteja presente em todas as sociedades humanas, este trabalho para dependência não se encontra inserido no mercado de trabalho formal, mais que isso, ele é um trabalho invisível e se encontra no domínio da esfera privada da vida moderna (Kittay e Wassuna, 2005).

Uma característica primordial do trabalho para a dependência é que ele é desenvolvido majoritariamente pelas mulheres, não só no âmbito de vida familiar, mas também nas esferas públicas. O papel de cuidadora é algo esperado das mulheres e, nas sociedades modernas, é extremamente desvalorizado, tornando invisível a pessoa responsável pelo cuidado do dependente, mesmo com a profissionalização e a institucionalização do cuidado nestas sociedades. A maternagem, entendida aqui como o cuidado com os filhos e filhas, se encontra no rol destes trabalhos pouco valorizados e não remunerados. Mesmo quando inserida no mercado de trabalho, a mulher ainda é a principal responsável pelo trabalho para a dependência dos filhos.

Para Kittay (2005) a relação de dependência criada entre mãe e filhos é pautada pela reciprocidade, não necessariamente em relação aos filhos, mas em relação aos arranjos das relações sociais que definem as obrigações e expectativas de quem assume o papel de cuidador. Em alguns casos não há a possibilidade de retribuição por parte do dependente, como a relação de um bebê recém-nascido e a mãe, mas a própria dependência total do bebê é o fator de ligação entre mãe e filho (Kittay, 1999). Ou seja, a retribuição que a mãe adquire vem da satisfação de exercer seu papel de mãe/cuidadora e se complementa dentro das relações sociais oriundas da família, com os demais filhos e o marido.

Inquestionavelmente ainda temos a mulher com a predominância do trabalho de cuidar e de educar os filhos. Esta é sempre a expectativa que se faz de uma mãe, enquanto para o pai resta a justificativa das limitações oriundas das realidades biológicas e culturais. Por não ser o homem que geri, pari e amamenta, faz parte do senso comum que a relação com o filho não seja natural. Temos ainda a concepção cultural que o homem tem menos “jeito” com criança e com os seus cuidados, não sendo educado para isto, crescendo alheio a estes ensinamentos.

Enquanto a maternidade e a maternagem se relacionam com o biológico e com as expectativas sociais do cuidado, Esther Dermott (2008) indentificou em sua pesquisa que a paternidade está relacionada com dinheiro, tempo e emoção. Dermott pontua que maternidade e paternidade são vistas como complementares na criação e educação dos filhos, e por mais que se fale de uma “nova paternidade”, nos últimos anos houve pouca mudança, mas que se centraram na relação entre pais e filhos, se tornando mais íntima e emocional. (Dermott, 2008).

Para Dermott (2008), a paternidade nos dias atuais continua ligada às noções do sustento e manutenção da família. É fator fundamental para a masculinidade o sucesso na vida profissional, pois o homem se liga à sociedade e faz a intermediação de sua família e as demais esferas sociais. Ganhar dinheiro suficiente para tal é a primeira tarefa do homem antes de ser pai, e quanto mais escasso são as verbas familiares, mais importante para o homem seu trabalho e o sustento da família. No entanto, atualmente a ligação entre o sustento e a paternidade tem perdido força, devido à inserção da mulher no mercado de trabalho e a divisão entre pai e mãe do sustento dos filhos.

“Ganhar dinheiro é importante para os indivíduos, a fim de manter-se e tem uma importância ainda maior quando os dependentes existem. Não se pode negar, especialmente em uma moderna sociedade de consumo, que a capacidade de participar socialmente requer recursos financeiros e, como as crianças são limitados em sua capacidade de provisão para si mesmas, a

responsabilidade legal e moral de fazê-lo encontra-se com os seus pais.” (tradução livre, Dermott, 2008, p. 42)

Porém, ainda é motivo de justificativa para a ausência do pai a necessidade de trabalhar para manter a casa, coisa que nem sempre é vista com bons olhos quando se trata da mulher. Permanece ainda a relação entre as noções de “bom pai” com “bom trabalhador” e “boa mãe” com mãe presente. Uma das conclusões de Dermott é que a noção de tempo gasto com a criação dos filhos é um grande diferencial para os pais e as mães. Assim há diferença entre a “*intimate fatherhood*” e a “*intensive motherhood*”. A paternagem de qualidade pode ser pautada apenas pela intimidade entre pai e filho, a maternagem demanda, além disso, mais tempo gasto nas atividades com os filhos.

“Os aspectos da criação dos filhos vistos pelos pais como mais significativos indicam que ‘se preocupar’ é mais importante do que ‘cuidar’; os pais concentram-se nos aspectos da educação dos filhos que se relacionam com o ‘trabalho-para’ e minimizam a necessidade de realizar atividades regulares em conjunto com a criança”. (tradução livre, Dermott, 2008, p. 62)

Esta paternidade íntima dá grande ênfase ao envolvimento emocional entre pai e filhos, tendo em vista que nos dias de hoje a proximidade emocional é vista como algo positivo. Os pais tem desejado construir uma paternidade que na prática seja baseada na expressão verbal e física dos sentimentos, tanto dos pais quanto dos filhos. Sendo assim centrada na qualidade do relacionamento, tendo ênfase tanto no pai quanto no filho e trazendo benefícios para os dois. Deste modo, “*o modelo da paternidade contemporânea emergente é mais perto da ética do relacionamento puro do que da ética do cuidado*”. (tradução livre, Dermott, 2008, p. 62).

Nestes casos, há uma maior negociação entre os homens e mulheres no que se refere à criação dos filhos, onde, embora haja maior divisão do sustento e do envolvimento afetivo entre pai, mãe e filhos, ainda há maior peso para os pais a manutenção material das crianças e para as mães o trabalho de cuidar e educar os mesmos. Estas características são encontradas nas famílias

estudadas nesta tese, tendo como complemento a motivação religiosa para a negociação dos compromissos assumidos por pais e mães.

Esta diferenciação encontrada por Dermott em sua pesquisa se aproxima do que é teorizado pela doutrina católica:

“Na maternidade da mulher, unida à paternidade do homem, reflete-se o mistério eterno do gerar que é próprio de Deus, de Deus uno e trino (cf. Ef 3, 14-15). O gerar humano é comum ao homem e à mulher. E se a mulher, guiada por amor ao marido, disser: ‘dei-te um filho’, as suas palavras ao mesmo tempo significam: ‘este é nosso filho’. Contudo, ainda que os dois juntos sejam pais do seu filho, a maternidade da mulher constitui uma ‘parte’ especial deste comum ser genitores, aliás a parte mais empenhativa. O ser genitores — ainda que seja comum aos dois — realiza-se muito mais na mulher, especialmente no período pré-natal. É sobre a mulher que recai diretamente o ‘peso’ deste comum gerar, que absorve literalmente as energias do seu corpo e da sua alma. É preciso, portanto, que o homem seja plenamente consciente de que contrai, neste seu comum ser genitores, um débito especial para com a mulher. Nenhum programa de ‘paridade de direitos’ das mulheres e dos homens é válido, se não se tem presente isto de um modo todo essencial.” (DM 18)

Assim como os outros pontos levantados até o momento, a Igreja pontua que a diferença entre ser mãe e pai também é definida inicialmente pela biologia, é pelo corpo feminino e masculino que a maternidade e a paternidade se constituem. E justamente a maior responsabilidade dos cuidados e da criação dos filhos recai sobre a mulher, cabendo ao homem assumir sua responsabilidade diante dos filhos e da própria mulher, pagando o débito que adquire ao receber da mulher um filho e todo o trabalho desprendido por ela em sua criação.

É sobre esta noção de responsabilidade que na doutrina católica se fundamenta a ideia de paternidade e maternidade, tanto no momento de planejar e conceber um filho, quanto no trabalho de sua educação. A paternidade responsável defendida pela Igreja parte do uso da racionalidade,

diante das condições econômicas, físicas, emocionais, psicológicas e sociais para decidir aumentar a família, ou para evitar temporária ou definitivamente outro nascimento.

“Paternidade responsável comporta ainda, e principalmente, uma relação mais profunda com a ordem moral objetiva, estabelecida por Deus, de que a consciência reta é intérprete fiel. O exercício responsável da paternidade implica, portanto, que os cônjuges reconheçam plenamente os próprios deveres, para com Deus, para consigo próprios, para com a família e para com a sociedade, numa justa hierarquia de valores.” (HV 10)

O planejamento familiar ganha força ao passo que o casal reconhece os limites de que pode assumir diante da sua realidade econômica, social, familiar, profissional e emocional, tendo em vista à quantidade de filhos e o momento de tê-los. Outro ponto importante na concepção católica de planejamento familiar é quem se responsabilizará e como será a educação dos filhos, ganhando grande destaque a preservação e o respeito pela criança.

“Na família, comunidade de pessoas, deve reservar-se uma especialíssima atenção à criança, desenvolvendo uma estima profunda pela sua dignidade pessoal como também um grande respeito e um generoso serviço pelos seus direitos. Isto vale para cada criança, mas adquire uma urgência singular quanto mais pequena e desprovida, doente, sofredora ou diminuída for a criança.” (FC, 26)

Outra noção importante da relação maternidade/paternidade para o catolicismo é a de que a mulher, que aprende intuitivamente via gestação, parto e puerpério a cuidar do filho, auxilie ao homem no aprendizado de ser pai. Deste modo, a responsabilidade demandada da paternidade consiste em assumir diante do cônjuge, dos filhos e da sociedade em geral, o trabalho e os compromissos consequentes da opção de se ter um filho. Para os católicos, diante do já exposto, é correta a diferença da educação e dos relacionamentos possíveis aos pais e às mães, havendo diferença inclusive quando se trata de filho ou de filha.

“Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou’ (Gên 1, 27). Esta passagem concisa contém as verdades antropológicas fundamentais: o homem é o ápice de toda a ordem criada no mundo visível; o gênero humano, que se inicia com a chamada à existência do homem e da mulher, coroa toda a obra da criação; os dois são seres humanos, em grau igual o homem e a mulher, ambos criados à imagem de Deus. Esta imagem e semelhança com Deus, essencial para o homem, o homem e a mulher transmitem-na, como esposos e pais, aos seus descendentes: ‘Sede fecundos e multiplicai-vos, povoai a terra; submetei-a’ (Gen 1,28). O Criador confia o ‘domínio’ da terra ao gênero humano, a todas as pessoas, a todos os homens e a todas as mulheres, que haurem a sua dignidade e vocação do ‘princípio’ comum.” (DM, 6)

Dentre as famílias estudadas, assim como as atividades domésticas, a divisão das atividades relacionadas aos cuidados com os filhos parece mais estável e enfática nos EUA do que no Brasil. Nas famílias americanas a divisão dos cuidados com as crianças vai a reboque das atividades domésticas, onde as mulheres são responsáveis pelas atividades internas à família e os homens às externas, além de serem um apoio e complemento à educação materna. No Brasil, a divisão é mais conflituosa e aos homens há maior cobrança para que, além de assumir atividades domésticas, também assumam cuidados com os filhos, dividindo as responsabilidades com as mulheres. Nos dois países, em alguns casos, é perceptível o desconforto de alguns pais em relação à distância que eles têm dos filhos, principalmente os menores. Em alguns, a aproximação é motivo de orgulho, sendo alardeado para todos os amigos e familiares.

Com os Rizzo foi possível perceber este incômodo e, como já relato, o esforço do pai em estar próximo dos filhos. No entanto, o pai é justificado por ser o provedor da família e com isso ter pouco tempo para dedicar aos filhos. O Sr. Ferreira, pai de quatro filhos, demonstrou a preocupação em se aproximar emocionalmente dos filhos em seu relato:

"Eu gostaria de ter uma vida longa, pelo menos até os meus filhos terem uma certa idade. E nem falo de serem adultos, só queria estar presente até eles terem a 'minha marca'. Para as pessoas olharem para eles e pensarem 'este é filho do M., mesmo'. E isto vale para as coisas sérias, morais, religiosas, mas para as coisas fúteis, gostar de futebol, torcer para meu time, se vestir com meu estilo" (Sr. Ferreira, entrevista)

O filho parecer com o pai ou com a mãe é fator importante e nisto, observa-se a identificação física de ter os olhos do pai, a cor de pele da mãe, a personalidade e comportamento, ser uma criança séria ou brincalhona, gostar de desenvolver atividades diversas e ter determinada habilidade. O casal fontes relatou que o filho mais velho se parece com a mãe, é sério e introspectivo, a filha mais nova com o pai, brincalhão e expansivo. Isso tem reflexo na aproximação mãe-filho e pai-filha, porém recria também os problemas de relacionamento entre o casal nos filhos. Mãe e filho reclamam das brincadeiras do pai e da filha e vice-versa.

As orientações oferecidas pelos grupos da Igreja são diferentes nos dois países. Como já dito, a C&C impõe às suas instrutoras a permanência em casa, deste modo, nada mais óbvio que elas assumam majoritariamente as responsabilidades com a educação das crianças. Neste sentido, a orientação é que os maridos permaneçam como suporte, sendo exemplos de marido, profissional, pai e companheiro. No caso das famílias não ligadas à C&C, mas que a esposa permanece em casa acaba sendo o mesmo esquema. Quando ambos trabalham fora, a tendência é repensar esta divisão, aumentando a participação masculina. De todo modo, nas famílias estudadas nos EUA se percebe um crescente envolvimento dos homens na participação da educação dos filhos e uma real necessidade dos próprios pais de se envolverem mais com isso.

Os quatro casais americanos mais jovens entrevistados apresentaram a conservação do esquema tradicional. Em dois deles a esposa optou, com apoio do marido, por ficar em casa, assumindo todos os cuidados com os filhos. Em um caso, o esposo busca manter o contato com os filhos nos momentos de

lazer, principalmente pelo esporte, no outro o pai se aproxima dos filhos pela religião. Os outros dois casais ainda não tem filhos, em ambos as esposas trabalham fora, pretendem reduzir o tempo de trabalho e acumular a profissão com os cuidados dos filhos. Ficou claro nas entrevistas que os esposos desejam ter filhos, querem ser próximos, mas compreendem que a função primordial deles como pais é o sustento da família.

Dentre os entrevistados brasileiros, há uma maior mistura dos papéis feminino e masculino na criação dos filhos, isso no caso das famílias entrevistadas que a mulher também trabalha fora e tem menor tempo para dedicar aos filhos e à família. Neste sentido, tanto pai quanto a mãe, por trabalharem fora se dividem com os cuidados das crianças. Como já falado anteriormente, outro ponto relevante no Brasil é o interesse dos jovens casais em manter a mulher dentro de casa, cuidando dos serviços domésticos e das crianças. Isto acontece como processo de retraditionalização com embasamento religioso e, assim, a mulher retoma o seu lugar na família e na sociedade, solucionando alguns problemas oriundos da entrada da mulher no mercado de trabalho.

No Brasil, algumas mulheres afirmaram trabalhar fora por uma necessidade da família, para sua manutenção e sustento. Seja porque o salário do marido é insuficiente, seja porque ele não está empregado ou está no mercado de trabalho informal. Em duas famílias pude ouvir uma fala ressentida das esposas que, embora os maridos trabalhem e dividam o cuidado com os filhos, elas são as principais responsáveis pelo sustento da família, mas gostariam de ficar em casa, acompanhando mais próximo e ativamente as atividades das crianças.

Ser família

Afora as questões já apresentadas no capítulo anterior sobre a vivência dos relacionamentos afetivo-sexuais, ser homem e mulher reflete no marido e na esposa que se pretende ser/ter. Do mesmo modo, as representações do papel de pai e mãe, e de suas relações com os filhos, constituem a noção de arranjo familiar, estabelecendo os padrões de comportamento e

relacionamentos esperados de cada um. Neste sentido há a escolha do tipo de família que se pretende construir diante das configurações e estruturações existentes dentro do campo de possibilidades ofertado pela esfera social no qual aquele casal se encontra.

Os estudos de família trazem consigo todo um arcabouço de preocupação sobre as origens e estruturações familiares, incluindo a matrilinearidade e/ou patrilinearidade, as consequências para a estrutura da sociedade, para as relações materiais e ideológicas, as noções de parentesco, dentre outras coisas. Em se pensando no objeto de estudo proposto, cabe destacar que a noção de família ainda apresenta padrões de estruturação e organização tradicionais, no entanto, apresentam características de individualização em relação à família extensa e uma maior ênfase na família nuclear (Velho, 1987).

Gilberto Velho pontua a importância da família para a constituição de uma visão de mundo e no estabelecimento do estilo de vida do indivíduo, elaborado tendo em vista os limites dados por sua família diante do horizonte social a qual ela se encontra. Em seus estudos ele observou um movimento cíclico de afastamento e aproximação do indivíduo com sua família, refletindo na construção dos projetos individuais, em suas escolhas acerca de trabalho, moral etc. (Velho, 1987). Nas famílias estudadas nesta pesquisa, tanto brasileiras quanto americanas, observamos as mesmas características, em relação à forma cíclica de relacionamento com a família de origem, no aproveitamento das bases sociais familiares e na ênfase na família nuclear.

Em sua grande maioria, os entrevistados vieram de famílias católicas, sendo educados em contato com a doutrina da Igreja e almejando a construção de uma família nos mesmos moldes da de origem. Neste processo de afastamento e aproximação que acontece como reflexo da individualização, boa parte dos entrevistados passam a desejar estruturas familiares diferentes, em algumas situações, a busca é por uma estrutura familiar mais tradicional, com uma quantidade maior de filhos e outros tipos de divisão de trabalho familiar.

Temos como exemplo uma brasileira que cresceu em uma família católica, mas teve uma educação religiosa frouxa, sua mãe trabalhava fora e prezava por sua independência, ela e seus três irmãos tiveram boas condições de vida e acesso ao ensino superior. Ela pode estudar fora do Brasil por um tempo, teve outros relacionamentos, morou um tempo com o esposo e tinha sua vida profissional estabelecida. Após se converter, casou na Igreja, largou o emprego, assumiu os cuidados com os filhos e passou a se dedicar mais às atividades religiosas. Esta mudança no estilo de vida gerou afastamento de alguns familiares e amigos, além de críticas por parte dos pais e dos irmãos e mudança do ciclo de amizade.

Neste caso e em outros que foram acompanhados, a principal crítica apresentada é a dependência financeira da esposa, o que diminuiria no presente a independência e a liberdade da mulher além de, para o futuro, apresentar o risco do desamparo, caso ocorra divórcio ou morte do marido. No entanto, em sua grande maioria, mesmo quando o esposo é o único responsável pelo sustento da família, é a mulher quem gerencia e cuida das contas e organização financeira da casa. O casal Gonzalez deixou bem claro o motivo desta escolha:

"Sou eu quem trabalha e ganha o dinheiro, mas é ela que está em casa e sabe das necessidades da família como um todo e de cada pessoa especificamente. Como eu saio todo dia cedo e volto tarde, não sei o que eles precisam para comer, não sei o que as meninas estão necessitando de roupa, calçados, material escolar. Então é mais fácil e deixar o dinheiro na mão dela (esposa) e ela gerenciar tudo. É ela quem sai e compra. Confio nela em relação a isso. Este esquema é melhor e mais prático." Sr. Gonzalez, entrevista)

Percebemos uma grande aproximação entre as escolhas das famílias citadas e o ensinamento pela doutrina da Igreja Católica. A família tem central importância para esta doutrina, pois é ela a base para as relações sociais e onde se educa e forma os novos cidadãos e cristãos.

“No matrimônio e na família constitui-se um complexo de relações interpessoais - vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade - mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na ‘família humana’ e na ‘família de Deus’, que é a Igreja. O matrimônio e a família dos cristãos edificam a Igreja: na família, de fato, a pessoa humana não só é gerada e progressivamente introduzida, mediante a educação, na comunidade humana, mas mediante a regeneração do batismo e a educação na fé, é introduzida também na família de Deus, que é a Igreja.” (FC 15)

Ou seja, na concepção católica o indivíduo depende de sua família para ser gerado como pessoa humana e educado como parte da sociedade, da família e da Igreja. Deste modo, a família tem quatro funções primordiais para o catolicismo: a formação de uma comunidade de pessoas; o serviço à vida; a participação no desenvolvimento da sociedade e a participação na vida e na missão da Igreja (FC 17). A comunidade de pessoas é constituída por esposos, pais e filhos, irmãos e irmãs, parentes e familiares e possui um dinamismo interior importante para a vivência em comunhão e crescimento de todos. Esta comunidade é fundada e baseada na comunhão conjugal que demanda, dentre outras coisas, a fidelidade entre os esposos e a indivisibilidade conjugal.

Para o catolicismo, nesta comunidade de pessoas cada um encontra seu lugar, bem como possui direitos e deveres, seja pai, mãe, filhos (desde crianças, adolescentes, até adultos), avós e demais parentes. É na comunidade familiar que se aprende e demanda os fundamentos da sociedade como um todo, como por exemplo, a noção de respeito e responsabilidade para com o outro, a divisão dos trabalhos e a vivência de diferentes papéis sociais. *“A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade” (FC 36).*

A Igreja Católica afirma que o serviço à vida inclui tanto a abertura à vida, com uma prática concreta da paternidade responsável e o engajamento na educação dos filhos. E este chamado inclui ainda a abertura à possibilidade de se dedicar não só aos filhos naturais, mas também àquelas crianças que necessitam de apoio e proteção, seja por adoção ou pelo apadrinhamento. A

educação dos filhos aqui ganha fundamental importância, pois é pelo processo educativo que os pais oferecem à nova geração princípios morais e expectativas em relação à vida para formá-los dentro de um estilo de vida compatível com sua realidade social e com a doutrina da Igreja.

“Embora no meio das dificuldades da obra educativa, hoje muitas vezes agravada, os pais devem, com confiança e coragem, formar os filhos para os valores essenciais da vida humana. Os filhos devem crescer numa justa liberdade diante dos bens materiais, adotando um estilo de vida simples e austero, convencidos de que ‘o homem vale mais pelo que é do que pelo que tem’”. (FC 37)

Assim, para a doutrina católica, a participação no desenvolvimento da sociedade estabelece as relações entre sociedade e família, que estão baseados em certa reciprocidade. Enquanto a família se caracteriza por colaborar na constituição da sociedade, por meio da educação, da transmissão de valores fundamentais e na constituição da primeira comunidade de pessoas, a sociedade deve por meio das demais instituições colaborar com a sobrevivência da família. Assim, cabe ao Estado apoio e respeito às liberdades da família.

“A íntima conexão entre a família e a sociedade, como exige a abertura e a participação da família na sociedade e no seu desenvolvimento, impõe também que a sociedade não abandone o seu dever fundamental de respeitar e de promover a família. A família e a sociedade têm certamente uma função complementar na defesa e na promoção do bem de todos homens e de cada homem. Mas a sociedade, e mais especificamente o Estado, devem reconhecer que a família é ‘uma sociedade que goza de direito próprio e primordial’ e portanto nas suas relações com a família são gravemente obrigados ao respeito do princípio de subsidiariedade.” (FC 45)

Por fim, postula-se que a família deve colaborar com a Igreja sendo o local de evangelização e transmissão de valores morais compatíveis com a doutrina católica. É dever dos pais não só educar e servirem de exemplo, mas

também evangelizarem os filhos, ensinando-os a rezar e a participar efetivamente das atividades da Igreja.

Como se pode perceber, esta noção de família é algo de extrema importância para os católicos, tendo destaque por organizar toda vida íntima da pessoa e seus principais relacionamentos. O palestrante do curso de noivos da paróquia St. Michael, Livermore, casado há 20 anos com uma católica de criação, e convertido há 3 anos ao catolicismo, relatou que sentiu uma grande diferença da visão que tinha de família, paternidade e matrimônio comparando antes e depois da conversão. Segundo ele, se tivesse as mesmas concepções desde o início do casamento, o modo de se relacionar seria diferente, mais próximo e compreensivo. Ele se arrependia por ter criado os filhos com certa distância e reclamou ter tido dificuldade de estabelecer uma relação de confiança e reciprocidade com eles. Do mesmo modo com a esposa, pois ele vê a vida de oração e diálogo que possuem agora mais sadia e próxima daquilo que a Igreja entende por matrimônio e que ele julga ser bom.

As noções de reciprocidade e codependência entre o casal se estendem à família como um todo, envolvendo os filhos da dinâmica familiar. Estas noções se apresentam quando pensamos o trabalho doméstico, sendo a limpeza e a organização da casa um trabalho de todos, mas também sujeito à divisão conforme as relações de gênero. Novamente encontramos neste ponto diferenciação das experiências individuais entre o que foi observado nos EUA e no Brasil. Em grande parte, nos EUA, as mulheres entrevistadas não se mostraram incomodadas com a responsabilidade de cuidar da casa, dos filhos e do marido, enquanto este assume outras responsabilidades.

As norte-americanas mais velhas são de uma geração que, embora as suas contemporâneas tenham conquistado o mercado de trabalho, ficaram em casa em nome da família, com a perspectiva de dedicação aos filhos e da divisão do trabalho doméstico, onde a mulher gerencia o lar e o homem é o provedor. C&C é um dos incentivadores desta configuração familiar, pois exige que suas instrutoras se dediquem mais tempo para o ensino do método e orienta que as mulheres dediquem no mínimo 03 anos em casa cuidando do filho. Como estas famílias tendem a ser numerosas, isso acaba significando

longos anos das mulheres em casa, mas também a colaboração dos filhos mais velhos no desenvolvimento das atividades cotidianas.

Nos EUA isso é facilitado pela possibilidade da prática de educação domiciliar (*homeschooling*), onde as crianças recebem a educação escolar em casa, com a mãe e, em alguns casos, um instrutor. Geralmente nestas famílias, as crianças saem de casa apenas para atividades esportivas, culturais e religiosas. Nestes casos, as mães também se envolvem com estas atividades, sendo técnicas dos times, catequistas ou colaboradoras, além de acompanharem as crianças até os locais das atividades. As famílias que não optam pelo *homeschooling*, costumam matricular seus filhos em colégios católicos, e do mesmo modo, a mãe está envolvida nas atividades escolares, tanto em casa como na escola.

Em alguns casos, principalmente os casais mais novos, há a opção da mulher trabalhar fora de casa, mas optando por trabalhos de meio período ou nos momentos em que o esposo está com o ritmo de trabalho reduzido. Um casal entrevistado, ambos professores, o marido dava aula nos períodos regulares do calendário escolar enquanto que ela dava cursos livres e curtos, nos períodos de férias e recessos escolares. No caso dos Thomas, ela optou por trabalhar em casa, montando seu escritório lá, e reduzindo sua carga de trabalho para atender às necessidades dos filhos. Nos dois casos, o homem se responsabilizava por manter o esquema de limpeza e organização de acordo com o que era estabelecido pela esposa.

Nos EUA, a divisão dos trabalhos domésticos pautada na diferença de gênero é mais forte. As mulheres são responsáveis pela limpeza e organização do lar, bem como pelos cuidados regulares dos filhos. Ao homem cabem as atividades de manutenção, o cuidado das áreas externas e o acompanhamento dos filhos e suporte à mãe na educação. Em todas as famílias americanas observei esta divisão do homem como responsável pelo externo e a mulher pelo interno, independente da configuração familiar. De certo modo, podemos dizer que há pouca participação do homem nas atividades domésticas e na educação dos filhos.

No Brasil as opções acerca da configuração familiar e sua estruturação, por diferentes motivos, ainda não é algo pacífico e simples de se fazer. O mercado de trabalho não possibilita ainda à mulher a opção por um emprego de meio período ou pelo desenvolvimento de suas atividades em casa. Do mesmo modo, a educação domiciliar é proibida por lei, apesar de haver crescente demanda para a legalização desta prática por parte das famílias que adotam ilegalmente o *homeschooling*. Por fim, além destas realidades sociais, há ainda uma forte demanda para que as mulheres não se dediquem apenas à família.

Dentre os entrevistados brasileiros, em poucas famílias encontramos mulheres que não trabalham fora de casa. E este tema é algo que gera incômodo em todas as mulheres. Por parte das que trabalham fora de casa, há a dificuldade em educar os filhos, pela necessidade da terceirização da educação e dos cuidados, além da terem que repassar os cuidados com a casa ou então acumularem as duas funções. Aquelas que são apenas donas de casa acabam por ser alvo de críticas e reclamações por parte da família (pais, tios e irmãos) e por outros grupos sociais. Embora haja esta pressão sobre a mulher, ao homem ainda cabe o papel de provedor do lar. Segue abaixo exemplos de relatos em uma rede social:

“Gurias que tem ou terão a oportunidade de não trabalhar pra cuidar dos filhotes, vocês sofreram algum tipo de julgamento por optar pelos filhos do que pela vida profissional? Minha mãe acabou comigo, disse que não me criou pra ser do lar e dependente de marido, que desde o meu terceiro mês me deixou com empregada pra poder crescer na vida (como de fato cresceu), que vou ficar pra trás, velha e gorda e que ninguém vai me querer depois, pra ela eu só terei êxito na vida se for loura, magra e rica... Tô muito chateada.” (T.B.R)

“Eu sofri muito... Minha mãe fala para eu trabalhar e não ser dependente de marido. Mas rezei muito e hoje sei que foi a melhor escolha que fiz me dedicar para meus filhos, casa, marido. E se eu puder volto se não sem culpas. Sempre seremos julgadas. Se você deixa filhos para serem criados por babás, escola etc você

será julgada do mesmo jeito. Temos que pedir paciência. O que importa é a harmonia, paz dentro de nossa casa. E por que não ser linda, loira e magra, mas dona de casa e principalmente mãe? Ricas já somos em manter nossa família e filhos que são nossos tesouros. Hoje tudo é status, aparência, ninguém pensa na família!! Triste!” (J.Z.)

“Minha mãe também fazia isso comigo! E vira e mexe queria me colocar contra meu marido... também sofri demais mas depois que casamos somos outra família e sempre investi em cuidar da minha, larguei um bom emprego, eu ganhava muito bem e no começo sentia falta do dinheiro, chorava de vontade comprar coisas na frequência que comprava antes, mas tudo isso passa! Minha morreu alguns anos depois, meus filhos são maravilhosos, tiveram uma educação diferenciada porque fiquei em casa com eles! VALEU A PENA, sem duvida!” (M.F.)

Outro ponto conflituoso nas famílias brasileiras é a participação dos homens nas atividades domésticas. As divisões cuidado/manutenção e dentro/fora não é bem delimitada, portanto as demandas das atividades domésticas e da educação dos filhos são mais maleáveis. Às mulheres muitas vezes resta a responsabilidade de acumular funções dentro e fora de casa, e em alguns casos motivada pela necessidade de “ser mulher” dentro de casa para que o marido “seja homem”.

Outra figura importante aparece nos lares brasileiros, a empregada doméstica, pouco comum nos EUA, devido à cultura de fazer, sozinho, as tarefas domésticas e de ser uma mão de obra cara e rara. No Brasil, as atividades domésticas, sempre que possível são repassadas para os trabalhadores domésticos, ficando a limpeza e a organização em função de alguém contratado para tal.

Para uma análise comparativa entre os dois países, levo em conta as diferenças no contexto social de ambos, bem como nos padrões de estrutura familiar e nas estruturas sociais para a educação e criação das novas gerações, pontos já desenvolvidos nos parágrafos anteriores, mas cabe

destacar que há, dentre as famílias estudadas, uma diferença de idade e gerações.

As famílias americanas eram em sua grande maioria entre 40 e 60 anos de idade, geração esta que optou por a mulher abrir mão da vida profissional, mesmo que apenas durante um período. No Brasil, a maioria tem entre 25 e 40 anos e os casais procuram realizar uma divisão entre o envolvimento do homem e da mulher na educação dos filhos e cuidados com a casa, embora o peso maior continue sendo para as mulheres.

Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, os casais dos grupos católicos pesquisados, erigem a diferença de gênero, na maior participação das mulheres no cuidado dos filhos e no cuidado da casa que são derivados do entendimento do que seja a maternidade e os homens na maior participação nas atividades profissionais de provento da família derivadas da função de paternidade. Tanto lá quanto aqui os grupos católicos a que estes casais aderem ou pertencem, erigem como forma exemplar ou forma “perfeita” para as mulheres, o exercício da maternidade que se constitua em cuidado exclusivo dos filhos e da casa.

Contudo, no Brasil, comparativamente aos Estados Unidos, entre os casais estudados, encontrei maior participação dos homens nos cuidados dos filhos e maior participação das mulheres nas atividades profissionais, assim como maior intensidade das tensões vivenciadas pelas mulheres que, no Brasil, deixaram as funções profissionais em nome do cuidado exclusivo dos filhos.

No próximo capítulo analisarei os dois tipos de projetos familiares construídos pelos casais que depreendi das minhas pesquisas nos grupos estudados e desenvolverei a relação entre projetos construídos de família pelos casais, e suas implicações no exercício da sexualidade, na vivência de gênero, e nas opções individuais.

Capítulo 5 - Os tipos de projeto de família: a opção pelo método e a opção pela coerência doutrinária

Neste último capítulo, faço a elaboração de duas categorias de projetos de vida das famílias, tal como escolhidos pelos parceiros, e que pude depreender do acompanhamento e estudo realizado nesta pesquisa. Neste sentido, cada categoria elaborada é uma aproximação da realidade, destacando as principais características e as consequências da mesma na vida dos indivíduos e de suas famílias. Depreendi dentre os casais estudados pertencentes aos grupos católicos que aderem aos métodos naturais exclusivos de planejamento familiar dois tipos de opção pelo planejamento familiar natural:

- 1) a opção pelo “método em si” e
- 2) a opção pela "coerência doutrinária".

Antes de ver as características de cada tipo, e o que há de comum entre estes dois tipos e como cada família pode ter pertencido aos dois tipos a partir de momentos diferentes nas suas trajetórias, é importante registrar que além desses dois perfis que serão analisados, foi possível chegar a duas outras categorias que ampliam os termos do debate.

Estas duas últimas categorias citadas estão sendo apresentadas nas margens ou fronteiras sociais em relação aos casais pertencentes aos grupos religiosos que analisamos e que apresento a seguir:

(a) Usuários católicos, que usam contraceptivos artificiais, que não entraram na pesquisa realizada pela tese devido ao silêncio de seus integrantes. No Brasil, encontra-se facilmente este tipo de católico, aquele que mesmo que tenha formação doutrinal, não concorda ou não segue este aspecto da doutrina católica e, em especial a grande maioria de católicos que não pertence aos grupos religiosos analisados. Mas mesmo dentre os pertencentes, há os que usam métodos artificiais. Porém, nos EUA há uma enorme dificuldade de encontrar estas pessoas, que se silenciam ou se

afastam da Igreja para não terem problema com o grupo religioso, diocese ou paróquia a que pertencem, já que o ser católico implica, em geral, uma forte interação pessoal com a paróquia ou diocese.

(b) Os que são tão favoráveis a não evitar filhos que se posicionam como contrários ao planejamento familiar, ainda que realizado por meio de métodos naturais. Este grupo foi percebido já no final da pesquisa de campo, sendo pessoas que se recusam a aceitar o uso de métodos naturais para espaçar o nascimento dos filhos ou evita-los, pois encara cada gestação e filhos como uma benção de Deus, não devendo “controlar” aquilo que Ele decide sobre a família. Estas pessoas possuem pouca voz dentro da Igreja, não sendo um percentual significativo, mas que são visíveis nas redes sociais, tanto no Brasil como nos Estados Unidos.

Este último tipo de projeto familiar dentro da Igreja, se constitui em grupo que não foi abordado pela pesquisa, mas que margeia a questão do planejamento familiar na Igreja Católica. São aqueles que entendem que o uso de métodos para realizar o planejamento familiar é contrário à doutrina católica, pois os filhos não devem ser planejados dentro de uma programação individual ou do casal, já que somente a Deus cabe a decisão de quando eles conceberão. Este se tornou um tema recorrentemente abordado por entrevistados ou em textos pesquisados. Embora seja muito divulgado dentro da Igreja um discurso de “planejamento familiar”, onde o casal deve se preocupar em planejar e espaçar os filhos, há uma corrente que é contrária, pois segundo eles, o casal deve estar constantemente disposto à uma nova gravidez. Este grupo se baseia no documento da Igreja denominado *Casti Canubii*, publicado em 1930 pelo Papa Pio e que reforça a ideia de que filhos é dom de Deus e consequência do matrimônio, não devendo assim ser evitado.

“Quando, porém, os meios até aqui indicados não chegarem para fazer face às despesas, especialmente se a família é numerosa ou pobre, o amor cristão do próximo exige absolutamente que a caridade cristã supra aquilo que falta aos indigentes, que os ricos auxiliem os mais pobres, e que os que têm bens supérfluos, em vez de os empregarem em vãs despesas, ou, para melhor dizer,

em vez de os dissiparem, os empreguem na sustentação da vida e da saúde daqueles a quem falta o necessário. Os que dos próprios bens derem a Cristo nos seus pobres receberão abundantíssima recompensa do Senhor quando vier a julgar o mundo. Os que assim não procederem serão castigados (Mt 24, 34, segs.), visto que não é em vão que o Apóstolo adverte: “Como poderá amar a Deus aquele que tendo bens deste mundo, e vendo o seu irmão em necessidade, ficar insensível perante ele?” (1 Jo 3, 17).” (Casti Conubii, nº125)

Em uma rede social, uma senhora me explicou os argumentos para o não uso de métodos naturais:

“Conheço bem, a falácia bem propagada pelos meios ditos ‘tradicionais’ da Igreja sobre a famigerada ‘paternidade responsável’, que se mostra uma bela irresponsável por impor, tiranicamente, uma mentalidade egoísta e hostil aos ensinamentos ‘antiaggiornatos’ do Magistério, às famílias católicas.

Por culpa desse ensinamento, infelizmente preconizado por Paulo VI em sua encíclica Humanae Vitae, as famílias católicas de hoje são exemplo de mesquinhez, infidelidade, de abandono total da prole e de desobediência. Sim, de desobediência! Ora, como exigir obediência àqueles que nos foram confiados se nós, em primeira instância, desobedecemos sem enrubescer ao que PROMETEMOS no casamento? É, no mínimo, uma incoerência pecaminosa.

Foi essa egoísta ‘paternidade responsável’ que, incutida sorrateiramente durante décadas, fez com que os católicos abandonassem o princípio mais valioso da religião, que é dar a vida pelo outro. Logo, estaria ‘fora de moda’ essa ideia retrógrada de desejar alegremente todos os filhos que Deus queira dar e, mais ainda, quando Ele queira dar, pois o mais importante no mundo moderno é, claro, a PRÓPRIA saúde, a PRÓPRIA liberdade, a PRÓPRIA alegria, a PRÓPRIA comodidade, a PRÓPRIA tranquilidade, enfim, o amor PRÓPRIO.

Nossa inteligência e nossa vontade precisam agir de modo coerente. Se fomos guiados por Deus para assumir o sacramento do matrimônio, a inteligência nos leva a desejar seus frutos, sejam quantos ou quando vierem. E o auxílio mútuo, outro bem gerado pela segunda finalidade do matrimônio que é a 'fidelidade conjugal', não poderá efetivar-se licitamente sem sua motivação, que é a prole.

Noutro dia ouvi a seguinte aberração: ter muitos filhos sem controle algum, sabendo da situação econômica, social e moral em que a família se encontra, é 'tentar a Deus'. Isso é um desatino colossal! Ora, a Encíclica Casti Conubii, que chama a questão econômica de "pretexto" e de "desculpa vergonhosa", ensina que isso não é, em situação alguma, motivo para o controle da natalidade, tendo em vista que A LEI DE DEUS OBRIGA E A GRAÇA DE DEUS AJUDA A CUMPRIR. Qualquer católico sabe que cumprir a lei de Deus é confiar em Sua graça.

Se o homem buscou descobrir, obstinadamente, métodos naturais, sejam eles quais forem, foi com um único objetivo: evitar os filhos. Os porquês são vários, sendo alguns lícitos e outros, 'vergonhosos', como disse Pio XI em sua sábia encíclica. O casal que pretende espaçar as gestações, ou ainda, eliminá-las, terá sempre um motivo a declarar. No entanto, a pergunta a se fazer e a ser respondida com o auxílio do diretor espiritual é: 'Por qual razão evitar?'. (Facebook, Grupo Filhos? Quantos Deus quiser)

Como apontei, este discurso acima citado não se apresentou entre os casais estudados, mas faz parte da interlocução entre discursos que pretendem incluir o projeto familiar e da reprodução como aspecto doutrinário da Igreja Católica. Esse discurso afirma que, ainda que se usem métodos naturais de planejamento familiar, o casal estaria sendo contrário à doutrina da Igreja e à vontade de Deus. Este grupo foi excluído da pesquisa por não se adequar ao objetivo do mesmo, que é observar as consequências do uso do planejamento familiar no estilo de vida dos casais católicos.

Entre os casais estudados, percebi apenas duas categorias, podendo cada família apresentar características das duas categorias desenvolvidas, principalmente se fizermos uma análise histórica da trajetória de cada uma.

Uma característica que é comum a todas as famílias estudadas é o envolvimento religioso, então, em maior ou menor grau, todas as famílias são católicas e tem seus projetos influenciados pela doutrina da mesma. O que diferencia uma família da outra é o grau de comprometimento das demais esferas da vida com a religiosidade. Em alguns casos temos um comprometimento total, em outros há a escolha, ainda que involuntária, de alguns aspectos adequados à doutrina e outros não. Neste sentido, dentro do grupo estudado encontramos inclusive pessoas que utilizam MNs, mas que não desejam e que repudiam a ideia de ter filhos, estando totalmente fechados à possibilidade de uma gravidez não planejada, mesmo que utilizando exclusivamente métodos naturais. Ou seja, encontramos casais que utilizam métodos naturais como parte do protocolo do bom católico, mas que o fazem de forma regrada como modo de evitar totalmente a possibilidade de uma nova gravidez, sendo considerados pelos demais católicos contrários àquilo que a Igreja ensina.

Quando pensamos em construção de projetos de vida familiares, cabe destacar que esta é uma construção baseada em projetos de vida individuais, podendo haver uma junção de dois ou mais projetos, ou a predominância de uma sobre as demais. É relevante ponderar ainda que, embora estejamos elencando duas diferentes motivações para o uso de MNs, outras motivações constantemente aparecem no estudo do planejamento familiar natural. A motivação mais aparente seria a busca por um controle da fertilidade sem o uso de dispositivos artificiais, principalmente os que modificam o funcionamento do corpo. Algumas mulheres e casais "naturalistas" utilizam os métodos naturais como forma de evitar o uso dos métodos hormonais de contracepção, devido aos efeitos colaterais apresentados para o corpo da mulher e para o meio ambiente. Como este tipo de família não era o objeto de estudo, não há exemplos deles dentre o grupo estudado.

No entanto, em alguns casos podemos perceber a concepção naturalista nas mulheres católicas. Uma delas informou que inicialmente a recusa da medicalização do corpo foi a motivação para a procura de métodos contraceptivos alternativos.

"Eu nunca achei justo a mulher ter que arcar com toda a responsabilidade do planejamento familiar. Ficava pensando que teria que tomar pílula, aguentar todos os efeitos colaterais, sem contar as consequências da gravidez, parto e amamentação. Enquanto isso o homem fica de boa! Mas quando estava noiva descobri o Billings e comecei a estudar. Fiz um curso da Equipe e percebi que posso usar este método com tranquilidade, sem me prejudicar por causa de remédio e ainda estando de acordo com o que a Igreja fala". (Sra. Fonseca)

Embora haja a recusa por parte das mais religiosas em orientar casais não católicos que procuram os MN, algumas instrutoras dos métodos informaram ter orientado tanto naturalistas quanto cristãos de outras igrejas. Esta relação instrutora católica e mulher não católica geralmente conta, por parte da instrutora, uma pretensão de conversão ao catolicismo. Então o discurso começa mais voltando para o método em si e posteriormente começa a se voltar para o proselitismo religioso. (Ao contrário do que acontece na orientação de uma pessoa católica, onde se inicia com as bases doutrinárias para depois ensinar o método em si).

Passo então a analisar os dois tipos de opção pelo planejamento familiar natural encontrados e estudados na pesquisa que realizamos: opção pelo "método em si" e a opção pela "coerência doutrinária". Vejamos as características de cada tipo.

Opção pelo método em si, uso do método como planejamento familiar

A opção pelo método diz respeito aos casais que utilizam o planejamento familiar natural por acreditarem no método e em tudo aquilo que ele significa dentro da ideia de família e das crenças religiosas. Geralmente, estes casais

são orientadores ou instrutores de alguma equipe ligada ao planejamento familiar natural e tem como preocupação maior a educação de outros casais para a formação da família e o uso dos MNs. Assim, tomam sua trajetória como exemplo para os demais e buscam servir de exemplo que o matrimônio e os MNs são bons para o casal e para a família como um todo.

Ao aprenderem um método de planejamento familiar e, principalmente, aderirem a um grupo de divulgação e ensino deste método, o casal passa a estruturar sua vida em relação às regras e filosofias de vida ligadas ao método. Além disso, passam a pautar seu cotidiano às atividades desenvolvidas pelo grupo, vinculando as amizades, lazeres e demais atividades da vida social a esta opção.

Estes casais são os que encontram maior dificuldade em mediar os valores e demandas das diferentes esferas sociais a qual circulam, ou ao menos, deixam transparecer com maior facilidade a ambiguidade existente entre os projetos individuais e o coletivo, seja ele familiar ou comunitário. Apresentam maior autonomia, diante da heterogeneidade de valores dos lugares a qual circulam, e dentro da própria religiosidade. É um grupo onde a mulher é sobrecarregada pelo acúmulo de tarefas relacionadas à maternidade, casamento, religiosidade e vida profissional.

Temos como exemplo os casais vinculados ao *Couple to Couple League* (C&C) e à Equipe do Método de Brasília (EMB). Como já comentado anteriormente, a C&C possui uma série de exigências em relação aos seus instrutores, como a amamentação prolongada, o acompanhamento materno até os 03 anos de idade, a dedicação exclusiva da mulher às atividades familiares, domésticas e de orientação e instrução acerca do método. Desta forma, dois casais entrevistados, Smith e Johnson, são instrutores da C&C e adequaram sua organização familiar às regras da liga. Ou seja, por acreditarem e optarem pelo método de planejamento familiar, os casais aceitam todas as demais propostas da Liga, adotando certo estilo de vida.

Acerca da adequação do consumo, uma das entrevistadas contou durante a entrevista:

"Quando nos mudamos para esta casa já tínhamos três filhos. R. estava terminando o doutorado e eu não trabalhava mais. Foi uma fase difícil, mas procuramos alternativas para solucionar os problemas. Comprávamos coisas de segunda mão e passávamos roupas e calçados dos mais velhos para os mais novos. Às vezes nossos pais nos ajudavam também." (Sra. Smith)

Esta família em questão relatou a dificuldade de aumentar a casa, mantê-la e educar os quatro filhos, ainda que em alguns períodos adotassem o *homeschooling*. As atividades religiosas e de lazer também se orientam para a opção do método de planejamento familiar. As famílias vinculadas ao C&C regularmente desenvolviam atividades conjuntas e, quando optavam pelo *homeschooling*, promoviam grupos de estudos e atividades extracurriculares para seus filhos.

Assim, estas famílias se fechavam em grupos de amizade, estabelecendo padrões de relacionamento, consumo, diversão e comportamento. Deste modo, estes grupos funcionam como comunidades de significação, como apontado por Giddens e Lash, se apresentam como uma opção do casal, que constituem ali uma comunidade afetiva e um espaço onde é possível compartilhar elementos culturais importantes para todos.

Do mesmo modo, percebemos a formulação de padrões de comportamento e de grupos de amizade nas famílias observadas no Brasil. Além das atividades desenvolvidas pelas próprias equipes para formação, estudo e espiritualização, são oferecidas atividades recreativas. Geralmente as famílias ainda organizam encontros e atividades informais, por setores e regionais ou até por grupos de afinidade e interesse.

Os casais da EMB se destacam em relação à opção pelo método pois, conforme a ideia da Equipe, eles aderem a todo um estilo de vida vinculado à vivência do método. Este estilo de vida afeta principalmente o relacionamento do casal, ao ligar as regras dos métodos naturais aos momentos de namoro e de relação sexual, as atividades com os filhos e domésticas. Deste modo, a EMB apresenta aos seus membros uma filosofia de vida, onde o ritmo do cotidiano é pautado pelas fases férteis e inférteis da mulher.

Os casais que desejam espaçar a gravidez, nos dias férteis, são estimulados a desenvolverem atividades com toda família, saindo com os filhos, assistindo filmes, desenvolvendo brincadeiras e jogos em ambientes abertos ou fechados. O namoro neste período remete ao namoro da época de solteiro, com passeios, cinema e visitas a parentes, com troca de carinho e atenção, primando pela castidade. O foco maior neste momento é por cativar o parceiro e cultivar a amizade, por gastar tempo com os filhos, parentes e amigos.

Nos períodos inférteis, além de toda esta atenção, há o estímulo pelo contato e brincadeiras sensuais e mais sexualizadas. O dia passa a ser organizado para que, em algum momento, o casal possa ter um período de intimidade. Há o incentivo para que os filhos durmam cedo ou na casa de parentes, para que o casal saia e passeie. Do mesmo modo, para os casais que estão tentando engravidar, este é tido como o momento propício para aproveitar e viver a sexualidade de modo livre e descompromissado.

Alguns casais relataram estipular uma periodicidade para encontros e atividades exclusivas para eles, seja uma vez por semana ou a cada quinze dias. A ideia é que o casal possa, sem a presença de filhos ou outras pessoas, conversar e namorar, mantendo a interação e a intimidade necessárias ao relacionamento. A natureza da atividade desenvolvida neste encontro depende do período da mulher, estando fértil, primam-se pelo diálogo, atividades externas, infértil, namoro.

Embora estes grupos sejam católicos e proponham práticas condizentes com o que a doutrina ensina, eles não são unanimidade dentro da Igreja, pois encontram resistência dos contrários ao “planejamento familiar”. Conforme dito anteriormente, os mais tradicionais criticam o estímulo ao planejamento familiar, onde o casal decide quando tentar ou não engravidar. As outras críticas recebidas pelas equipes de ensino do PFN são de pessoas que não concordam ou até desestimulam o uso de MN, uma parte devido ao preconceito em relação aos métodos, oriundo do desconhecimento de suas regras e práticas, duvidando assim de sua eficácia. Alguns críticos apresentam o desconhecimento ou discordância da doutrina acerca do planejamento

familiar ou sobre a oposição da Igreja em relação aos contraceptivos artificiais, fazendo opção pelo uso destes.

Em particular, no Brasil este embate é agravado pela realidade de haver padres e sacerdotes, bem como pastorais, que se colocam publicamente contrários aos ensinamentos da Igreja recomendando ou permitindo o uso de contraceptivos artificiais. Há inclusive, casos de padres e bispos autorizando cirurgias de esterilização tanto feminina quanto masculina. Por outro lado, nos EUA, a tendência dos sacerdotes que não concordam é silenciar e encaminhar os casais para que sejam orientados por outros sacerdotes. Na conversa com o padre responsável pela paróquia St. Charles Borromeo, o sacerdote afirmou preferir não conversar sobre a questão do planejamento familiar, que isso deve ser tratado no curso de preparação para o matrimônio, tirando dele a responsabilidade de informação e educação sobre o assunto.

A crítica dos grupos mais tradicionais se fundamenta quando percebemos que alguns casais, principalmente os que têm como principal motivação o método em si, o utilizam com uma "mentalidade contraceptiva", onde evitam de todo modo engravidar. Estes casais, em muitos momentos, utilizam seus conhecimentos sobre a fisiologia e sobre os métodos naturais para não engravidarem. Em nome disso chegam a passar por longos períodos de abstinência.

Em seu relato, a Sra. Pires afirmou que no primeiro ano de casamento não queria engravidar de modo algum. Sua motivação era a necessidade de se organizarem melhor financeiramente, dela passar em um concurso e deles aproveitarem um pouco a vida de casados e sem filhos. Para tal, ela optou por ter apenas uma relação após a menstruação e mantinha abstinência até a certeza do fim do período fértil, mesmo que isso demorasse 15 dias. Deste modo, no primeiro ano de casamento, este casal teve recorrentemente longos períodos de abstinência, em nome da possibilidade de evitar uma gravidez.

“É uma vergonha olhar os gráficos dos meus primeiros anos de casamento! Às vezes passávamos quase um mês sem ter relação. Tudo por medo de engravidar. Além de toda dificuldade de pagar o

financiamento da casa, as contas do casamento, tinha medo de engravidar logo e não aprender o método corretamente. Como sou nova, poderia ter muitos filhos.” (Sra. Pires)

O casal Ferreira, em sua trajetória, passou por uns períodos em que claramente “evitavam” os filhos. Após o nascimento do segundo filho, vivenciaram uma época de muita dificuldade e, durante o período de amamentação, para evitar outra gestação, eles optaram pela abstinência.

“Logo após meu segundo filho me bateu o desespero. Engravidei na lua de mel e desmamando a primeira já engravidei do segundo. Não queria emendar o terceiro filho, não dava para mim. A segunda gravidez detonou meu corpo, me sentia gorda e muito feia. Eu continuava sem emprego, M. trabalhava o dia todo e estudava a noite. Decidimos esperar até o desmame para voltar a ter uma vida sexual mais constante. Durante quase uma ano tivemos poucas relações, somente quando tinha certeza absoluta de que não estava fértil.” (Sra. Pires)

Os casos apresentados acima são típicos de quem opta pelo método mesmo que seja como uma tentativa de seguir aquilo que a Igreja ensina, mas ainda assim não consegue seguir todos os pressupostos desta orientação. Utilizam um MN, mas do mesmo modo que utilizariam um contraceptivo artificial, apenas para evitar a gravidez. Inclusive, em muitos momentos eles utilizam de contraceptivos artificiais (especialmente a camisinha) devido à dificuldade em seguir o planejamento utilizando os MNs.

Além dos que se envolvem com afinco na propaganda do método, encontramos os que fazem uso do método mas de forma resignada, por obediência à doutrina da Igreja, mas sem se envolver comunitariamente com os demais usuários dos métodos e sem optar pela filosofia repassada por estes grupos. Um exemplo é um casal americano, os Clark, que no momento da entrevista eram casados a pouco tempo, usavam o método como forma de agradar ao pai dele, que é diácono e solicitava aos filhos uma vida de exemplo. Eles inclusive eram convidados a dar palestras e testemunhos em cursos de noivos.

Um dos fatores que leva ao medo de não conseguir planejar a família é o fato deste tipo de casal estar mais situado no duplo lugar referido anteriormente, adere à comunidade e seu estilo de vida, mas se mantém vinculado às demais esferas da vida, não se distanciando totalmente dos valores hegemônicos da sociedade. Os Clark servem como ilustração desta situação, ambos trabalham fora e para ela aparece a demanda de se organizar diante da possibilidade de uma gravidez. Abrir mão do trabalho e se dedica à família parece algo absurdo para ambos, principalmente pela perda financeira e de status dela em se tornar dona de casa. Ou seja, percebe-se que o peso maior de mediar diferentes projetos fica com a mulher, pois geralmente é ela que tem que abrir mão de sua vida profissional ou mediar os interesses pessoais e familiares.

Pode-se perceber ainda, que neste grupo há uma maior preocupação de que o método seja eficaz em todas as ocasiões do planejamento familiar, tanto no espaçamento quanto ao tentar engravidar. É com orgulho que falam que tiveram quantos filhos desejaram, no momento que planejaram. Nas palestras pude ouvir diversos casais se apresentando, falando dos filhos e pontuando que, embora sejam usuários de métodos naturais, tiveram os filhos que planejaram.

Há o interesse em ser modelo também na educação e criação dos filhos é muito forte, assim, em alguns casos estas famílias se tornam defensores de filosofias ou metodologias educacionais. Além disso, primam pelos cuidados na gravidez e no parto, com o corpo e saúde da mulher, sendo estes motivos importantes para se evitar uma gravidez. Por fim, neste tipo encontramos famílias que apresentam maior organização financeira e maior separação dos projetos de vida individuais e com isso, a mulher tendo sua vida profissional mais estabelecida.

Há também rixas e disputas internas às equipes de métodos naturais, cada uma defendendo um tipo diferente de método. MOB, sintotérmico, o uso de um ou outro equipamento, tudo isso é tido como motivo de comparação e críticas entre as diferentes equipes, fazendo com que o êxito no planejamento familiar seja ainda mais foco de propaganda e divulgação. Há ainda a

comparação entre grupos que ensinam o método por si mesmo, como é o caso do CENPLAFAM no Brasil e do Creighton nos EUA e de grupos que incorporam uma proposta maior de vida, como o C&C e a EMB.

Opção pela coerência doutrinária, o uso do método como forma de espaçamento

Não obstante todos os entrevistados sejam católicos e possuam interesse em seguir as orientações da Igreja, alguns apresentaram maior preocupação com a adequação do estilo de vida pessoal e familiar com a doutrina. Deste modo, percebemos neste grupo a tentativa de aderir completamente aos aspectos doutrinários inclusive os que se relacionam com a família, sexualidade e reprodução. Assim, aparece como justificativa do uso dos métodos naturais a proibição da Igreja do uso dos métodos artificiais, a necessidade da abertura à vida, e a aceitação dos filhos que por ventura forem concebidos.

Ao aderirem ao pacote completo oferecido pela Igreja, em sua maioria, constituem-se famílias baseadas em modelos tradicionais, com o homem sendo provedor econômico e base disciplinar em relação aos filhos, a mulher como responsável pela casa e organização familiar. Os métodos naturais são, para estes casais, instrumentos necessários para o espaçamento e planejamento dos filhos e estes, os filhos, são consequência da opção religiosa e do uso dos MNs. Em muitos casos, o padrão tradicional tem que ser quebrado devido à quantidade de filhos, fazendo com que a mulher tenha que entrar no mercado de trabalho para auxiliar o marido no sustento da casa. Mas, mesmo nestes casos, os papéis de "chefe da família" e "dona de casa" são mantidos.

Encaram a possibilidade de uma gravidez não planejada como uma dádiva de Deus, sendo os filhos sinais de benção e resultado da vida conjugal e familiar. Com isto, a vida familiar e conjugal é pautada na doação à Deus, à Igreja e à família. Do mesmo modo, as escolhas educacionais e profissionais de ambos têm como fator motivacional os interesses religiosos. O estudo, a

escolha da profissão e dos empregos é pautada na possibilidade de sustento da família, na vivência das práticas religiosas e no proselitismo religioso. Sendo assim, neste grupo há maior incidência de mulheres que abrem mão dos estudos, de uma profissão formal para trabalhar em casa e na Igreja.

Temos como exemplo dois jovens casais, um de cada país. Os Gonzalez possuem 07 anos de casamento, ele abandonou o seminário para se casar com ela. A mulher se casou muito nova, terminou apenas o segundo grau, não quis estudar mais e nem tem interesse em se dedicar a um emprego formal. Ambos possuem um grande conhecimento doutrinário e tem como convicção a escolha por uma vida baseada em princípios religiosos, mesmo que isso implique em limitações acerca das escolhas profissionais, de consumo e nos demais componentes do estilo de vida.

Ela estuda diferentes métodos naturais para começar a trabalhar como instrutora para o público latino pois há uma grande demanda para este serviço. Ambos são de família mexicana e falam espanhol fluentemente. Ele trabalha como zelador em uma paróquia quando necessário eles são ajudados financeiramente pela paróquia e pela família dos dois. Moram em uma pequena casa alugada, perto da paróquia, em um bairro de periferia em Oakland. No período que foi realizada a entrevista ela estava grávida do quarto filho, tinha três meninas e havia perdido um bebê recentemente.

O intuito dos dois é de se dedicar ao serviço da Igreja, como forma de manutenção da família, mas também de dedicação religiosa. Organizam suas rotinas conforme os horários das atividades paroquiais, para que ele possa desenvolver seu trabalho como zelador, e também como paroquiano. Ela estabelece seus horários conforme as necessidades das crianças e de forma que possa orientar e atender outros casais e estudar acerca dos MNs e da doutrina.

A esposa é a responsável pelo controle financeiro da família, por estar mais em casa e conhecer as necessidades de todos. Eles recebem muitas doações de roupas, brinquedos, materiais escolares e cestas básicas e levam uma vida muito simples, tendo acesso limitado ao lazer e às coisas que não

são de necessidade básicas. Mas isto era encarado com certa alegria, pois é sinal de estar vivendo conforme a simplicidade pedida por Deus.

Embora tenham planejado todas as gravidezes, eles não tem previsão de quantos filhos poderiam ou pretendiam ter. Ele encarava a possibilidade de ter filho como forma de mudança do mundo, criando pessoas cristãs, responsáveis e bem educadas, capazes de modificarem a realidade em que vivemos. Além disso, a vivência de se ter muitos irmãos apresenta a possibilidade de aprender constantemente a partilhar e respeitar, diante da convivência com os irmãos.

Os Reis tem quase dois anos de casamento, ela havia acabado de sair do convento, onde se formava para ser freira quando o conheceu, e rapidamente decidiram namorar, noivar e casar. Ele de família católica e muito conhecedor da doutrina e das práticas católicas, apresenta uma postura conservadora diante de muitos assuntos, inclusive sobre a maneira de homem e mulheres se comportarem e se vestirem. Ela, embora tenha voltado à universidade para terminar o curso que havia largado para ir para o convento, não tem pretensões de continuar a formação profissional, tampouco de trabalhar formalmente.

Apesar de terem conhecimentos acerca dos MNs, optaram por não utilizarem, ao menos inicialmente, mas apresentam os métodos caso seja necessário fazer algum tipo de espaçamento. Deste modo, ela engravidou durante a lua de mel, o que foi motivo de grande alegria para o casal e a família como um todo. Ele trabalha, mas possui uma renda baixa, o que faz com que o casal tenha certas limitações de consumo, o que não gera grandes problemas devido à opção por uma vida simples. Ela muitas vezes afirma preferir viver uma vida de simplicidade e pobreza do que ter que trabalhar fora de casa.

Nos dois casos apresentados há de forma bem evidente a postura de submissão feminina tanto por parte da esposa quanto das filhas. A educação dos filhos nestas famílias também ganha destaque neste grupo devido à procura pela vivência de aspectos tradicionais da religiosidade. Os pais procuram matricular seus filhos em colégios católicos e primam por uma educação mais intelectualizada, pelo aprendizado de diferentes línguas, aprendizado de diferentes instrumentos musicais e a leitura de clássicos da

literatura brasileira/americana ou mundial. É comum a complementação em casa do que é estudado na escola. Os bons modos à mesa, a cordialidade e a educação no trato com o próximo são estimulados assim como o aprendizado artístico, cultural e religioso.

Nestas famílias encontramos um movimento bem parecido com o citado por Mahmood (2005) de valorização da mulher pelo doméstico e o religioso. Segundo a pesquisadora, o movimento de reavivamento do Islamismo apresentou características de reforço das características patriarcais de sua sociedade. Ao invés de lutarem contra a obrigatoriedade de estarem inseridas apenas na esfera privada, elas lutam para que este lugar seja reconhecido como algo importante e bom para a família e a sociedade, mas ao mesmo tempo, passam a incluir nas suas atividades cotidianas idas constantes a mesquita com inclusão de atividades religiosas comunais. E a religiosidade é o que dá a legitimidade para as mulheres, que utilizam o discurso religioso como embasamento para sua luta. Elas entram no movimento religioso para serem mais prestigiadas, pois sendo mulheres “modelo” podem reivindicar que os maridos a reconheçam como tal e as tratem com o respeito devido à mulher virtuosa que a religiosidade impõe. (Mahmood, 2005).

Em relação à sexualidade, ao mesmo tempo em que há uma maior aceitação de longos períodos de abstinência para o espaçamento entre os filhos, há maior tentativa de satisfação do parceiro, devido à importância dada ao sexo dentro do casamento. Eles encaram o sexo como parte do casamento, incorporando a este as bases religiosas já citadas ao longo da tese e encaram os outros elementos vinculados ao casamento tão importantes quanto o próprio sexo. Assim a sexualidade ganha significado e é vivenciada em meio às outras atividades cotidianas do casal. Deste modo, encaram de maneira prática os momentos que devem se abster e os que podem (ou devem) ter relação sexual.

Ainda que os filhos sejam frutos quistos e bem recebidos do casamento, o uso dos MNs se faz necessário tendo em vista à prática da paternidade responsável. Assim, os MNs aparecem como uma necessidade, que deve ser aprendida e vivida como forma de obediência à Deus, às suas vontades para

cada um do casal e para a família como um todo. Estas famílias não são necessariamente grandes, alguns casais planejam poucos filhos, baseados naquilo que acreditam ser a vontade de Deus. Um grande espaçamento entre os filhos ou até a decisão de não mais ter filhos pode ser devido aos problemas da saúde da mulher, à realidade financeira e econômica do casal, à vida profissional de um dos dois, de ambos ou de um dos filhos.

A questão financeira é encarada também de forma mais serena pelas famílias que fazem parte deste grupo. De certo modo, há uma resignação diante das dificuldades financeiras encontradas, bem como em relação aos caminhos necessários para o estabelecimento profissional. A vida simples ganha significado quando posta em relação à vida cristã, assim como a pobreza cristã é evocada em momentos de dificuldade.

Geralmente estas famílias tem maior envolvimento com as atividades religiosas, procuram se vincular com movimentos e paróquias mais tradicionais. Do mesmo modo, os filhos se veem impelidos a acompanhar nestas atividades e a se envolverem nas próprias para crianças da idade delas. Este rigor religioso se apresenta no cotidiano, por meio de orações diárias e na vivência das festividades religiosas.

Dentre os que fazem opção por uma coerência doutrinária há um grupo que ganha destaque, aqueles que abolem inclusive o uso de métodos naturais de planejamento familiar. São casais que levam ao extremo a abertura à vida e à vontade de Deus, não se preocupando com o momento em que a gravidez ocorre nem com a quantidade final de número de filhos. Encontramos como exemplo deste tipo de família, os casais do Neocatecumenato, que é um movimento da Igreja Católica que propõe a vivência da religiosidade conforme os primeiros cristãos.

Na maioria das vezes estes casais aprendem os métodos naturais, mas conforme vão aprofundando na catequese oferecida pelo movimento, abandonam o uso do método, confiando apenas na dinâmica na natureza do corpo humano e na vontade de Deus. Em casos extremos, de conversão tardia, temos casais que se submetem a cirurgia de reversão de laqueadura ou

vasectomia como tentativa de voltar à fertilidade e assim estar aberto à vida, conforme a orientação da Igreja. Deste modo, percebemos que possuir uma família numerosa se torna algo comum e bem quisto, fazendo que ao longo da trajetória familiar, o casal deixe de desejar poucos filhos e passe a encarar a possibilidade de ter muitos filhos como algo bom. Alguns casais já se casam desejando muitos filhos.

"Antes de me casar com A., ela me disse que queria ter muitos filhos, uma família numerosa. A. me perguntou se eu topava, eu disse que sim, que gostaria de ter uma família grande. Mas até hoje, 16 anos e 08 filhos depois, ela não me disse quantos são estes 'muitos filhos!' Realmente não sei se teremos mais!" (Sr. Rizzo)

Assim como o casal Rizzo, algumas famílias se destacam pela opção pelos filhos ou por uma família numerosa. Neste grupo, a ideia de "crescei e multiplicai-vos" é a motivação principal para o casamento e a gravidez. Em alguns casos, há por trás um chamado religioso para esta dedicação à família e aos filhos, em outros, há o interesse em dar continuidade a uma tradição familiar de famílias numerosas ou de modificação desta tradição, quando o casal é fruto de pequenas famílias. Além disso, encontramos casais com muitos filhos que os encaram como forma de apoio e auxílio de um para o outro, bem como para os pais na velhice.

Independente da motivação para se ter muitos filhos, na maioria dos casos, o planejamento familiar natural aparece como uma alternativa para o espaçamento entre os filhos e a organização familiar. Em muitos casos, só se aprende os métodos depois de certa quantidade de filhos, quando por algum motivo há a necessidade de dar um maior espaçamento em relação aos próximos.

Temos como exemplo a sra. Fontes, segundo ela até o momento, nunca havia utilizado método nenhum. Como se casou com certa idade, não havia a preocupação de esperar um tempo entre o casamento e a primeira gravidez. O espaçamento entre as três primeiras gestações foi realizado por meio da LAM, ou seja, engravidou do segundo e do terceiro filhos quando os anteriores

pararam de amamentar, pouco depois de um ano de idade. Por causa de algumas dificuldades financeiras e relacionadas ao emprego do marido, eles tentaram um maior espaçamento entre o terceiro e o quarto filho. E, por ter passado dos quarenta anos, começou aprender o MOB como tentativa de não engravidar novamente, mas ainda assim, se colocava disponível a uma nova gravidez.

Estas famílias encaram de forma mais lúdica os diferentes momentos relacionados à maternidade, como a gravidez, o parto, o puerpério e a educação dos filhos maiores. São pais e mães que se envolvem mais com os cuidados dos filhos e se dedicam mais às atividades familiares. Encaram a dedicação como um serviço temporário, eles tem como perspectiva que são em torno de 10 a 15 anos de trabalho, que passam rápido e no final, acaba sendo recompensador.

Neste grupo encontramos famílias de diferentes classes sociais e, independente disso, conforme a quantidade de filhos vai crescendo, as dificuldades financeiras para manter o padrão de vida acontecem. São casais que geralmente procuram alternativas para o consumo e a diversão e, em alguns casos, recebem apoio dos familiares e amigos. No entanto, a limitação financeira é vista com resignação, como um problema temporário, que logo que as crianças crescerem, a situação melhora ou se resolve.

O relacionamento do casal também é visto como algo a ser sacrificado, no entanto, de todos os aspectos negativos da família numerosa, este seja o motivo de maior incômodo para o casal. A necessidade de momentos sozinhos, de intimidade e namoro aparece sempre como maior reclamação dos casais quando avaliam a opção por uma família numerosa. Geralmente recorrem aos parentes para poderem ter momentos sozinhos.

Os Ferreiras, ao comentarem sobre esta necessidade de estar a sós, relataram ter dificuldade pois os parentes mais próximos não conseguem ficar com os quatro filhos pequenos da família. Eles costumam ir para a cidade de origem da família dele, em Minas Gerais, onde passam as férias e costumam

aproveitar. E mesmo modo, quando querem fazer outras viagens, deixam as crianças lá.

Do mesmo modo aparecem as questões profissionais, tanto daqueles que necessitam abrir mão de momentos de estudo e/ou de trabalho para poderem estar com seus filhos, quanto por parte daqueles que precisam dedicar mais tempo ao trabalho para poderem ter renda suficiente para manter a família. Neste caso encontramos mulheres que gostariam de estar em casa cuidando dos filhos, mas precisam trabalhar para complementar a renda do marido.

Em determinados períodos até as atividades religiosas ficam em segundo plano em detrimento dos cuidados dos filhos. Algumas famílias reclamam quem, mesmo dentro da Igreja, é difícil participar de algumas atividades pela falta de estrutura para acolher as crianças. Um homem entrevistado relatou que durante mais de um ano de sua vida, abriu mão de participar do movimento que era vinculado para ficar com os filhos. Como a esposa era mais engajada, ele abriu mão para que ela continuasse com suas atividades. O movimento demandava muitas reuniões à noite ao longo da semana e às vezes os fins de semanas inteiros. Embora tivesse espaço para as crianças, ele percebeu que a rotina de ficar as noites e os fins de semana fora de casa não era boa para eles.

Esta decisão não foi vista com simpatia pela esposa, que respeitou, mas preferia a companhia do marido nas atividades da Igreja. Do mesmo modo, os colegas e responsáveis pelo movimento criticaram fortemente o rapaz. Após mais de um ano, ele retornou às atividades do movimento, dividindo mais os horários e as responsabilidades com a esposa e os colegas de movimento.

Este tipo de casal costuma receber grande quantidade de crítica, seja da família, dentro da Igreja ou da sociedade no geral. Ter muitos filhos, independente de onde a pessoa esteja é sempre foco de críticas e contestações.

Diante do exposto neste capítulo cabe destacar que, independente da motivação existente por trás do uso dos métodos naturais, seja uma opção pelo método em si, pelos filhos, por uma coerência doutrinal, ou até mesmo uma

opção resignada, as motivações e consequências das opções realizadas são diferentes para homem e mulher. Assim a decisão é realizada em meio a disputas e negociações entre os dois, diante dos seus propósitos religiosos, interesses profissionais ou de estilos de vida e, principalmente, das expectativas que constroem acerca dos papéis de marido/mulher, pai/mãe.

Considerações finais

A presente tese apresentou como os casais que participam de grupos católicos que aderem aos métodos de planejamento familiar como um princípio identitário, estruturam suas vidas e suas famílias tendo em vista os aspectos religiosos, considerados como opções individuais, e como se articulam com as necessidades e interesses relacionados às outras esferas da vida, como o profissional, econômico, o lazer e o consumo. A tese debateu e apresentou a vivência diferenciada dos gêneros, tais como são percebidos os papéis de pai e mãe, esposo e esposa, bem como o de homem e mulher dentro destes arranjos familiares.

Esta tese fez um duplo movimento: entender as escolhas religiosas e as escolhas de métodos de planejamento familiar como escolhas e projetos individuais e, de outro lado, entender o princípio do planejamento familiar pelos métodos naturais como ditame ou ordenamento que influencia a vida dos casais, da família e dos indivíduos. Este duplo movimento permitiu revelar os pontos de tensões nos projetos familiares construídos e escolhidos no entrecruzar de conjuntos simbólicos heterogêneos das sociedades complexas, como bem o aponta Velho (1994). Embora a modernidade tardia apresente um conjunto simbólico onde o valor das escolhas “puras” (Giddens) estejam presentes, também faz parte da modernidade tardia, a constituição de comunidades de pertencimento, incluindo-se as religiosas por escolha (Lash in Giddens, Beck e Lash, 1997), comunidades estas que acabam produzindo formas de pertencimento que limitam as escolhas individuais. Não só os projetos são heterogêneos advindos de conjuntos simbólicos diferenciados, (ser ou não católico, ser ou não adepto dos métodos naturais exclusivos, ser ou não adepto de medidas contraceptivas, ser ou não adepto de famílias com grande número de filhos) como, no plano dos sujeitos em relação aos seus projetos, há tensões, fissuras e flexibilizações.

O público entrevistado vivenciou ou foi fruto dos constantes confrontos que ocorreram nas últimas décadas entre a Igreja Católica, a opinião pública e os diferentes Estados nacionais sobre questões relacionadas à sexualidade, planejamento familiar e bioética. Se por um lado temos um desenvolvimento

tecnológico que permite maior conhecimento sobre estes temas e acesso à informação, por outro temos o recrudescimento do discurso da Igreja na tentativa de limitar as práticas de seus fiéis, dos cientistas e do Estado.

O discurso da Igreja, embora aprove o planejamento familiar, rechaça o controle de natalidade e a mentalidade chamada contraceptiva, que propõe a redução do número de filhos e a dissociação das relações sexuais e a fertilidade. No entanto, a Igreja propõe os métodos naturais como formas viáveis de realizar este planejamento, conforme toda teologia do catolicismo que existe por trás do matrimônio e da sexualidade. Estas orientações da Igreja fazem com que os embates entre o planejamento familiar e a vivência das outras esferas da vida familiar e individuais sejam ainda mais aparentes e em alguns casos, conflituosos.

Entre os católicos encontramos pessoas com discursos próximos, embasados na mesma doutrina, mas com diferentes práticas. Como falado, em sua grande maioria, os católicos se veem em meio aos diferentes discursos: internos à Igreja, ao Estado e aos interesses econômicos, sociais, familiares. Mas mais do que isso, encontram diferentes possibilidades de estilo de vida dentro de um mesmo catolicismo e em se tratando do Brasil, o discurso é ainda mais polissêmico. As comparações entre Brasil e Estados Unidos demonstraram diferentes realidades acerca das opções de estrutura familiares e de planejamento familiar, bem como na formação e acesso à informação dos aspectos doutrinários do catolicismo. Há ainda uma diferença entre a adesão religiosa, onde nos EUA é mais completa, não havendo questionamento público sobre as regras da Igreja. No Brasil é maior este questionamento, assim como possui uma adesão parcial à doutrina da Igreja, ou constantes reclamações sobre aquilo que deve ser seguido.

Basicamente encontramos dois perfis de católicos dentro do escopo da tese que buscou grupos em torno do ensino de métodos naturais: (1) Os que optam pelo método em si são os casais que utilizam o planejamento familiar natural por acreditarem em um método específico e na proposta que ele apresenta para a família, como estilo de vida e de vivência da religiosidade católica, tendo em vista os termos práticos desta vivência. Este grupo tende a

seguir um padrão mais secular de organização familiar, com a esposa trabalhando fora, divisão de trabalho entre homens e mulheres. Apresentam um número limitado de filhos, embora o discurso seja favorável às famílias numerosas. Usam o método como forma de servirem como exemplo para os demais usuários, seguindo a risca para não correrem o risco de testemunharem os possíveis erros do método.

(2) O outro perfil são aqueles que optam por uma coerência doutrinária, que se organizam em uma tentativa de aderir completamente a todos os aspectos doutrinários, inclusive os que se relacionam com a família, sexualidade e reprodução. Estes em muitos casos usam os métodos com resignação, como um dever, acabam tendo uma família grande e, mesmo quando vivenciam momentos de dificuldade, encaram estas como parte da vivência cristã. Possuem uma estruturação familiar mais tradicional, em muitos casos tendo a esposa em casa, e o esposo como provedor familiar.

Além desses dois perfis, foi possível chegar a duas outras categorias que ampliam os termos do debate, como apontado no capítulo 5: católicos não pertencentes aos grupos pesquisados, que não se percebem obrigados a usar métodos naturais, mas que se percebem como podendo usar quaisquer métodos contraceptivos, sem que considerem que esta atitude afeta sua adesão ao catolicismo, o que é largamente comum no Brasil. Nos Estados Unidos, o uso dos métodos artificiais pelos católicos leva em geral ao silêncio temendo o confronto com as dioceses ou paróquias. Há ainda o grupo de católicos que não evita filhos nem utiliza métodos naturais, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, e que pode ter contato pelas redes sociais.

No entanto, independente do perfil a qual o casal ou a pessoa se enquadra, podemos perceber o principal ponto abordado pela tese, *que as escolhas individuais puras geram tensões entre os diferentes compromissos assumidos e entre as expectativas criadas por homem e mulheres*. Ou seja, encontramos realidades onde se escolhe o parceiro a qual quer se relacionar e casar, o método de planejamento familiar que quer utilizar, a religião para se orientar, escolhas estas que aparecem como se fossem exclusivamente individuais, mas que implicam em tensões entre o que é ser pai, mãe,

profissional, esposo, esposa e disputas entre os membros da família. A primeira e principal tensão que encontramos é a que acontece entre o homem e a mulher, em seu relacionamento conjugal e familiar. Embora aconteça a escolha inicial de se relacionarem, as demais escolhas, por mais individuais que sejam afetam o cotidiano e as possibilidades de escolha do parceiro. E neste sentido a elaboração ou adesão a um projeto de vida familiar pode pesar mais ou menos para o homem e a mulher.

Há também as tensões geradas entre os padrões e exigências sociais, oriundas dos diferentes discursos levantados pela presente tese, e as escolhas individuais e do casal. Há a cobrança para que as mulheres tenham uma vida profissional estabelecida, a exemplo dos homens, mas que também mantenham os compromissos e funções familiares, como mães, esposas e donas de casa. Quando há a opção por parte da mulher de abandonar a vida profissional, mesmo que durante um período curto, esta encontra uma forte reprovação e em alguns casos, do próprio marido, por forçar a este o aumento da responsabilidade acerca do sustento da família.

A quantidade de filhos que o casal conceberá é outro fator que gera tensão, pois nos dias de hoje se tornou ainda menos comum famílias numerosas, sendo o padrão de dois filhos o mais comum. Pensando a relação homem e mulher, as tensões se baseiam no maior peso que a mulher carrega no percurso entre a gravidez, o parto, o puerpério e os posteriores cuidados com a criança. Mesmo sendo um projeto do casal, é ela que precisa reduzir o ritmo da vida profissional e os demais planos para poder gestar e educar os filhos. Nos EUA percebeu-se uma maior naturalidade desta divisão de trabalho feminina e masculina, embora o maior peso para a mulher seja visto com dificuldade nas entrevistadas mais jovens. No Brasil percebemos maior resistência, inclusive dentro da Igreja, em relação às famílias numerosas. Encontramos muito relatos de pessoas que receberam críticas ou perderam apoio da família e dos amigos, conforme a família ia crescendo.

A vida sexual do casal é um tema que encontra grandes dificuldades e pontos de tensão e disputa. A maior liberdade sexual, com o maior discurso e fala sobre a sexualidade chegou à Igreja e trouxe mudanças em seu discurso,

embora não haja modificações em sua doutrina. No entanto, a perspectiva do catolicismo, formatado em um belo discurso não é suficiente para amenizar a disciplinarização e as formas rígidas de controle sexual causados pelos aspectos doutrinários e pelas regras impostas pelos métodos naturais aprovados pela Igreja. Desta forma encontramos tensões e disputas entre homens e mulheres que, em alguns casos, não conseguem satisfazer as próprias expectativas e desejos e se veem obrigados a satisfazerem o outro, como parte do acordo firmado dentro do casamento, elaborando assim diferentes formas de solucionar estas tensões e disputas.

Neste aspecto há uma diferença relevante entre os homens e as mulheres acerca das consequências da escolha por um determinado método natural. As técnicas de controle da fertilidade e as regras dos métodos para evitar ou conseguir a gravidez faz com que haja o regramento dos dias possíveis de relações sexuais. Deste modo, em geral, a responsabilidade não só do acompanhamento da fertilidade, bem como deste controle dos momentos de exercício da sexualidade centra-se na mulher, levando-a a uma rotina rigorosa do controle de sua fecundidade, possibilitando o uso desta informação como forma de poder sobre o homem, mas também imputando a ela a responsabilidade de uma possível gravidez ou insatisfação sexual do casal. Para o homem, o conhecimento das regras, bem como dos momentos de fertilidade da mulher oferece a possibilidade de compartilhar as decisões e as consequências das mesmas. Se esta divisão de tarefas e responsabilidades são percebidas como compartilhadas e negociadas, tanto permitem um acordo, como produzem disputas e insatisfações.

Por fim, além das observações acerca da vida reprodutiva e sexual de parte dos católicos, uma das percepções da tese foi em relação às novas formas de organização familiar, com uma experiência da maternidade e paternidade diferentes, seguindo as mudanças das gerações a qual fazem parte. Encontramos homens envolvidos com a paternidade e uma forma de reconhecer o papel da maternidade e estabelecer atividades complementares ou conjuntas, com o casal envolvido em todos os processos desde a concepção até o desenvolvimento e formação dos filhos grandes.

De certo modo, apesar dos casais dos grupos católicos estudados darem um passo atrás em alguns aspectos ligados à liberdade sexual e reprodutiva conquistadas ao longo das últimas décadas, segundo o entendimento de uma escolha “pura” presente na modernidade tardia e na nova intimidade, no dizer de Giddens, seguem parcialmente a sua geração nas novas formas de organizar e estruturar a família, com busca de aceitação das escolhas individuais, flexibilidade na divisão do trabalho do cuidado dos filhos, flexibilidade nas escolhas profissionais masculinas e femininas e nos relacionamentos construídos entre os cônjuges e com os filhos.

Bibliografia

- ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AGUILAR, Luciana Fonseca de. (2006). Religião e adaptação ao mundo: o caso da Comunidade Católica Shalom. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em Sociologia: UnB.
- AZZI, Riolando. (1987). A cristandade colonial: um projeto autoritário. São Paulo: Edições Paulinas.
- BAUMAN, Zygmunt. (2003). Comunidade, a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- BENEDETTI, L. C. Novos rumos do catolicismo. In: Carranza, Brenda *et al* (org.). Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: SP: Ideias e Letras, 2009.j
- Blog Maria Rosa Mulher* – “Vestida de menina.” Disponível em: <http://rosamulher.wordpress.com/2013/06/20/vestida-de-menina/>.
Acessado em: 25 de junho de 2013.
- BOURDIEU, Pierre. (2004). Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus.
- _____ (1998). A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (1998). O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1988) Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. SACHS, Viola (org.). *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF.

- BRASIL. (2005). Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos: uma prioridade do governo/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde.
- BYRNES, Timothy A. (1993). *Catholic Bishops in American Politics*. New Jersey: Princeton University Press.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira (1973). *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Editora Vozes.
-
- _____ (1971). *Igreja e desenvolvimento*. São Paulo: CEBRAP.
- CAMURÇA, Marcelo A. “Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: Carranza, Brenda *et al* (org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: SP: Ideias e Letras, 2009.
- CAREY, Patrick. (1993). *Catholics in America: A History*. Santa Barbara, California: Praeger Publishers.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. (2004). São Paulo: Edições Loyola.
- CAVENAGHI, Suzana (Organizadora). (2006). *Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva*. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA.
- CITELI, Maria Teresa. (2005). *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais*
- DERMOTT, Esther. (2008). *Intimate Fatherhood: A Sociological Analysis*. New York: Routledge.
- DUARTE, Luiz F. D. (2004). A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria F. & Carrara, Sérgio (orgs.). *Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- DUMONT, Louis. (1985). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.

- _____. (2000). Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru, SP: EDUSC.
- ELIAS, Norbert. (2011). O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- EQUIPE DO MÉTODO DE BRASÍLIA. (2013). Cristalização da saliva. Disponível _____ em: http://www.metodosnaturais.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13&Itemid=11.
- FOUCAULT, Michel. (2000) Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____ (2005a) História da sexualidade: I: vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (2006) História da sexualidade: 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (2005b) História da sexualidade: 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal.
- GIDDENS, Anthony. (1991) As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp.
- _____ (2002) Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- _____.(1993) A transformação da intimidade: amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp.
- GIDDENS, G, BECK, U E LASH. (1997). Modernização Reflexiva. São Paulo, Editora UNESP.
- HANN, Kimberly. (2012). O Amor que dá vida - O maravilhoso plano de Deus para o matrimônio. São Paulo: Quadrante.
- HEILBORN, Maria Luiza & BRANDÃO, Elaine. (1999) Introdução: ciências sociais e sexualidade. In Heilborn, Maria Luiza (org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. "Estudos de gênero no Brasil", in: MICELI, Sérgio (org.) O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. (2005). Catolicismo: A Configuração da memória. Rever – Revista de Estudos da Religião, São Paulo, nº. 2, pp. 87-107.

HOORNAERT, Eduardo. (1991). Formação do Catolicismo Brasileiro, 1500-1800. Petrópolis: Editora Vozes.

_____ (1992) História da Igreja no Brasil, tomo II/1. Petrópolis: Editora Vozes.

INGLEHART, Ronald & NORRIS, Pippa. (2004). Sacred and Secular: religion and politics worldwide. Cambridge: Cambridge University Press.

JOÃO PAULO II. Audiência Geral: 10 de Outubro de 1979. O significado da solidão original do homem. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19791010_po.html.

_____. Audiência Geral: 07 de Novembro de 1979. A unidade original do homem e da mulher na humanidade. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19791107_po.html.

_____. Audiência Geral: 16 de Janeiro de 1980. O homem-pessoa torna-se dom na liberdade do amor. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1980/documents/hf_jp-ii_aud_19800116_po.html.

_____. (15 de agosto de 1988). Carta Apostólica Mulieris Dignitatem, Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem_po.html.

_____. (06 de agosto de 1993). Carta Encíclica Veritatis Splendor. Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor_po.html.

_____. (22 de novembro de 1981). Exortação Apostólica Familiaris Consortio. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio_po.html.

KITTAY, Eva F. (2005). "Equality, Dignity and Disability" in Mary Ann Lyons and Fionnuala Waldron (eds.) Perspectives on Equality The Second Seamus Heaney Lectures. Dublin: The Liffey Press.

_____. (1999) Love's Labor: Essays on Women, Equality, and Dependency. New York: Routledge.

KITTAY, Eva F. and WASUNNA, Angela (2005). "Dependency, Difference, and Global Ethic of Longterm Care". The Journal of Political Philosophy, vol. 13.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. IN: GIDDENS, G, BECK, U E LASH. (1997). *Modernização Reflexiva*. São Paulo, Editora UNESP.

LEVI-STRAUSS, Claude. O olhar distanciado. Lisboa: Ed 70, 1986.

LOYOLA, Maria Andréa. (1999) A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In Heilborn, Maria Luiza (org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

MACHADO, Lia Zanotta. *Gênero, um novo paradigma? Cadernos Pagu. Trajetórias do gênero, masculinidades*, n. 11, Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, Campinas, Unicamp, 1998.

_____. *Beijing em balanço: Confrontos políticos e desafios intelectuais*. Revista Estudos Feministas, vol.3, nº2. Florianópolis, 2º semestre de 1995.

- _____. *Feminismo, academia e interdisciplinaridade*. In Costa e Bruschini, Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- _____. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 5, n. 8, Feb. 2001.
- MACHADO, Maria das Dores C. (1996). *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar*, Campinas: Editores Autores Associados.
- _____. (1997). "Identidade religiosa e moralidade sexual entre católicos e evangélicos." In: COSTA, Albertina (org). *Direitos Tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- MAHMOOD, Sabah. (2005). *Politics of Piety: The Islamic revival and the feminist subject*. New Jersey: Princeton University Press.
- MAINWARING, Scott. (1989) *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- MARIZ, Cecília L. "Comunidades de vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?" in: Duarte, L. F. D. *et al* (org.) *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.
- MARIZ, Cecília L. e AGUILAR, Luciana. "Shalom: Construção social da experiência vicacional". In: Carranza, Brenda *et al* (org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: SP: Ideias e Letras, 2009.
- MAUSS, Marcel. (2003). *Técnicas do corpo*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naif.
- MORSE, Richard M. (1988). *O Espelho de Próspero*. São Paulo: Cia das Letras.

- NUNES, M^a José. (1994). "Anticoncepção e comunidade Eclesiais de Base". In: COSTA, Albertina e AMADO, Tina. Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. Rio de Janeiro: Editora 34.
- OMS. (2007). Organização Mundial da Saúde. Departamento de Saúde Reprodutiva e Pesquisas. Planejamento Familiar: um manual global para profissionais e serviços de saúde. Genebra: OMS.
- PAULO VI. (25 de julho de 1968). Carta Encíclica Humanae Vitae. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html.
- PIERUCCI, AF & PRANDI, R. (1996). Realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Editora Hucitec.
- PIO XI. (31 de dezembro de 1930). Carta Encíclica Casti Connubii. Disponível em: <http://www.capela.org.br/Magisterio/conubii1.htm>.
- Planned Parenthood. A History of Birth Control Methods. (November 2006). Disponível em: http://www.plannedparenthood.org/files/PPFA/history_bc_methods.pdf
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade Humana - verdade e significado: orientações educativas em família. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- RIBEIRO, Lúcia. (1994). "De mulheres, sexo e Igreja: uma pesquisa e muitas interrogações. In: COSTA, Albertina e AMADO, Tina. Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. Rio de Janeiro: Editora 34.
- RICHARDSON, D. 2000. Constructing sexual citizenship: theorizing sexual rights. Critical Social Policy, v. 20, n. 1, p. 105-135, Feb.
- SCOTT, Joan. (1995). "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In: Educação e Realidade. Vol.20, n.º 2, pp.71-99, jul/dez.

- SERED, Susan. (1999). "Woman as Symbol and Women as Agents: Gendered Religious Discourses and Practices". In: Judith Lorber, Myra Marx Ferree and Beth Hess, eds. *Revisioning Gender*, Sage.
- SIMMEL, Georg. (2001). *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- SOLINGER, Rickie. (2005). *Pregnancy and Power: a short history of reproductive politics in America*. New York: New York University Press.
- SUÁREZ, Mireya, MACHADO, Lia Zanotta e BANDEIRA, Lourdes. *Violência, sexualidade e saúde reprodutiva*. In Galvão, Loren e Díaz, Juan (orgs.), Saúde sexual e reprodutiva no Brasil. São Paulo: Editora HUCITEC; Population Council, 1999.
- SUÁREZ, M. Gênero: uma palavra para desconstruir idéias e um conceito empírico e analítico. In: I Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil. Gênero no mundo do trabalho. Brasília: [s.n.], 2000.
- TAYLOR, Charles. (1997) *Fontes do self: A construção da identidade moderna(as)*. São Paulo: Loyola.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. (2005). "Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam" in: *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.
- VELHO, Gilberto. (1994). *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VENTURA, Miriam. (2004). *Direitos reprodutivos no Brasil*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro.
- WEBER, Max (1982) "Rejeições religiosas do mundo e suas direções" In *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (2000) *Economia e Sociedade*. Brasília: Ed.UNB.
- WEST, C., *Teologia do corpo para principiantes: uma introdução básica à revolução sexual por João Paulo II*. Madrid: Myrian, 2005.

_____ A teologia do corpo e a nova evangelização. Disponível em:
<http://www.teologiadocorpo.com.br/Home/artigos/a-teologia-do-corpo-e-a-nova-evangelizacao>. Acesso em: 18 de dez de 2011.

WOJTYLA, K. Amor e responsabilidade: estudo ético. São Paulo: Loyola, 1982.